

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO EM HISTÓRIA DA LITERATURA**

**LUCAS MILANO DI GESU**

**A ORATÓRIA DA MULHER AMERÍNDIA: UM ESTUDO DA  
NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA *BOBBI LEE: INDIAN REBEL*, DE  
LEE MARACLE**

**Rio Grande**

**2012**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO EM HISTÓRIA DA LITERATURA

LUCAS MILANO DI GESU

**A ORATÓRIA DA MULHER INDÍGENA: UM ESTUDO DA NARRATIVA  
AUTOBIOGRÁFICA *BOBBI LEE: INDIAN REBEL*, DE LEE MARACLE**

Dissertação apresentada como requisito parcial e último para a obtenção de grau de Mestre em Letras, área de concentração em História da Literatura.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rubelise da Cunha

Data da defesa: 28 de novembro

Instituição depositária:  
Sistema de Bibliotecas – SIB  
Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Rio Grande, novembro de 2012

## RESUMO

Atualmente, o indivíduo está rodeado por inúmeros discursos sociais, e o trabalho literário é a maneira pela qual o escritor demonstra um ponto de vista. Essa característica define a literatura como uma ferramenta ideológica, negando sua existência como produção imparcial, característica que adiciona a qualquer produto literário um significado social. A ideologia do autor não é expressa somente através da narração, ela também é percebida pelo manejo com que ele/ela lida com os componentes estruturais do texto. Como qualquer prática social, o gênero literário é passível de mudanças em sua estrutura, acarretando novos significados. Levando em conta esse aspecto do discurso literário, esta dissertação irá observar no texto autobiográfico *Bobbi Lee: Indian Rebel*, de Lee Maracle, como a presença de traços oriundos da contação de estória altera a estrutura do texto autobiográfico, conforme definido por Philippe Lejeune, incorporando características do *Künstlerroman*. Junto a isso, serão observadas as ações da protagonista em busca de uma nova perspectiva que lhe possibilite definir-se como mulher indígena, em oposição ao comportamento de sua mãe e sua irmã Joyce. Através de sua trajetória pessoal, a protagonista mostra os esforços dos ameríndios para terem reconhecido seu lugar como sujeito político no Canadá.

Palavras-chaves: literatura canadense – discurso literário – autobiografia – mulher indígena

## ABSTRACT

The literary work is the discursive way by which a writer expresses his/her point of view. This feature defines literature as an ideological medium, and not as an impartial creation, adding to any literary production a social meaning. The author's ideology is not only showed by the narrative, it is also expressed by the manner in which s/he deals with the structural components of the text, that is, the genre in which the text is written. As a social product, a genre is passive of changes in its structure, adding new meanings. Considering this fact of the literary genre, the following dissertation analyzes how the presence of oratory in the autobiography *Bobbi Lee: Indian Rebel*, by Lee Maracle, changes the structure of the autobiographic text, as defined by Phillipe Lejeune, and incorporates characteristics of the *Künstlerroman*. Also, we will analyze the protagonist's actions in order to find a new way to define herself as a Native woman, in opposition to the behavior of her mother and her sister Joyce. By her personal search, the main character shows the efforts of many Native people for recognition as political subjects in Canada.

Keywords: Canadian literature – literary discourse – autobiography – Native women

## SUMÁRIO

Introdução .....	6
1. A obra de Lee Maracle e a inserção do ameríndio na literatura canadense .....	10
1.1 Lee Maracle e a renascença da literatura ameríndia canadense .....	10
1.2 <i>Bobbi Lee: Indian Rebel</i> .....	20
2. A materialização da tradição oral nativa na escrita .....	28
2.1 A literatura e a oratória indígena .....	28
2.2 A subjetividade e a coletividade na escrita autobiográfica de Lee Maracle	43
3. A condição social da mulher indígena na visão de Lee Maracle .....	59
3.1 Os estudos feministas e a escrita da mulher ameríndia .....	59
3.2 O processo de formação do sujeito político em <i>Bobbi Lee: Indian Rebel</i>	73
Conclusão .....	93
Referências .....	98

## Introdução

Durante o mestrado em História da Literatura, participei do projeto de pesquisa “Gênero literário e performance: as narrativas indígenas e a literatura contemporânea no Brasil e no Canadá”, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> D.<sup>ra</sup> Rubelise da Cunha. Essa escolha proporcionou-me o contato com obras que têm como ponto em comum a questão indígena. A leitura do *corpus* literário do projeto foi motivada pela necessidade de escolher meu objeto de estudo para a elaboração da dissertação. Entre as diversas narrativas lidas estava o texto *Bobbi Lee: Indian Rebel*, da escritora canadense Lee Maracle. A opção por essa produção aconteceu devido a duas temáticas específicas que me inquietaram enquanto estudioso da literatura. A primeira é a presença de elementos não comuns em uma autobiografia, o que atribui a essa escrita autobiográfica uma função específica; a segunda é em decorrência do retrato do universo cultural indígena corrompido por causa do contato com a cultura do branco.

A presente dissertação, “A oratória da mulher indígena: um estudo da narrativa autobiográfica *Bobbi Lee: Indian Rebel*, de Lee Maracle”, será dividida em três capítulos, sendo cada um subdividido em dois subcapítulos. A primeira unidade, “A obra de Lee Maracle e a inserção do ameríndio na literatura canadense”, será dividida em duas seções. Em “Lee Maracle e a renascença da literatura ameríndia canadense”, o leitor encontrará um panorama a respeito da presença do indígena no cenário literário do país. Essa unidade também é composta por algumas informações biográficas a respeito de Maracle, além de mostrar brevemente os enredos dos demais romances produzidos pela autora. Após a apresentação desses comentários iniciais, no espaço “*Bobbi Lee, Indian Rebel*”, será contado, de forma breve, o enredo desse romance, e, depois disso, apresenta-se uma fortuna crítica referente a essa produção discursiva. Como as obras dessa escritora chamam a atenção de diversos estudiosos no continente americano, a elaboração da fortuna

crítica levou em conta somente os trabalhos que fazem referência ao objeto de estudo desta dissertação. Os trabalhos selecionados fazem menção ao estilo de escrita utilizado pela escritora indígena, ao gênero literário ao qual essa manifestação está vinculada e ao papel desempenhado pelas figuras femininas, representadas pela personagem protagonista, Bobbi Lee, sua mãe e sua irmã Joyce, no decorrente da narrativa.

Em seguida, o segundo capítulo, “A materialização da tradição oral na escrita”, é composto pelo suporte teórico e a análise referente ao gênero autobiográfico. A primeira unidade, “A literatura e a oratória indígena”, tem como meta expor o suporte teórico utilizado, com a finalidade de definir os conceitos norteadores acerca de literatura e oratória, nos quais este estudo se baseia. Os comentários pretendem elucidar a forma pela qual o indígena visualizou na literatura uma ferramenta que permitiu com que ele mostrasse aos indivíduos, integrantes e não integrantes de seu grupo étnico, a realidade singular na qual se encontra inserido. Destaca-se que a utilização do texto literário para esse fim decorre da sua semelhança com a prática nativa da contação de estória, também chamada de oratória. A característica que associa essas duas manifestações discursivas distintas reside no seu caráter social, visto que tanto o produto literário, conforme postulado por Tzvetan Tynianov e J. Todorov, quanto à definição de Maracle acerca da natureza da oratória, mostram que estas são formas por meio das quais o ser humano reflete, compreende, questiona e transmite suas concepções de mundo e de sociedade.

Acrescenta-se que, além da exposição teórica acerca da similaridade entre esses dois produtos sociais, haverá comentários que explicitam como o manejo da palavra literária escrita feito pelo nativo modificou a tradição oral da contação de estória e vice-versa. Junto a essa explanação, o seguinte texto conterá informações de como os aparatos teóricos referentes ao pós-colonialismo e à pós-modernidade influenciaram positivamente a divulgação dessas obras para indivíduos de diferentes grupos étnicos, ampliando assim seu público leitor.

Após esses comentários, a segunda parte desse capítulo, intitulada “A subjetividade e a coletividade na escrita autobiográfica de Maracle”, tem como meta expor os aspectos que permitem a *Bobbi Lee: Indian Rebel* romper com a

classificação normativa imposta pela tradição para definir um texto como autobiográfico. A ruptura com os padrões estabelecidos é possível por causa da presença de traços oriundos da tradição nativa da contação de estória, conforme observado na maneira pela qual a instância e o discurso do narrador são arquitetados. No entanto, o rompimento com a tradição causado pela inserção da oratória não é limitado somente ao aspecto estrutural do texto, mas também a prática nativa altera a função da autobiografia, conforme estipulada por Philippe Lejeune, atribuindo-lhe uma nova significação, e, por consequência, transforma a escrita literária em uma produção híbrida.

Já o terceiro capítulo deste trabalho, “A condição da mulher indígena na visão de Maracle”, tem como objetivo observar a maneira pela qual a temática feminista permeia a obra de Maracle. A primeira parte, denominada “Os estudos feministas e a escrita da mulher ameríndia”, expõe uma visão histórica a respeito do local ocupado e do papel desempenhado pela figura feminina branca ocidental no continente europeu, abrangendo temporalmente os primórdios da relação entre homens e mulheres até a fixação dos colonos em diversos povoados no território americano que, mais tarde, deram origem ao Canadá. Juntamente com os comentários de Simone de Beauvoir, serão utilizados os estudos de outras duas autoras para mapear a condição feminina. A primeira será Gayatri Spivak, visto que a teórica estuda o sujeito feminino inserido no contexto colonial. A segunda será a própria Lee Maracle, pois seus escritos abordam a situação atual na qual a indígena canadense encontra-se inserida, além de comentarem a diferença no posicionamento assumido pelas integrantes dos diversos grupos feministas existentes em seu país.

Este resgate histórico torna-se necessário, pois observa-se que a inferioridade a que foi relegada a mulher indígena encontra-se justificada a partir dos mesmos argumentos utilizados para oprimir a mulher europeia e suas descendentes. Do mesmo modo, a visão do passado do movimento feminista permite compreender o motivo pelo qual esse movimento é composto por diversas ramificações, acarretando, conseqüentemente, a impossibilidade de uma definição una acerca do sujeito social feminino canadense.

A segunda parte desse capítulo, “O processo de formação do sujeito político em *Bobbi Lee: Indian Rebel*”, procura observar como a narrativa em questão contribui para o entendimento dos eventos que proporcionaram à autora a aquisição de sua consciência crítica. Essa visão é possível devido à presença da oratória nessa produção escrita, fato que permite considerar a narradora como uma projeção ficcional da autora, visão justificada ao ter em mente a presença da oratória na composição da narrativa. É sua existência que permite aproximar essa narrativa de cunho autobiográfico ao *Künstlerroman*, gênero literário predominantemente masculino. Depois de observada a relação que a obra estabelece com esse gênero literário, será visto como as experiências vividas por Bobbi, dentro e fora do ambiente familiar, contribuíram para a construção de sua identidade como ativista política em defesa dos direitos de seu grupo. Destaca-se que, para isso, serão observadas as interações que a narradora estabelece com sua mãe e sua irmã Joyce, além do contato que teve com várias personagens masculinas.

Na conclusão desta dissertação, resgatam-se os principais pontos abordados no decorrer deste trabalho, ou seja, a presença do ameríndio no Canadá, a adesão da oratória no texto literário e as formas encontradas pela ameríndia para fazer parte da sociedade canadense. Levando em conta que nenhuma dissertação é um estudo fechado em si mesmo, será sugerida uma maneira de dar continuidade a este estudo, observando como a presença de características da prática nativa da contação de estória altera a escrita e a estrutura do gênero romanesco.

## **A obra de Lee Maracle e a inserção do ameríndio na literatura canadense**

### **1.1 Lee Maracle e a renascença da literatura ameríndia canadense**

Assim como em outros países do continente americano, os primeiros habitantes no Canadá foram os povos indígenas. Como a população local não era organizada em um único Estado-nação, os indivíduos eram divididos em várias tribos, sendo cada grupo dotado de um sistema social, cultural e religioso próprio. Devido ao início do processo de colonização empreendido por ingleses e franceses nas terras canadenses, houve inúmeros enfrentamentos entre as populações nativas e os colonizadores. O resultado dessas lutas foi o extermínio de parte dos grupos nativos e a destruição de inúmeros dispositivos elaborados pelos ameríndios utilizados no ato da contação de estória. Como a população indígena não detinha um modelo de escrita, houve a perda de muitas narrativas literárias, visto que sua transmissão não residia apenas na palavra oral, mas também em recursos cênicos utilizados pelo contador a fim de envolver seu público em sua estória.

É referente ao período colonial que no começo do século XIX foi escrito por jesuítas o primeiro texto que retrata os costumes de populações indígenas no Canadá e assim insere a figura do índio no cenário literário do país. A obra *Jesuit Relations* reúne relatos adquiridos por meio de colonizadores que tiveram contato com indivíduos pertencentes às tribos Huron e Algonkin. Como as primeiras narrações expressam o ponto de vista do colonizador referente à terra e ao seu habitante original, N. E. Currie explicita que a terra habitada pelos indígenas foi definida como “a terra que Deus deu a Caim”, expressão que

inseria o que era frequentemente chamado de *Terra Incognita* (“terra desconhecida” para os europeus) dentro de uma perspectiva bíblica; as descrições da nudez indígena sugeriam em diferentes maneiras um clima temperado e edênico, ou a ausência de cultura, ou selvageria. As contradições e paradoxos implícitos nestes sentidos diferenciados moldaram a primeira representação dos nativos na literatura canadense<sup>1</sup> (2002, p. 800).

Decorrente da visão europeia sobre o habitante local, evidencia-se que o nativo era considerado a partir de uma ótica maniqueísta. Essa visão dualista do nativo só foi modificada devido ao esforço de estudiosos em registrar as narrações orais nativas. Segundo Penny Petrone, no “fim do século dezenove a teoria da cultura morta – a crença de que as populações nativas em breve seriam extintas – motivou um esforço mais sistemático para preservar sua herança oral”<sup>2</sup> (1997, p. 1). Ao mesmo tempo, é a partir do século XIX que começa a publicação de livros produzidos por membros de nações indígenas. O primeiro escrito publicado ocorreu em 1847, com o título de *The Life History and Travels of Kah-ge-gah-bowh*, de George Copway; após três anos, foi reimpresso em Londres, intitulado *Recollections of a Forest Life*. Portanto, nota-se que a inserção da produção nativa no campo da literatura escrita ocorreu de forma tardia.

Entretanto, na primeira metade do século XX, Lally Grauer nota um apagamento da presença de escritores aborígenes no cenário literário do Canadá. A respeito da ausência dessas publicações, a estudiosa aponta para o interesse pela poética moderna como o responsável pela falta da circulação de textos de autores nativos, como se lê no fragmento:

Durante a primeira metade do século XX, ocorreu um hiato na escrita nativa (ou pelo menos na publicação), embora os estudiosos estejam agora dando mais atenção a esse período, redescobrimo trabalhos e escritores como Bernice Loft Winslow (Mohawk), cuja obra *Iroquois Fires* (1995) reúne seus poemas e prosa produzidos dos anos 1930

<sup>1</sup> A citação em língua inglesa a seguir e as demais foram traduzidas pelo autor deste trabalho. Juntamente com o trecho traduzido, será posta uma nota de rodapé com o fragmento original do escritor. O trecho original é: “[...] as the ‘land God gave to Cain’ located what was often called *Terra Incognita* (‘land unknown’ to Europeans) within a biblical perspective; descriptions of Indian nakedness suggested variously a temperate, Edenic climate, or the absence of culture, or savagery. The contradictions and paradoxes implied by these differing meanings shaped the first representation of Natives in Canadian literature”.

<sup>2</sup> “[...] Towards the end of the nineteenth century the ‘doomed-culture theory’ – the belief that Native peoples would soon be extinct – prompted a more systematic effort to preserve their oral heritage [...]”.

aos 1960. A prevalência da poética modernista pode também ter tido o efeito de excluir outras formas de expressão de seu reconhecimento e publicação. Dos anos 1960 aos 1990, ocorreu uma renascença da cultura nativa canadense escrita, principalmente de língua inglesa; e continua a florescer em todos os gêneros: drama, poesia, prosa ficcional e não-ficcional<sup>3</sup> (2002, p. 370).

No trecho citado, nota-se a inadequação das manifestações artísticas nos padrões avaliativos da sociedade ocidental. A exclusão dos escritos indígenas do âmbito literário expõe que os critérios definidores da literariedade de um texto são distintos para ambos os grupos. Todavia, Grauer (2002) ressalta que a literatura aborígene, também denominada First Nations Literature (Literatura das Primeiras Nações), é anterior à produção escrita no país, caso se entenda que a nomenclatura literatura abrange também produções advindas da oralidade. Decorrente disso, a autora afirma que as expressões artísticas indígenas englobam as práticas tradicionais orais da música e do *storytelling* (contação de estória), demonstrações tidas como menores pelos padrões ocidentais tradicionais de literatura.

Ressalta-se que o resgate das narrativas escritas por indígenas é fruto de dois movimentos distintos. A autora alega que:

[...] No fim do século XX, desenvolveu-se, no entanto, uma maior apreciação das formas culturais nativas, parcialmente por causa de teorias como feminismo, pós-modernismo e pós-colonialismo, e em parte porque os próprios escritores nativos clamaram por mudanças de compreensão<sup>4</sup> (GRAUER, 2002, p. 369).

A assertiva evidencia que houve o interesse da academia pelas obras elaboradas por escritores das Primeiras Nações. A motivação foi despertada porque tanto a primeira quanto a terceira abordagem instigam um olhar questionador aos discursos tradicionais apreendidos como verdades absolutas referentes aos papéis históricos ocupados por certos grupos nas relações de poder, enquanto que a

---

<sup>3</sup> “During the first half of the 20th century, a hiatus occurred in Native writing (or at least publication), although scholars are now giving this period more attention, rediscovering works and writers such as Bernice Loft Winslow (Mohawk), whose *Iroquois Fires* (1995) collects her poems and prose from the 1930s to the 1960s. The prevalence of Modernist poetics may also have had the effect of excluding other forms of expression from recognition and publication. From the 1960s to the 1990s, a renaissance of Native Canadian culture occurred in writing, primarily in English; it continues to flower in all genres: drama, poetry, fiction, and non-fiction prose”.

<sup>4</sup> “[...] By the end of the 20th century, however, a greater appreciation of Native cultural forms had developed, partly because of such theories as Feminism, Postmodernism, and Postcolonialism, and partly because Native writers themselves called for changes in understanding”.

segunda conceituação interroga, na literatura, as formas de expressões tidas como literárias, abrangendo dessa forma outras tipologias textuais ao invés de restringir o fenômeno literário somente às categorias tradicionais. N. E. Currie (2002, p. 801) aponta, além de Maracle, outros autores como responsáveis pelo movimento de revalorização do indígena no Canadá: Bernard Assiniwi, Jeannette Armstrong, Tomson Highway e Thomas King. Além dos autores pontuados, Grauer acrescenta a escritora Maria Campbell como uma das vozes responsáveis pelo movimento da renascença indígena. Sua inclusão nesse grupo justifica-se porque seu texto autobiográfico *Half Breed*, editado em 1973, é a primeira publicação a expor a realidade enfrentada pela ameríndia na sua terra de origem, mesma temática abordada por Maracle em *Bobbi Lee: Indian Rebel* no ano de 1975 e em suas publicações seguintes.

Adiciona-se que a citação de Grauer também faz referência ao período atual vivido pelo indígena: a luta pelo seu reconhecimento como um ser integrante da sociedade canadense que possui uma história e uma cultura próprias. É dentro do movimento iniciado nos anos 1960, de revalorização dos hábitos culturais dos primeiros povos, que se enquadram as temáticas abordadas nos livros da escritora Lee Maracle. Ela nasceu em North Vancouver no dia 2 de julho de 1950; é filha de mãe pertencente à nação Métis e pai Salish. Maracle residiu durante parte de sua vida em uma região de baixa renda adjacente à reserva Burrard. Sua educação escolar teve início nas escolas locais de educação primária. Após finalizar o ensino fundamental, começou o ensino médio na Argyle Secondary School, mas não o concluiu. Tempos depois, interessada em história, principalmente aquela relacionada com o seu próprio povo, decide retornar aos estudos, cursando sociologia e escrita criativa na Simon Fraser University, na Columbia Britânica. A autora também trabalhou como professora na En'owkin International School of Writing for Native People (1989-1990) e atuou como palestrante na Universidade de Toronto e na Universidade de Victoria. No ano de 2009, Maracle foi agraciada com a condecoração Honorary Doctor of Letters (Doutora Honorária de Letras) pela St. Thomas University. Embora não possua a qualificação oficial de doutora, a autora já havia atuado como professora na Universidade de Toronto e Universidade de Waterloo (Canadá) e na Western Washington University (Estados Unidos). Essa

experiência no cenário acadêmico só aconteceu devido ao prestígio adquirido por meio de seus trabalhos literários, fato que demonstra sua importância nas letras contemporâneas do país.

Ao comentar sobre seu passado, em uma de suas obras, a escritora afirma:

Eu nasci nos anos 1950 de uma mãe que lutou incansavelmente para alimentar, vestir e abrigar oito crianças e inculcar-lhes alguns princípios fundamentais de cultura, educá-los dentro de nosso sentido original de lógica e história e assegurar que eles ainda seriam aptos a interagir no mundo maior. [...] ela foi capaz de recriar em mim um profundo senso de esperança no futuro, da mesma forma que um orgulho nacional, uma consciência social, honestidade e uma tenaz determinação [...]”<sup>5</sup> (MARACLE, 1996, p. viii).

A herança materna de orgulho étnico é refletida nas suas produções. Nelas, a escritora aborda o papel desempenhado socialmente pelo índio, concedendo destaque à mulher e demonstrando a maneira negativa pela qual o indivíduo indígena é visto tanto por outros nativos quanto pelos descendentes dos colonizadores. Em decorrência do retrato social do nativo, Maracle aponta para a necessidade de mudanças na postura indígena perante a sociedade. As transformações sugeridas pela autora não incentivam a eliminação do modelo de vida tribal; ao contrário, ela defende o resgate da tradição nativa como o mecanismo desencadeador do reconhecimento do ameríndio como membro ativo do Canadá.

No que tange aos seus trabalhos publicados, a autora apresenta um conjunto diverso de escritos literários, já que se dedica à elaboração de textos de diferentes tipologias como o ensaio, a poesia, o romance e o conto. Sua carreira no campo da literatura iniciou com a publicação de *Bobbi Lee: Indian Rebel* no ano de 1975, reimpresso em 1990. Após um período de treze anos, lança *I am Woman: a Native Perspective on Sociology and Feminism* em 1988, reeditado em 1996. Passados dois anos desde o lançamento de seu segundo livro, publica o livro de contos *Sojourner's Truth and Other Stories* e o ensaio *Oratory: Coming to Theory*. É em 1992 que lança seu primeiro romance, *Sundogs*, seguido de *Ravensong* (1993), a

---

<sup>5</sup> “I was born during the 1950s to a mother who struggled relentlessly to feed, clothe and house eight children, instill in them some fundamental principles of culture, educate them in our original sense of logic and story and ensure they would still be able to function in the larger world. [...] she managed to re-create in me a deep sense of hope for the future, as well as national pride, social conscience, fairness and a tenacious will [...]”.

coletânea de poemas *Bent Box* (2000) e o romance *Daughters are Forever* (2001). Sua última obra publicada são os contos presentes em *First Wives Club* (2010). Além disso, Maracle também é coeditora e colaboradora de *Telling it: Women and Language across Cultures*, publicação dos anais da conferência de 1988, e da antologia *My Home as I Remember*, em 2000.

No primeiro romance de Lee Maracle, *Sundogs*, o leitor depara-se com a história da estudante índia Marianne, cujo único interesse em relação a sua etnia, inicialmente, decorre da necessidade de elaborar um trabalho acadêmico para a disciplina de sociologia, sobre casamento e divórcio na comunidade nativa Khatsalano. Junto a isso, o distanciamento do universo nativo é refletido na ausência de interação entre ela e os membros de sua família. O pensamento egocêntrico que governa suas decisões evidencia o egoísmo, o individualismo e o afastamento da personagem dos valores tribais. É ao vivenciar a negação de Elijah Harper em participar do Meech Lake Accord<sup>6</sup>, a interação com sua sobrinha Dorry e a participação no movimento a favor dos Mohawks, que Marianne modifica seu comportamento e visão em relação aos nativos.

Em *Ravensong*, outro evento histórico é utilizado como desencadeador da conscientização do nativo: a gripe de Hong Kong trazida por Raven, o corvo. Concomitante à ação de Raven, é narrado um momento da vida de Stacey, ameríndia de dezessete anos, membro da Wolf Village, que está prestes a concluir sua educação em uma escola fora da reserva, espaço denominado como White Town. Ela deseja ingressar em uma faculdade de educação e assim abrir uma escola na reserva. Por frequentar um ambiente escolar urbano, Stacey interage com a população branca, adquirindo vivências nas duas esferas sociais, fato que a faz comparar os dois modelos de comunidade em seus aspectos estruturais, comportamentais e culturais. No epílogo, é retratada a passagem de vinte e cinco anos entre o enredo apresentado ao longo dos capítulos e o período presente de

---

<sup>6</sup> O seguinte comentário foi parafraseado do site [www.xtimeline.com/evt/view.aspx?id=449240](http://www.xtimeline.com/evt/view.aspx?id=449240). O Meech Lake Accord tinha como objetivo fazer com que Quebec concordasse com o Ato Constitucional elaborado em 1982. Elijah Harper foi o líder político ameríndio que se recusou a aceitar o acordo. Essa atitude é justificada, pois a elaboração do Meech Lake Accord não levou em consideração as necessidades dos povos ameríndios. Além disso, o acordo legitimava apenas a etnia francesa e inglesa como as responsáveis por fundar a nação.

Stacey que, após graduar-se pela UBC em Educação, retorna à reserva, porém não consegue abrir sua escola na aldeia.

Em ambas as manifestações textuais é notada a presença de uma personagem que indaga a respeito da existência de duas concepções de mundo conflitantes. Nas duas primeiras ficções de Lee Maracle, mulheres nativas incorporam em seus pensamentos os padrões impostos pela sociedade tradicional canadense. Ao perceberem que a exclusão e, conseqüentemente, a marginalização do ameríndio canadense são frutos da ordem social vigente, elas buscam nos preceitos indígenas uma forma de suportar e lutar contra o padrão fixado. O mesmo processo de reconhecimento, empreendido por Marianne e Stacey, é feito por Marilyn em *Daughters Are Forever*. Nessa obra o leitor depara-se com Marilyn, mulher nativa inserida na sociedade canadense, atuante na área social no que tange à retirada pelo Estado de crianças de famílias nativas. Ao receber as ponderações feitas sobre o caso de Elsie, mãe que perde a posse de suas crianças devido ao descaso que resulta no falecimento de sua filha mais nova, Marilyn decide denunciar a forma negligente com que o governo trata as crianças indígenas e ajudar Elsie a recuperar a guarda de seus outros filhos. No decorrer dessa trajetória, os eventos fazem com que Marilyn revise sua posição como mulher e como mãe.

Não é somente pelo retrato da situação da mulher indígena que a obra de Maracle desperta o interesse da crítica acadêmica. Posicionando-se contra o conceito tradicional que limita o elemento literário a certas expressões genéricas (épico, lírico e dramático) e textuais (romance, poesia e teatro), sua escrita funde gêneros textuais literários e não-literários. Essa união de gêneros é percebida em *An Am Woman: a Native Perspective on Sociology and Feminism*, sua segunda produção. Petrone afirma que nessa obra,

[...] uma coleção de ensaios autobiográficos, o sofrimento e a dor da autora não significam uma morte sem esperança, para ela a resiliência e a persistência lhe permitem emergir livre e triunfante. Sem se desculpar por sua fúria, Maracle sujeita seus leitores a uma exposição sem remorso da situação contemporânea da mulher nativa<sup>7</sup> (1997, p. 724).

<sup>7</sup> “[...] a collection of autobiographical essays, her suffering and pain do not mean hopeless doom, for her resilience and tenacity enable her to emerge free and triumphant. Unapologetic in her wrath, Maracle subjects her readers to a remorseless exposé of the contemporary state of Native women”.

Com um pensamento similar relacionado a esse texto, Grauer aponta o caráter autobiográfico, a escrita caracterizada pela não-lamentação do momento presente e a conscientização da necessidade de mudança. Além disso, postula que *I Am Woman* “segue a tradição de trazer para a página a voz de uma mulher aborígene forte que, ao revisar sua vida, interroga a sociedade canadense”<sup>8</sup> (2002, p. 374).

No texto em questão, o próprio título elucida pontos que serão discorridos pela escritora. O primeiro é referente ao olhar que mostra as duas temáticas em foco: a sociológica e a feminista, sendo exposto que sua abordagem não procederá a partir do ponto de vista fixado pelo padrão social, étnico e acadêmico canadense, já que a autora explicita a presença da perspectiva nativa na discussão dos dois tópicos. Adiciona-se que o nome dado à obra mostra uma visão particular das temáticas abordadas, aspecto expresso pelo pronome “I” (eu) no título, escolha justificada pela assertiva: “Este livro é todo sobre o que está dentro de mim”<sup>9</sup> (MARACLE, 1996, p. 102). Portanto, uma das inovações encontra-se na integração entre os discursos objetivo e subjetivo da linguagem. Embora Maracle use a subjetividade para tratar dos temas propostos, nota-se que a abordagem segue um raciocínio objetivo, a fim de persuadir seu leitor em relação à validade do seu ponto de vista. A unidade criada pela junção das visões subjetiva e objetiva é fruto da presença de um vocabulário formal, característico de produções científicas como o ensaio, e de uma linguagem subjetiva de origem literária expressa no texto devido à utilização de poemas e narrativas.

Ao comentar sobre a categoria na qual *I Am Woman* poderia ser enquadrada, em uma entrevista, a autora afirma que esse texto “é teoria vinda através da estória”<sup>10</sup> (LUTZ, 1991, p. 172). Maracle explicita esse conceito a respeito da oratória no ensaio “Oratory Coming to Theory”. Partindo do fato de que a comunidade acadêmica impôs uma distância entre o uso técnico da linguagem e sua utilização na oratória, a escritora canadense posiciona-se contra essa atitude. Considerando o manejo do linguajar teórico pelas comunidades indígenas, a escritora alega que “nós

<sup>8</sup> “[...] it follows in the tradition of bringing to the page the voice of a strong Aboriginal woman, who, in reviewing her own life, interrogates Canadian society”.

<sup>9</sup> “[...] This book is all about the inside of me”.

<sup>10</sup> “[...] It’s theory coming through story [...]”.

humanizamos a teoria ao fundir a necessidade humana por uma direção comum – teoria – com a estória”<sup>11</sup> (MARACLE, 1994, p. 237). Dessa forma, *I am woman* não valoriza somente um manejo específico da linguagem, tanto a linguagem acadêmica quanto a oral são importantes para a transmissão do conhecimento, a primeira caracterizada pela objetividade, e a segunda, pela subjetividade. Ambos os discursos validam a percepção do nativo sobre os assuntos discorridos ao apresentar as experiências da narradora e de outros indivíduos referentes ao contato com a população canadense.

Por meio de sua escrita, Maracle tornou-se uma das vozes alternativas significativas, ao visualizar o indivíduo indígena na literatura canadense de maneira não fantasiosa, colaborando assim com o fim caracterização idealizada do ameríndio. Por conceber em seus textos uma figura nativa embasada na realidade social do indígena, as obras de Maracle chamam a atenção não apenas pelo manejo singular da palavra literária, mas também porque seus textos são fontes que possibilitam não somente ao ameríndio, mas também a outros indivíduos, rever o discurso histórico existente a respeito do papel histórico ocupado pelo nativo canadense em seu território.

O retrato do ameríndio feito pela autora objetiva indagar o comportamento e o lugar que este sujeito ocupa no Canadá. A exposição desses questionamentos enquadra Lee Maracle como uma das responsáveis pela renascença indígena, movimento que possibilitou aos ameríndios reavaliarem sua postura social. Mesmo ao abordar temáticas e acontecimentos sócio-históricos que envolveram populações de diversas nações indígenas, o olhar sobre esses eventos é, na maior parte, o feminino, fato observado a partir da leitura dos romances comentados, pois mesmo quando a voz narradora não é passível de distinção genérica, o narrador explora os eventos a partir da ótica das protagonistas.

Em decorrência de incidir o foco na ameríndia, “algumas das consequências do sexismo, racismo e divisão de classes para as mulheres nativas na sociedade canadense são documentadas em todos os trabalhos publicados de Lee Maracle”<sup>12</sup> (GONZÁLEZ, 1994, p. 163). Mesmo tendo sido escrito esse comentário

---

<sup>11</sup> “[...] We humanize theory by fusing humanity’s need for common direction – theory – with story”.

<sup>12</sup> “Some of the consequences of sexism, racism, and classism for Native women in Canadian society are documented in all of Lee Maracle’s published works”.

anteriormente à publicação de *Daughters Are Forever*, é muito pertinente, já que ao menos a produção romanesca da escritora canadense explora os modos pelos quais os acontecimentos históricos que envolvem sua etnia refletem o ordenamento da realidade feminina. Portanto, Maracle busca apontar o lugar a que é relegada a mulher nativa dentro da sociedade canadense, tendo como ferramenta a palavra literária.

Referente à natureza da literatura nativa, Hartmut Lutz, em *Contemporary Challenges: Conversations with Canadian Native Authors*, afirma que os “estudos em literatura nativa que não reconheçam o legado colonial ou o contexto cultural dos autores são bloqueados pela negação intelectual e permanecerão periféricos às questões com as quais os escritores nativos estão preocupados”<sup>13</sup> (1991, p. 1). No caso das produções da autora estudada, sua escrita indaga as verdades inquestionáveis impostas pela sociedade colonial, apresentando uma argumentação de cunho subjetivo, visto que Maracle expõe seu ponto de vista a partir de suas vivências pessoais. É pelo testemunho de sua experiência em seu primeiro trabalho, a autobiografia *Bobbi Lee: Indian Rebel*, que a autora canadense explicita a condição social do ameríndio e, conseqüentemente, da mulher indígena.

A riqueza de informações sobre o sujeito indígena e o manuseio com a palavra garantiu à escritora o reconhecimento como uma das grandes expressões da literatura indígena canadense de língua inglesa, vindo a ser citada em algumas antologias de literatura como *An Anthology of Canadian Native Literature in English* (2005), *Encyclopedia of Literature in Canada* (2002) e *The Oxford Companion to Canadian Literature* (1997). Acrescenta-se que a qualidade de seu trabalho despertou o interesse de estudiosos da literatura no Canadá e em outras localidades. Devido à grande variedade de crítica referente a *Bobbi Lee: Indian Rebel*, serão mencionados somente os textos mais relevantes para a realização desta dissertação.

---

<sup>13</sup> “[...] Approaches to Native literature not acknowledging the colonial legacy or the specific cultural background of the authors are hampered by intellectual denial and will remain peripheral to the issues Native authors are concerned with [...]”.

## 1.2 *Bobbi Lee: Indian Rebel*

Conforme exposto anteriormente, a escolha por esse objeto de estudo foi motivada por sua importância no cenário literário ameríndio, já que *Bobbi Lee: Indian Rebel* é uma das primeiras manifestações literárias, produzida pela escrita de uma mulher ameríndia. A obra expõe dois fatos importantes: o primeiro é a denúncia da marginalidade social e política a que inúmeros nativos estavam submetidos e o surgimento do movimento nativo em busca de inserção na sociedade canadense; o segundo diz respeito ao percurso do sujeito ficcional da autora, a protagonista da narrativa, em direção à conscientização política referente ao lugar ocupado pela mulher indígena no Canadá, caminho esse que será percorrido pelas demais personagens principais da produção em prosa da autora. Junto a isso, o rompimento da obra com os padrões preexistentes que definiam o gênero autobiográfico permite observar como o nativo canadense insere, no universo criado e dominado pelo cidadão branco, traços característicos de sua própria cultura, transformando o texto literário em um produto híbrido, visto que sua escrita encontra-se alicerçada dentro dos padrões tanto da cultura ocidental quanto da nativa.

A leitura das seis partes distintas que compõem a segunda edição de *Bobbi Lee: Indian Rebel* esclarece os eventos vivenciados por Lee Maracle que foram responsáveis pelo despertar da escritora para manifestações sociais que visavam à defesa do sujeito ameríndio. O primeiro segmento, intitulado “Oka Peace Camp – September 9, 1990”, expõe o posicionamento de Maracle acerca do evento envolvendo o governo canadense e a tribo Mohawk. Após esses comentários, há um prefácio de Jeannete Armstrong comentando a relevância dessa narrativa, visto que ela reproduz as diversas condições sociais e os pensamentos da época que moldaram o retrato do índio como sujeito marginal e a necessidade do engajamento político desse grupo para que seus membros possam atuar de forma efetiva na sociedade. Há uma dedicatória a Don Barnett, indivíduo que colaborou com a escrita da obra. O prólogo contém informações a respeito do processo de composição do texto, em seguida começa a narrativa da vida de Bobbi Lee, dividida em quatorze

capítulos. O epílogo traz informações complementares e adicionais aos episódios narrados.

O relato abrange a infância, a adolescência e o início da vida adulta da personagem-título, ações que têm início no ano de 1950 e término em 1969. É pela função desempenhada por Bobbi Lee, o eu ficcionalizado da autora, como narradora de suas próprias vivências, que o leitor conhece os fatos narrados. A narrativa começa pelo período infantil da personagem-título, mostrando através desse resgate a má situação econômica em que sua família se encontrava, as agressões físicas impostas pelo pai e sua saída do lar, agravando a condição financeira, fato que obrigou a mãe, ela e seus irmãos, Ed e Roger, a procurarem emprego para assim conseguirem manter a casa e sustentar os demais habitantes. Devido às experiências racistas vivenciadas na escola, a protagonista adquire um comportamento rebelde e por causa disso é expulsa de casa.

A expulsão do lar marca o início da série de deslocamentos da personagem principal. A ida para diversas localidades possibilita sua interação com pessoas que possuem atitudes e visões divergentes da sua acerca de diversos assuntos que estavam acontecendo no mundo naquele período, fato que a faz refletir sobre a grande variedade de posições que o indivíduo assume na sociedade. Entre essas reflexões, a tentativa de compreender o lugar ocupado pelo ameríndio canadense dentro da sociedade branca.

Na tentativa de elucidar para si a questão do nativo, Bobbi Lee passa a frequentar as reuniões da NARP, Native Alliance for Red Power (Aliança Nativa pelo Poder Vermelho). Destaca-se que o vocábulo *vermelho* é usado para definir o movimento indígena, da mesma forma que é denominado o movimento negro – Black. Sua participação no movimento proporciona-lhe o envolvimento com questões ligadas ao povo nativo, participando assim de protestos contra o governo que visavam à defesa dos direitos indígenas, por exemplo, o Nisqually fish-in, nos Estados Unidos, e o caso Naheny.

Juntamente com sua participação no NARP, Bobbi realiza leituras de Frantz Fanon, Mao Tsé-Tung, Malcolm X e Leon Trotsky, em busca do caminho pelo qual o ameríndio deveria seguir para conquistar sua emancipação no Canadá. Porém, a incompreensão da linguagem acadêmica e a falta de comentários específicos

referentes ao seu grupo étnico tornam as leituras insuficientes para solucionar seu questionamento. Entretanto, mesmo que esses escritos não dessem a resposta para suas inquietações, eles lhe forneceram a base para dialogar sobre a condição do ameríndio no Canadá, e ao fazê-lo ela insere em seus argumentos a experiência pessoal para fundamentar sua perspectiva e criticar as reflexões dos autores citados.

Percebendo que a organização estava tomando um rumo do qual não compartilhava, a narradora e Ray, seu primeiro envolvimento amoroso, saem do grupo e vão para Ashcroft. A mudança para essa localidade permite que ambas as personagens nativas comecem a elaborar eventos que promovem a defesa dos direitos indígenas. Passado um período, primeiro Bobbi e depois seu parceiro retornam para Vancouver e, conseqüentemente, ao NARP, após os demais integrantes concordarem em expulsar Gordie, personagem branca integrante do NARP. Sua exclusão tornou-se necessária porque sua argumentação obstava que os nativos assumissem uma postura mais ativa no grupo. É a partir desse momento que o movimento passa a ser comandado pelos nativos e que Bobbi considera a política como uma opção de vida, terminando assim a narração.

No que diz respeito ao processo de elaboração de sua primeira obra, Maracle afirma:

Fazia parte de um curso em que eu estava participando sobre como fazer histórias de vida. Cada um de nós fez a história do outro. Eu fiz a do meu parceiro, ele a minha e eu ajudei a transcrevê-las. Como a apresentação oral estava boa eles decidiram publicá-la<sup>14</sup> (1991, p. 169).

Ao republicar a narrativa escrita em 1975, *Bobbi Lee: Indian Rebel: The Struggles of a Native Canadian Woman*, na década de 90, como *Bobbi Lee: Indian Rebel*, Sophie McCall percebe que Maracle “não reescreve, mas antes, reestrutura a primeira versão com uma nova introdução, prefácio, prólogo e epílogo”<sup>15</sup> (2002, p.

<sup>14</sup> “It was part of a course I was taking on how to do life histories. We each did each other’s. I did my partner’s, he did mine, and I helped transcribe them. Because the oral presentation was quite good they decided to publish it”.

<sup>15</sup> “[...] Maracle, in 1990, does not re-write but rather re-frames the first version with a new Preface, Foreword, Prologue and Epilogue”.

70). É em decorrência do acréscimo desses segmentos narrativos que se optou pela segunda edição como base para as reflexões que serão expostas posteriormente.

Segundo Catherine Nelson-McDermont, além de dar a conhecer a vida da autora, o texto “também documenta uma mudança histórica de perspectivas do índio com ‘vítimas’ do racismo a guerreiros dinâmicos e efetivos contra o racismo canadense, as políticas de assimilação, a negligência governamental e o roubo de terras”<sup>16</sup> (2002, p. 709). Petrone comenta: “vibrante e chocante, esta ardente biografia tornou-se um documento popular do período para estudiosos dos assuntos nativos contemporâneos”<sup>17</sup> (1997, p. 724).

Em *Yes, But Is It Literature?*, Marta Dvorak observa o surgimento de autores integrantes de camadas marginalizadas e sua apropriação do discurso literário. Em sua análise a estudiosa focaliza dois textos produzidos por ameríndios: *Under the Ribs of Death*, de John Marlyn, e *Bobbi Lee: Indian Rebel*, de Lee Maracle. Em relação aos protagonistas das obras, ela diz que “são clichês ambulantes, meros tipos”<sup>18</sup> (DVORAK, 1995, p. 23) e especificamente sobre o texto de Maracle, Dvorak afirma que a obra “manifesta as mesmas explicações, as generalizações que são exageradas ou reduzidas, os anticlímaxes que involuntariamente reduzem o texto”<sup>19</sup> (1995, p. 24). O seguinte trabalho tem por objetivo expor que o primeiro texto de Maracle apresenta uma protagonista que não pode ser definida como um clichê, pois a narração mostra as vivências que modificaram a maneira pela qual a protagonista concebia-se como sujeito social.

É devido aos dois primeiros trabalhos de Lee Maracle, além de sua trajetória de vida, que Liane Schneider compara o papel desempenhado pela escritora canadense com a autora nativa brasileira Eliane Potiguara. Em *Lee Maracle e Eliane Potiguara: escritoras canadenses e brasileiras discutem construções identitárias a partir de posições descentradas*, a estudiosa brasileira aponta a descentralização como marca fundamental para compreender a escrita das autoras. Por essa razão,

---

<sup>16</sup> “[...] *Bobbi Lee* also documents a general historical shift from perceptions of First Nations persons as ‘victims’ of RACISM to dynamic, effective warriors against Canadian racism, policies of assimilation, government neglect and land theft [...]”.

<sup>17</sup> “[...] Shriill and shocking, this searing memoir has become a popular social document of the period for students of contemporary Native issues [...]”.

<sup>18</sup> “Even the protagonists are walking clichés, mere types”.

<sup>19</sup> “[...] *Bobbi Lee* [...] manifests the same explications, the generalizations that are either over-inflated or understated, actual anti-climaxes that unwittingly deflate the text [...]”.

Schneider afirma que tanto uma quanto a outra vêm na literatura a “possibilidade de rever seus problemas de identidade étnica e de pertencimento nacional” (2010, p. 2), já que elas sofreram por causa da falta de leis governamentais que assegurassem uma melhor situação social ao nativo. A ausência desse amparo é refletida nos textos de Maracle e Potiguara através do retrato de “migrações forçadas, exploração econômica, imposição religiosa, entre outras formas de opressão” (SCHNEIDER, 2010, p. 4).

Outro trabalho que aborda o objeto de estudo dessa dissertação é *“You Just Dont Concern Me Now” vs. “Why We Must Talk”: Lee Maracle’s Biotexts*, de Sandra Carolan-Brozy. A autora investiga, não apenas em *Bobbi Lee: Indian Rebel*, mas nos demais textos autobiográficos da escritora, a primeira versão de *Bobbi Lee: Indian Rebel*, *Struggles of a Native Canadian Woman* e *I Am Woman*, a constituição identitária contida nas obras, discordando da visão de Dvorak. Nas palavras da autora, “ambos os textos revelam sua reorientação, mudando dos valores oriundos da classe média euro-canadense para uma visão descolonizada de mundo e uma definição de si firmemente embasada na cultura nativa”<sup>20</sup> (CAROLAN-BROZY, 1997, p. 64). Através do título da primeira publicação observa-se que a obra aborda os desafios vividos pela ameríndia para ocupar seu lugar na sociedade, tornando a questão feminina o eixo central dessa narrativa. Porém, mesmo não alterando o enredo da obra, o acréscimo do prólogo na segunda publicação faz com que a narração, antes direcionada apenas à mulher nativa, amplie seu público leitor, utilizando a história de Bobbi como um exemplo na tentativa de conscientizar os membros de outras camadas minoritárias.

Um olhar diferente do exposto anteriormente a respeito da obra analisada é proposto por Laura J. Beard, em *Giving Voice: Autobiographical/Testimonial Literature by First Nations Women of British Columbia*, pois o enfoque de sua análise reside na questão do gênero a que a obra pertence. Nesse estudo, a autora considera *Bobbi Lee: Indian Rebel* como integrante da literatura de testemunho, já que, para a estudiosa, na autobiografia analisada “o ser é definido não em termos individuais, mas em termos coletivos”<sup>21</sup> (BEARD, 1996, p. 65).

<sup>20</sup> “[...] Both texts reveal her re-orientation, turning from Euro-Canadian, middle class oriented values towards a de-colonized world view and definition of self firmly grounded in Native culture [...]”.

<sup>21</sup> “[...] The self is defined not in individual terms but in collective terms [...]”.

Seguindo no mesmo caminho, ao ponderar sobre o manejo da autobiografia por Maracle, em *Reviewing Past and Future: Postcolonial Canadian Autobiography and Lee Maracle's Bobbi Lee*, Linda Warley defende que “a autobiografia de Maracle [...] pode ser lida como uma escrita pós-colonial, visto que objetiva especificamente expor e opor a regra do colonizador”<sup>22</sup> (WARLEY, 1996, p. 61). Em seu estudo, a autora revê a tradição do gênero autobiográfico e justifica o retrato do coletivo exposto na obra, por meio de pressupostos teóricos vinculados ao pós-colonial.

Embora Beard e Warley concordem que a narrativa de Maracle não seja um texto moldado dentro dos padrões autobiográficos convencionados, em ambos os estudos a justificativa para a inadequação está nos parâmetros ditados pela cultura acadêmica. Mesmo reconhecendo a presença da contação de estória na autobiografia elaborada por mulheres indígenas, a primeira não reflete a respeito das implicações do contato entre essas práticas discursivas distintas. Diferentemente, este trabalho pretende explorar o contato entre os dois discursos e como essa interação é refletida no texto escrito.

Já Sophie McCall não se limita a comentar apenas o conteúdo acrescentado nas diversas partes da publicação de 1990. A autora busca observar como “as estruturas adicionais de Lee Maracle na edição de Bobbi Lee modificam fundamentalmente a compreensão do texto não modificado”<sup>23</sup> (McCALL, 2002, p. 71), visto que, segundo a autora ameríndia, a narrativa apresentada na segunda edição contém a mesma escrita presente no primeira. Partindo desse princípio, a estudiosa observa a participação da escritora na elaboração de sua própria narração, pois, ao tecer os comentários a respeito da primeira edição, McCall mostra como a colaboração de Don Barnett governou a constituição do primeiro volume, eliminando em certos momentos a voz de Maracle. Ao concluir seu trabalho, a estudiosa afirma que “Maracle, Bussidor e Hungry Wolf transformam a forma genérica do testemunho, do relato e da história de vida etnográfica para ajustarem-se a suas próprias metas”<sup>24</sup> (2002, p. 84). Mesmo reconhecendo o manejo particular

---

<sup>22</sup> “[...] Maracle’s autobiography [...] can be read as postcolonial writing in that it is specifically aimed at exposing and opposing settler colonial rule [...]”.

<sup>23</sup> “[...] Lee Maracle’s additional frames in the edition of *Bobbi Lee* fundamentally change the reader’s comprehension of the unchanged text”.

<sup>24</sup> “[...] Maracle, Bussidor and Hungry Wolf transform the genre modes of the testimonial, report and ethnographic life history to suit their own goals [...]”.

das formações discursivas pelos ameríndios, a autora não atribui essas variações a elementos da cultura nativa.

Outra crítica que estuda *Bobbi Lee: Indian Rebel* é Esther Sánchez-Pardo González, em *Rewriting History, Post-Coloniality and Feminism: Lee Maracle's Autobiographical Works*. Nesse ensaio ela se propõe “investigar o deslocamento político de Maracle das práticas de representação convencionais”<sup>25</sup> (GONZÁLEZ, 1994, p. 161). Assim, González analisa tanto *Bobbi Lee: Indian Rebel* quanto *I Am Woman* como produções que possibilitam novos olhares e, conseqüentemente, novas formas de conhecimento no que diz respeito à história, ao pós-colonial e ao feminismo. Na primeira produção mencionada, a autora reconhece a presença da oratória no texto como o fenômeno desencadeador da mudança na concepção do eu autobiográfico, entretanto é apenas na segunda narrativa que ela aborda a questão do feminismo.

Já em *Life and Writing in Works by Lee Maracle: a Native Canadian Women's Search for Development*, Maira Primo de Medeiros Lacerda analisa a questão da autobiografia como fruto do processo ficcional. Em sua análise, a autora limita-se a observar o uso do microgênero pela escritora canadense, sem considerar a prática nativa da contação de estória. Diferentemente do trabalho desenvolvido por Lacerda, esta dissertação tem como meta explicitar a presença da oratória no discurso autobiográfico de Maracle, levando em conta a definição canônica de Philippe Lejeune para autobiografia.

Com base nos aspectos referidos, nota-se que o aparecimento do ameríndio no cenário literário canadense ocorreu inicialmente pelo olhar do colonizador branco referente aos hábitos praticados pelos nativos. Por causa do contato com a variante linguística do colonizador, o ameríndio conseguiu aprendê-la e, dessa forma, começou a utilizar a nova língua a fim de expressar seus anseios e emoções para um público composto não apenas por membros de sua etnia. Ao dominar a língua do colonizador, os escritores indígenas encontram na literatura uma forma de manifestação para expor a sua concepção de mundo e a maneira com que são tratados pela sociedade advinda do processo colonial.

---

<sup>25</sup> “[...] to investigate Maracle's displacement of conventional representational practices”.

Ressalta-se que a presença de tópicos sociais nas narrativas ameríndias não iniciou com a entrada de escritores nativos no campo da literatura canadense. Pelo contrário, conforme será visto, o ato nativo de contar uma estória oralmente já era, e continua sendo, uma ação que visa à transmissão de perspectivas ideológicas. A inserção do nativo na literatura canadense escrita ocorreu devido às semelhanças entre a oratória e a prática literária que, assim como a oratória, torna-se um instrumento perpetuador de conhecimento e visões de mundo, transformando-se em uma ferramenta ideológica.

## **A materialização da tradição oral nativa na escrita**

### **2.1. A literatura e a oratória indígena**

A linguagem é inerente ao ser humano. Sua existência permitiu a união de indivíduos em agrupamentos, que mais tarde tornaram-se as primeiras sociedades. Sua natureza oral foi de grande valia, pois possibilitou às pessoas a transmissão das experiências individuais para a coletividade. Por causa do elemento linguístico, elas conseguiram passar aos seus semelhantes a compreensão que tinham acerca dos acontecimentos, proporcionando assim a formação de hábitos culturais e de crenças religiosas.

Com a finalidade de deixar o legado do conhecimento adquirido de uma geração para as seguintes, os indivíduos elaboraram, por meio da oralidade e mais tarde pela escrita, narrações que continham suas vivências e descobertas sobre o mundo em que estavam inseridos. A literatura é uma das ferramentas, entre as diversas formas de expressão linguística, utilizadas para a transmissão do conhecimento. Por terem sua origem na linguagem, as manifestações literárias apresentam traços do período em que são produzidas, fato que lhes atribui um caráter social e histórico.

Uma conceituação que defende a função social desempenhada pelo texto literário foi elaborada por J. Tynianov. Em seu estudo, ele afirma que “a obra literária constitui-se num sistema e que a literatura igualmente se constitui em outro” (TYNIANOV, 1973, p.107). A percepção de dois sistemas distintos mostra que o autor percebe a existência de divergências entre os vários meios de expressão tomados pela palavra literária. Ao perceber o texto como um sistema diferenciado

que se integra a outro maior, o estudioso expõe que cada obra apresenta elementos particulares que concedem à produção textual seu caráter literário.

Quando postula sua visão de literatura, Tynianov afirma que “o sistema da série literária é antes de tudo um sistema das funções da série literária, a qual está em constante correlação com as outras séries” (1973, p. 113). Decorrente dessa assertiva, o teórico entende que a formação de um sistema ocorre devido aos papéis desempenhados por esses textos na sociedade. De acordo com o estudioso, os textos integrantes desse conjunto relacionam-se não somente com outras produções literárias existentes, mas também com “outras séries”, sendo estas definidas como “a vida social” (TYNIANOV, 1973, p. 114). Devido a ambas as séries serem formadas pelo “aspecto verbal”, nota-se que elas são oriundas da linguagem.

É partindo da visão proposta por Tynianov que Tzvetan Todorov põe em dúvida o conceito clássico de literatura. O questionamento visa à reflexão a respeito da natureza do fenômeno literário. Segundo o autor, a literatura é definida por duas entidades:

Chamemos “funcional” à primeira ideia de identidade: a que considera a literatura como um elemento de um sistema mais vasto, porque essa unidade *faz parte* dela, e “estrutural” à segunda, em que procuramos saber se todas as instâncias que assumem uma mesma função participam das mesmas propriedades [...] (TODOROV, 1981, p. 14).

Levando em conta o primeiro aspecto invocado pelo teórico a fim de caracterizar a literatura, nota-se que ela é uma ramificação de outro sistema social vigente, ou seja, ela pertence ao sistema linguístico. Tendo sua origem a partir da palavra, as produções englobadas no sistema literário são analisadas em decorrência do seu caráter textual fazendo com que elas constituam uma tipologia discursiva. Destaca-se que a feição literária é apenas uma configuração atribuída ao discurso, já que existem outros gêneros discursivos.

Ao passo que a primeira identidade insere a literatura como uma fração integrante a um grupo maior, a segunda diz respeito à composição literária. Da mesma maneira que Tynianov, Todorov, ao definir um aspecto estrutural, reconhece que existe um arranjo interno na disposição dos elementos textuais que distingue as manifestações literárias dos demais produtos linguísticos. Acreditando que a

literatura possui um aspecto estrutural, o teórico reflete sobre a existência de um papel específico desempenhado por ela na sociedade.

Na concepção do autor búlgaro, as obras devem ser estudadas em decorrência da sua função social. Além de guiar o estudo das produções artísticas, esse trajeto permite a compreensão dos constituintes presentes nas obras estudadas, pois é somente através do uso que é possível traçar a relevância dos elementos estruturais nos produtos literários. Como a visão de literatura defendida pelo teórico apresenta uma relação de reciprocidade entre o texto literário e a sociedade, já que o primeiro influencia no pensamento do indivíduo, Todorov considera a obra literária como fruto do discurso linguístico.

Por acreditar que o gênero literário tem uma essência discursiva, observa-se que o ponto inicial de qualquer discurso reside na relação entre as sentenças presentes no produto discursivo. Afirma Todorov:

[...] a linguagem produz, a partir do vocabulário e das regras de gramática, frases. Ora as frases são apenas o ponto de partida do funcionamento discursivo: essas frases serão articuladas entre si e enunciadas num certo contexto sócio-cultural; transformar-se-ão em enunciados e a língua em discurso. Além disso, o discurso não é só um, mas múltiplo, tanto nas suas funções quanto nas suas formas [...]. Qualquer propriedade verbal, facultativa no nível da língua, pode ser obrigatória no discurso; a escolha operada por uma sociedade entre todas as codificações possíveis, determina o que se chamará o seu *sistema de gêneros* (TODOROV, 1981, p. 24).

Considerando o ponto de vista do autor, uma produção textual adquire sua feição literária através do julgamento acerca do texto. É esse evento que possibilita ao indivíduo refletir sobre a relevância do produto em questão, desencadeando a formação de sentido. Ressalta-se que o entendimento elaborado pela pessoa leva em conta fatores externos à produção escrita, como os hábitos culturais, grupo social ao qual a obra atinge e o conhecimento do leitor acerca do assunto. Apenas quando possuir uma significação na sociedade é que a obra literária será um discurso.

Ainda referente ao excerto destacado, Todorov aponta para as múltiplas formas do discurso existentes nas comunidades linguísticas. Por causa disso, fica evidenciado que um assunto pode ser abordado por diferentes linguagens, desde

que sejam respeitadas as especificidades de cada manifestação discursiva. O próprio autor comenta sobre a importância dos traços distintivos do discurso, pois devido às singularidades de cada código é que se torna possível reuni-los em um sistema de gênero. Portanto, as produções de cunho literário são uma maneira utilizada, entre as várias opções discursivas, pelo ser humano para comunicar-se com os demais indivíduos. A interação acontece devido ao reconhecimento, pela comunidade, de uma estrutura interna que arquiteta o texto. Logo, o autor declara que “os gêneros literários não são outra coisa senão uma escolha entre os possíveis do discurso, tornado convencional pela sociedade” (TODOROV, 1981, p. 24).

Ao postular que o sistema genérico tem sua origem pautada no discurso, o teórico búlgaro reflete acerca da significação carregada pelo termo em questão.

Um discurso não é feito de frases, mas de frases enunciadas, ou de forma ainda mais breve, de enunciados. Ora a interpretação de um enunciado é por um lado determinada pela frase que se enuncia e por outro pela sua própria enunciação. Esta enunciação inclui um locutor que enuncia, um alocutário a que nos dirigimos, um tempo e um lugar, um discurso que precede outro que segue; numa palavra, um contexto de enunciação. Noutros termos ainda, um discurso é sempre e necessariamente um acto de fala (TODOROV, 1981, p. 49).

A partir do excerto, nota-se que a compreensão de qualquer enunciado exige a análise de elementos de natureza linguística, como a disposição dos vocábulos, os seres que o produzem, o momento e o local em que a enunciação é dita. Desse modo, um discurso apresenta uma interação entre dois indivíduos, um que emite o enunciado e outro a quem a enunciação é dirigida. No caso do texto literário, o papel do locutor é ocupado pelo narrador, enquanto que o alocutário é o próprio leitor. Da mesma forma, percebe-se que a enunciação é marcada pela história, visto que qualquer discurso apresenta marcas advindas de um determinado espaço físico e temporal. Por causa disso, torna-se possível associar o gênero literário a um ato de fala, pois ambos são impregnados da intencionalidade do locutor e é a intenção do sujeito emissor que faz com que o discurso seja carregado de conhecimento.

Devido ao seu caráter intencional, muitas vezes a literatura foi usada como mecanismo de disseminação das concepções de mundo das camadas sociais dominantes. A dispersão desses ideais tinha como meta validar a visão desse grupo

como o único modelo correto a ser seguido. Um exemplo desse fato é o processo de colonização ocorrido no Canadá, já que grande parte das manifestações literárias produzidas na colônia era centrada na depreciação dos elementos locais em favor do enaltecimento dos indivíduos e valores cultivados pela metrópole. Em decorrência disso, nota-se que, além de evitar a perda do conhecimento adquirido e propagá-lo para as demais gerações, os textos pertencentes à literatura fazem com que os membros de uma comunidade avaliem seus hábitos culturais, tornando-se dessa forma um instrumento ideológico. Portanto, a literatura foi umas das ferramentas utilizadas a fim de transmitir os padrões e crenças do colonizador para os colonizados, conforme Eduard Said destaca em *Cultura e imperialismo*.

Mesmo com a tentativa de eliminar a tradição ameríndia por meio da distorção dos valores desta e da imposição de uma nova cultura, Maracle relata que esse procedimento não atingiu seu objetivo. De acordo com ela, “imperialismo cultural significa alterar a expressão cultural do povo colonizado sem consideração pelas aspirações desse povo. Felizmente, isso não ocorre com a maestria desejada pelos imperialistas”<sup>26</sup> (MARACLE, 1996, p.110). A falha desse procedimento acontece porque ao interagir com novas formas de cultura, o colonizado aprendeu os meios e modos de expressão do colonizador. Ao manejar essas produções advindas da camada dominante, o colonizado acrescenta aspectos singulares de sua cultura, alterando assim a natureza do produto. Tendo como exemplo *Bobbi Lee; Indian Rebel*, de Maracle, é visto que, ao acrescentar a oratória no discurso autobiográfico, a escritora ameríndia rompe com a categorização tradicional de gênero literário, fazendo com que o discurso contido nessa obra se aproxime de outro gênero literário ocidental, o *Künstlerroman*, conforme será explicitado na análise da obra.

Com o passar do tempo, o governo canadense formulou políticas públicas que objetivavam a inserção do ameríndio na sociedade, possibilitando a formação de um grupo social composto por ameríndios que pudessem atuar socialmente. Todavia, a inserção desses indivíduos tinha como meta eliminar a cultura nativa, na tentativa de transformá-los em uma ferramenta manipulável pela população caucasiana. Assim, mesmo havendo leis que defendessem a incorporação do

---

<sup>26</sup> “Cultural imperialism means altering a colonized people’s cultural expression without consideration for the aspirations of the people. Fortunately, this does not occur with the degree of thoroughness desired by the imperialists [...]”.

ameríndio, elas em nenhum momento protegeram-no da discriminação nos ambientes sociais e das errôneas interpretações de sua cultura. Logo, muitos indivíduos incorporaram os ensinamentos transmitidos pelo colonizador, enquanto que outros não; por isso, a comunidade canadense passou a ter duas camadas sociais às quais o ameríndio canadense era associado, conforme mostra o excerto:

Muitos do nosso povo adotaram os caminhos do colonizador. Distorção e decepção são agora um componente integral da cultura de alguns de nós. Acontece que a elite nativa, a deseducada classe média de nossa comunidade, está repleta de pessoas assim [...] <sup>27</sup> (MARACLE, 1996, p. 37).

A partir do fragmento, observa-se que a criação de uma classe econômica composta pelos primeiros habitantes da terra só foi possível devido à aceitação dos valores da camada dominante. Ao incorporar as crenças ensinadas pelo branco, esse grupo afastou-se dos preceitos e hábitos nativos, pois seus integrantes apresentam uma visão não-nativa em relação à tradição ameríndia; em outras palavras, eles a compreendem pela perspectiva do cidadão branco canadense. Ressalta-se que nem todos os indígenas adotaram o pensamento do colonizador, ocupando assim uma posição marginal na comunidade canadense.

Ao refletir a respeito da existência de inúmeras variantes linguísticas e do desaparecimento de certas modalidades orais, J. Edward Chamberlin defende:

Ouvimos frequentemente que a língua define o que é ser humano, individual e coletivamente. Diferentes línguas [...] definem-nos de maneira diferente; dessa forma, enquanto a linguagem pode ser o que nos define como humanos, a língua em prática – diferentes línguas em diferentes usos – determina estas diferenças. [...] o fato duro é que a perda dessas línguas significa a perda dessas diferenças. Existem padrões claros para a perda – ou frequentemente a deliberada destruição – das línguas, e mais do que nunca esse padrão de perda é determinado pelo encontro entre esses dois modos fundamentais de ser no mundo <sup>28</sup> (2003, p. 133).

<sup>27</sup> “Many of our people have adopted the ways of the settler. Distortion and deception are now an integral component of the culture of some of us. It happens that the Native elite, the mis-educated middle class of our community, is loaded down with such people [...]”.

<sup>28</sup> “We are often told that language defines what it is to be human, individually and collectively. Different languages [...] define us differently; thus, while language in the abstract may be what defines us as human, language in practice – different languages in different practices – determines these differences. [...] the blunt fact is that the loss of these languages means the loss of these differences. There are clear patterns to the loss – or often the deliberate destruction – of languages and more

Considerando a passagem, observam-se as duas funções distintas assumidas pelo produto linguístico que serve, ao mesmo tempo, para marcar a individualidade entre as diferentes populações e para inserir o indivíduo em um grupo maior. Assim, é através da linguagem que cada indivíduo expressa seus anseios e conhecimentos aos seus semelhantes. A referência de Chamberlin à aniquilação linguística decorre do contato estabelecido entre os colonizadores e os habitantes nativos. Um aspecto motivador do desaparecimento das línguas ameríndias reside no violento processo de extermínio dessa população durante o período colonial. Além disso, decorrente da ótica eurocêntrica dos descendentes dos colonizadores, o sistema social vigente foi organizado tendo como princípio somente as práticas culturais europeias, tornando obsoletas as concepções de mundo expressas em várias línguas ameríndias.

Adiciona-se que o contato com o pensamento do colonizador, proporcionado pelas instituições de ensino, fez com que o ameríndio adquirisse a variante linguística inglesa e/ou francesa oral e escrita. Com posse dessa aquisição e através do manuseio das mais variadas ferramentas sociais, muitos escritores expõem a marginalização sofrida por sua etnia, fruto do extermínio empreendido pelo processo colonial e do violento método de aculturação, fortemente simbolizado pelas escolas internas, *residential schools*<sup>29</sup>, eventos que desencadearam a perda de inúmeras tradições indígenas. Entre os diversos meios utilizados com a intenção de demonstrar a situação do ameríndio canadense, encontram-se diversos produtos literários como o romance, a poesia e a peça teatral.

O estudo do segmento de cunho indígena na literatura foi possível devido às semelhanças existentes entre a visão sócio-discursiva do produto literário postulada por Tynianov e Todorov e a prática ameríndia da contação de estória, também denominada como oratória. A afinidade entre tais produtos linguísticos deve-se à carga ideológica apresentada em ambas as narrativas. Ao discorrer sobre a

---

often than not this pattern of loss is determined by the encounter between those two fundamental ways of being in the world".

<sup>29</sup> Segundo um artigo publicado pela CBC, estes estabelecimentos de ensino tinham a meta de educar as crianças nativas canadenses. Nessas instituições, elas eram expostas à língua inglesa, aos costumes culturais da população caucasiana e à tradição religiosa cristã.

relevância da oratória e a utilização da escrita pelas nações indígenas, Maracle afirma que

[...] o motivo de ouvir (e agora ler) estória é para estudá-la dentro e em si mesma, examinar o contexto no qual ela é contada, entender os obstáculos que ela apresenta ao ser humano e então ver-nos através da estória, ou seja, transformar-nos de acordo com nossa concordância e entendimento da estória [...] <sup>30</sup> (2007, p. 55).

Ao destacar a necessidade do entendimento da estória por “dentro e em si mesma”, ou seja, compreender o arranjo interno de uma estória e como a organização de seus elementos interfere no sentido que o leitor-ouvinte lhe atribui, a autora expõe que cada produção apresenta um conjunto específico de atributos que estruturam o texto. Dessa forma, destaca implicitamente a existência de várias formações discursivas que circundam o indivíduo socialmente, aspecto este que assemelha seu pensamento ao dos estudiosos russos. Por mostrar a necessidade de um estudo interno da estória oral e escrita, Maracle expõe que o produto literário não contém uma estrutura uniforme e por isso cada manifestação apresenta uma forma específica de lidar com os elementos que a compõem.

Acrescenta-se que é a disposição e o manuseio de tais recursos que permitirá ao texto escrito/oral fazer com que o leitor/ouvinte construa conhecimento a partir de sua interação com esse discurso. Junto a isso, independente da natureza oral ou escrita assumida pela narrativa, o ato de contar uma estória busca levar o sujeito a ponderar acerca do meio em que está inserido, permitindo assim uma mudança na visão de mundo do indivíduo. Ressalta-se que o saber adquirido através da literatura não é uno, ele é múltiplo e cabe ao leitor acessá-lo através da compreensão da leitura realizada.

Ponderando sobre a importância do estudo das estórias, tendo em vista uma concepção nativa de tal ação, Maracle afirma:

Em certo sentido, ficção/mito, estória, é real: é histórica e reflete a vida; é condicionado pelo desejo de refletir as relações de uma

---

<sup>30</sup> “[...] The point of hearing (and now reading) story is to study it in and of itself, to examine the context in which it is told, to understand the obstacles to being it presents, and to see ourselves through the story, that is, transform ourselves in accordance with our agreement with and understanding of the story”.

personagem com o mundo. O estudo Salish procura os obstáculos para o crescimento e transformação, tanto no mundo interno como no externo. Uma vez que o entendimento é alcançado, os criadores de mitos historicizam-no em uma forma que eles esperam que conduza os homens à maturidade social e ao crescimento. O princípio aqui é que crescimento e maturidade são capazes de inspirar uma intervenção e conduzirão à transformação dos arranjos sociais dicotômicos no Canadá<sup>31</sup> (2007, p. 57)

Fica evidente outra semelhança entre a visão defendida pela escritora canadense e a conceituação de Todorov. A similaridade entre os dois conceitos tem origem na existência de uma conexão entre a literatura e o momento histórico. Devido a essa ligação, a autora crê que a produção literária procura desvendar como o ser humano interage com os mais variados eventos sociais e a forma como eles influenciam no comportamento e no pensamento tanto individual quanto coletivo. Por causa dessa conexão, percebe-se que, da mesma forma que Todorov vê a literatura como uma produção de ordem social, o nativo concebe a oratória como uma prática que só tem sentido inserida em uma sociedade. Em decorrência disso, a transmissão de uma narrativa de cunho indígena, seja oral ou escrita, procura explicitar as ações e os motivos que levaram a população nativa a ocupar uma posição marginal no Canadá. A evidenciação desse aspecto tem por objetivo mostrar o indígena como um ser capaz de operar a mudança na forma em que é visto e julgado pelos demais integrantes da comunidade canadense.

Destaca-se que não apenas a inserção da oratória altera o texto escrito, mas também seu registro gráfico modifica a prática nativa. Ao refletir sobre os integrantes envolvidos na contação de estórias, a autora afirma:

O passo final é reconhecer alguém que a relembre como o guardião da estória. [...] Esse processo é tão fluido quanto a maré. Nós sabemos quando a estória nasce. O guardião sabe quando ele/ela

---

<sup>31</sup> “In a certain sense, fiction/mith, story, is real: it is historic and reflects life; it is conditioned by the desire to mirror a character’s relationships with the world. Salish study looks for the obstacles to growth and transformation, both in the external and in the internal world. Once an understanding is achieved, the mythmakers story it up in a way that they hope leads humans toward social maturity and growth. The assumption here is that growth and maturity are capable of inspiring intervention and will lead to the transformation of the dichotomous social arrangements in Canada”.

compromete-se com a sua contação. No mundo moderno, o livro assume a posição do “relembrador”<sup>32</sup> (MARACLE, 2007, p. 67).

A partir do excerto, fica claro que a transição do meio oral para o escrito altera a maneira com que as pessoas interagem com a narrativa. Quando uma pessoa é selecionada como o protetor da narrativa, é sua memória e o seu julgamento sobre a necessidade dela que serão as ferramentas responsáveis por mantê-la no seio de sua comunidade. A natureza oral permite a adesão e a exclusão de eventos, além de mudanças na forma de contar, o que facilita sua tradução para o meio escrito, porque há a impossibilidade de reprodução gestual e vocal de uma narração para a outra. Assim, a adição ou retirada de fatos permite que a estória corresponda às necessidades atuais da coletividade, mesmo com o passar do tempo. Acrescenta-se que a oratória proporciona a existência de múltiplas formas do narrar, visto que é quase impossível para a figura do guardião, ao recontar uma mesma estória, utilizar de maneira idêntica os mesmo recursos linguísticos e não-linguísticos, até porque a narrativa se adapta a cada contexto e público específicos, em oposição à natureza material do texto escrito, pois independentemente do número de leitores que terão contato com a obra escrita, a figura do narrador apresentará sempre a mesma forma de narrar, limitando-se a apenas uma forma como a narrativa é contada.

Ressalta-se que Maracle não é a única estudiosa a explicitar a oratória como ato perpetuador do conhecimento. Chamberlin aproxima seu pensamento com o de Todorov ao definir a função da linguagem, em sua forma pura, quando postula que ela “faz as coisas acontecerem e traz as coisas à vida por mecanismos que são algumas vezes referidos como ‘atos de fala’”<sup>33</sup> (2003, p. 125). Partindo da citação do autor, observa-se que o uso de uma variante linguística, oral ou escrita, possibilita a constituição de eventos e seres não-reais com a intenção de explicar o mundo em que o indivíduo se encontra. A explicação fornecida sempre apresenta indícios das crenças e do modo de vida daquela população, sendo marcada como um ato de fala, já que tais narrações visam a convencer o sujeito acerca da viabilidade do modelo sociocultural vigente. Considerando que essas explanações podem ser

---

<sup>32</sup> “The final step is to recognize a rememberer as guardian/keeper of the story. [...] This process is as fluid as the tide. We know when the story is born. The rememberer knows when she or he has committed to its telling. In the modern world, a book assumes the position of rememberer”.

<sup>33</sup> “[...] makes things happen and brings things into being by means of what are sometimes referred to as ‘speech acts’”.

manifestadas por meio da oralidade, a presença da intencionalidade do locutor não existe somente no texto escrito. Portanto, a existência de comentários sobre a realidade social na estória elaborada pelo orador indígena faz com que as narrativas orais também sejam reconhecidas como produtos dotados de literariedade, ampliando assim o conceito de literatura proposto por Todorov, que limitava o fenômeno literário somente à materialidade escrita do texto.

Partindo da evidência de que as obras dos autores indígenas apresentam uma visão distinta do padrão fixado pela comunidade oficial do país, a literatura atualmente denominada como pós-moderna auxiliou no alcance dessas obras a um público formado por leitores não-nativos. Tal fato originou-se por intermédio da valorização do discurso ex-cêntrico, nomenclatura usada por Linda Hutcheon a fim de conceituar qualquer formação discursiva diferenciada do centro, sendo esse definido como “andro- (falo-), hetero-, euro- e etnocentrismos” (1991, p. 89). O ponto de vista expressado nas produções ex-cêntricas busca a “contestação à centralização da cultura por meio da valorização do local e do periférico” (HUTCHEON, 1991, p. 89). Todavia, ainda que tenha colaborado com a recepção dessas narrativas por um público maior, existe um aspecto que impossibilita a adesão delas à estética pós-moderna. Nas palavras de Lally Grauller,

[...] como muitos trabalhos pós-modernos, a literatura das Primeiras Nações assume que o ser humano só pode ver e entender o mundo parcialmente. Geralmente, entretanto, ela enfatiza a união ao invés da disjunção, baseada no posicionamento de que há um todo interconectado do qual todas as coisas passadas, presentes e futuras são uma parte<sup>34</sup> (2002, p. 369).

Considerando o ponto de vista de Grauller, observa-se que a maioria dos textos pós-modernos destaca a solidão do indivíduo contemporâneo devido à fragmentação de sua identidade coletiva, diferente do produto nativo que ressalta o encontro do ameríndio com os valores tribais e a compreensão de que o momento atual vivido pela etnia decorre de atitudes assumidas anteriormente. Através dos romances de Maracle o leitor tem contato com personagens femininas que

---

<sup>34</sup> “[...] Like many postmodern works, First Nations literature assumes that humans can only partially see and understand the world. Generally, however, it emphasizes connection rather than disjunction, based on the assumption that there is an interconnecting whole of which everything past, present, and future is a part. [...]”.

percebem essa relação causal entre passado e presente e buscam no resgate dos valores e na interação com membros de sua etnia uma maneira de transformar o futuro.

Todavia, não foram somente os estudos da perspectiva indigenista na literatura que contribuíram para a divulgação das obras de autores nativos na comunidade canadense. A teoria pós-colonial vê nas produções nativas um documento de validação do retrato social a que os primeiros habitantes da terra encontram-se expostos, aspecto que motiva a leitura de textos de autores minoritários. Através do questionamento de discursos tidos como verdades universais, essa teoria impulsionou o interesse por tais narrativas, porque elas expõem um olhar diferenciado sobre o processo colonial e o sistema social e cultural dos primeiros habitantes do território, anterior ao contato com o europeu, e as consequências do contato com a concepção de mundo do colonizador. É evidenciado que tanto em *Ravensong* quanto em *Daughters are forever*, o leitor encontra relatos sobre o modelo de sociedade anterior à chegada do homem branco.

Ao validar o ponto de vista do indígena, o pós-colonialismo posiciona-se contra as teorias que tendem a definir o ameríndio como um sujeito inferior por seu padrão cultural ser pautado pela oralidade. Assim, por perceber na voz do nativo a presença de uma argumentação sólida que denuncia a violência presente na colonização, Chamberlin argumenta que “as tradições orais, como todas as tradições expressivas, estão muito envolvidas com as condições de suas linguagens. No caso de muitas populações nativas, isso inclui as condições de expropriação e deslocamento que elas têm experienciado”<sup>35</sup> (2003, p. 140).

Decorrente dessas marcas, o autor acredita que o olhar proporcionado por esse aparato teórico dota de credibilidade os produtos elaborados pelos escritores de grupos marginalizados. Para ele, é através desses discursos que as máculas causadas pela colonização aos povos marginalizados são expostas, tornando assim os discursos elaborados pela população minoritária de um país em ferramentas centrais para a revisão do passado colonial. Nas palavras de Chamberlin,

---

<sup>35</sup> “[...] Oral traditions, like all traditions of expression, are closely involved in the conditions of their language. In the case of many Aboriginal peoples, this includes the conditions of dispossession and dislocation that they have experienced”.

as margens são de fato os centros, e [...] as alternativas “organizadas” que o colonialismo tem de alguma forma nos persuadido a aceitar [...] são extremamente perigosas e em todos os sentidos definitivamente profanas<sup>36</sup> (2003, p.138).

Decorrente do fragmento acima, nota-se o reconhecimento do saber contido nos discursos marginalizados, ou seja, a teoria pós-colonial valida o conhecimento apresentado nas produções formuladas por pessoas que não pertencem à etnia dominante. Devido à valorização dessa escrita, muitas teorias que julgavam as expressões culturais dos povos colonizados como inferiores já caíram em descrédito. No caso da etnia indígena, a negação desses postulados permitiu outro olhar para os textos advindos da oralidade, já que

os textos (de qualquer forma) nunca são apenas agentes transparentes de sentidos abstratos. Sua presença material também gera sentidos de alguma natureza (geralmente muito significante). Isto acontece dessa forma especialmente nas tradições orais, onde composição e performance em alguma medida constituem o fim mais exatamente do que meramente o meio de comunicação<sup>37</sup> (CHAMBERLIN, 2003, p. 140).

Conforme comentado anteriormente, observou-se que o uso da linguagem oral e da escrita permitiu ao ser humano criar formas diversificadas de expressões linguísticas com a finalidade de transmitir o saber adquirido aos seus semelhantes e refletir sobre seu lugar perante o meio social. Mesmo possuindo a mesma função, as manifestações expressas pela escrita foram mais valorizadas do que as advindas da oralidade. Para Walter Benjamin, esse fato está vinculado ao surgimento da imprensa. Segundo o autor,

[...] a consolidação da burguesia – da qual a imprensa, no alto capitalismo, é um dos instrumentos mais importantes – destacou-se

---

<sup>36</sup> “[...] the margins are in fact the centres, and [...] the tidy alternatives that colonialism has somehow persuaded us to accept [...] are extremely hazardous and in every sense ultimately unholy. [...]”.

<sup>37</sup> “[...] texts (of any kind) are never just transparent agents of abstract meanings. Their material presence also generates meanings of some (usually a very significant) sort. This is especially so in oral traditions, where composition and performance in some measure constitute the end rather than merely the means of the communication”.

uma forma de comunicação que por mais antiga que fossem suas origens, nunca havia influenciado decisivamente a forma épica. [...] Essa nova forma de comunicação é a informação (BENJAMIN, 1996, p. 202).

Tal fato é justificado através da estrutura básica da informação. Benjamin afirma que “os fatos já nos chegam acompanhados de explicações”, enquanto que “metade da arte narrativa está em evitar explicações” (1996, p. 203). Considerando esse ponto de vista de vista, nota-se que as explicações fornecidas nas transmissões dos fatos eliminam a necessidade de o receptor refletir sobre as consequências do evento comentado na vida do indivíduo. Em decorrência disso, ao mesmo tempo em que o excesso de detalhes contidos na difusão da informação atribui-lhe um caráter de verdade, ele conduz o leitor/ouvinte para uma determinada interpretação sem que tenha a necessidade de refletir a respeito do fato comentado no texto.

Nota-se que a aquisição da linguagem gráfica possibilitou aos escritores nativos registrarem suas histórias, fazendo com que elas não ficassem limitadas apenas ao meio oral. O registro escrito dessas narrações permitiu que a etnia indígena ocupasse um lugar no panorama literário canadense. Em decorrência disso, o ameríndio não pode ser qualificado como um sujeito alheio às transformações que ocorrem em seu território. Pelo contrário, a atitude do indígena canadense mostra como ele se adapta perante a sociedade urbana e moderna. Ao comentar um aspecto da cultura indígena da tribo Kaxinawá, em seu estudo *As visões da anaconda: a narrativa escrita indígena no Brasil*, Lynn Mario T. M. Souza ressalta a importância simbólica adquirida pelo animal reptiliano. Nas palavras do autor, esse réptil marca “a abertura para a alteridade”, pois ele “muda ciclicamente de pele, e sobrevive graças a transformações periódicas necessárias e constantes” (2012). A partir da explanação feita pelo crítico, observa-se que a aquisição do código linguístico utilizado pelas instituições de poder foi motivada pela necessidade do ameríndio ingressar no sistema social vigente. A obtenção das variantes oral e escrita possibilitou a esses autores a oportunidade de expor para os demais grupos sociais a herança legada a eles pelo processo colonial. Acrescenta-se que a revisão desse legado foi impulsionada por meio da teoria pós-colonial e da estética pós-moderna, fazendo com que discursos tidos como marginais passassem a ocupar uma posição de destaque para a compreensão dos males deixados pela colonização. Consequentemente, as produções de cunho indígena problematizam o

lugar do indígena no Canadá, mostrando as dificuldades e os desafios enfrentados por esse grupo na atualidade.

Devido às semelhanças entre o caráter sócio-pedagógico do produto literário e a oratória, os integrantes de nações indígenas conseguiram expor às demais camadas sociais as condições de vida impostas a sua etnia. Levando em conta que as narrativas indígenas retratam uma mazela social, observa-se que a constituição do texto em torno de um determinado assunto objetiva criar um vínculo entre a ficção e a realidade, possibilitando ao leitor a reflexão e a apreensão de novas perspectivas. No caso de *Bobbi Lee: Indian Rebel*, fica explícita a abordagem e a problematização acerca do que caracteriza a figura da ameríndia no Canadá.

Assim como usufrui da palavra literária para abordar esse tópico, Maracle também discorre sobre a condição da indígena por meio do discurso científico. Em suas ponderações sobre o assunto, a autora defende que a compreensão plena dessa temática não deve considerar apenas o momento atual. Para ela, o pleno entendimento da questão exige o resgate do passado histórico feminino, já que “a ruína sistemática que afeta as mulheres indígenas foi baseada nas mesmas mentiras fundamentais que atingem todas as mulheres no mundo de hoje”<sup>38</sup> (MARACLE, 1996, p. xi). Ao propor que a situação de seu grupo tem origem em argumentos tidos como universais, a estudiosa mostra que existe uma ligação entre a condição da mulher indígena e as demais integrantes da sociedade. Portanto, antes de procurar ações que visem a modificar esse cenário, é preciso entender as circunstâncias que levaram a figura feminina, e conseqüentemente a indígena, à marginalização.

Tendo em vista o percurso traçado, notou-se, primeiramente, que mesmo advindo de tradições culturais dispares, existe uma aproximação entre o texto literário, tido como uma produção de significação social, e a prática da oratória. Decorrente da reciprocidade dessas variantes discursivas, alguns ameríndios, como Maracle, viram no ingresso ao universo escrito literário a oportunidade de expor a dura realidade de sua etnia. Ressalta-se que a entrada de escritores indígenas nas letras canadenses não apagou a oratória da realidade do nativo canadense; ao invés

---

<sup>38</sup> “[...] The systemic breakdown Indigenous women suffer from was predicated on the same fundamental lies which plague all women in the world today. [...]”.

disso, essa prática cultural encontra-se inserida nos trabalhos elaborados, modificando a natureza do produto escrito.

A própria obra que será analisada a seguir é composta por traços que marcam *Bobbi Lee: Indian Rebel* como uma produção híbrida. Essa classificação decorre do fato de ela apresentar características advindas tanto da cultura literária ocidental quanto da prática nativa da contação de estória. O ponto de contato entre essas duas tradições distintas acontece a partir do momento em que Maracle faz uso da tradição ocidental com a finalidade de expor, com sua história de vida, a realidade enfrentada por ela em busca de seu lugar como cidadã canadense. Essa união é possível porque ambos são produtos ideológicos utilizados como formas de intervenção na sociedade. Ao unificar essas duas culturas díspares em sua escrita, a autora nativa consegue problematizar a questão do lugar ocupado pelo indígena e conseqüentemente pela ameríndia, através do manuseio de um gênero discursivo ocidental, a literatura. Junto a essa problemática social, nota-se que o próprio arranjo estrutural da produção analisada questiona a respeito dos componentes textuais internos que permitem denominar a vinculação de uma obra a determinado microgênero.

## **2.2. A subjetividade e a coletividade na escrita autobiográfica de Maracle**

Durante muito tempo, as reflexões em torno dos gêneros objetivavam a definição das peculiaridades existentes em cada discurso, a fim de estabelecer os limites entre eles. Dessa forma, era defendido que cada segmento apresentaria características únicas que não seriam encontradas em conjuntos discursivos diferenciados. Ao refletir sobre a presença dos estudos de gêneros em alguns livros didáticos, John Frow afirma:

gênero na maioria destes “recursos” é entendido taxonomicamente, como um instrumento de classificação com características relativamente fixas (as quais podem então ser modificadas ou combinadas em formas de escrita multigenéricas) e funciona na sala

de aula primariamente na forma de exercícios práticos<sup>39</sup> (2007, p. 1627).

Pelo fragmento, observa-se que, na atualidade, embora cada manifestação genérica seja dotada de aspectos singulares, um único texto pode conter traços pertencentes a outros gêneros discursivos. Destaca-se que o reconhecimento de características únicas em alguns gêneros reforça o caráter normativo da classificação dos gêneros como uma forma assumida pelo discurso. A normatividade na definição não é algo exclusivo dos tempos de hoje, ela sempre existiu, e durante um longo período negava a existência de pontos de contato entre os gêneros. Esse posicionamento influenciou decisivamente o julgamento de críticos e historiadores literários na qualificação dos textos e, como consequência, as normas impostas ditavam como os componentes estruturais seriam usados e, caso um texto não seguisse os critérios estabelecidos, era desvalorizado e até excluído do cenário literário.

Ao observar as implicações da palavra gênero nos estudos linguísticos, Jacques Derrida explicita dois aspectos que desencadearam a postura clássica assumida na definição dos gêneros. O teórico afirma:

[...] Tão logo a palavra “gênero” é pronunciada, tão logo ela é ouvida, tão logo alguém tenta concebê-la, um limite é delineado. E quando um limite é estabelecido, normas e proibições não estão muito longe [...]. [...] gêneros não deveriam se combinar. E se acontecesse que eles se misturassem, por acidente ou por transgressão, por erro ou através de um lapso, então isso deveria confirmar, afinal, que estamos falando de “combinar” a pureza essencial de suas identidades. [...]”<sup>40</sup> (DERRIDA, 2008, p. 56-57).

O fragmento mostra que a normatividade e a negação do caráter híbrido das manifestações genéricas deram origem a postulados embasados por um ideal de pureza. Essa perspectiva impedia a valorização da mistura dos gêneros em uma

<sup>39</sup> “Genre in most of these ‘resources’ is understood taxonomically, as a classification device with relatively fixed features (which can then be modified or combined in ‘multigenre’ forms of writing), and it works in the classroom primarily in the form of practical exercises”.

<sup>40</sup> “[...] As soon as the word ‘genre’ is sounded, as soon as it is heard, as soon as one attempts to conceive it, a limit is drawn. And when a limit is established, norms and interdictions are not far behind [...]. [...] genres should not intermix. And if it should happen that they do intermix, by accident or through transgression, by mistake or through a lapse, then this should confirm, since, after all, we are speaking of ‘mixing’ the essential purity of their identity [...]”.

obra, pois a combinação não possibilitaria o enquadramento do texto aos padrões vigentes. É contra essa idealização de conceitos genéricos puros que Derrida se posiciona, visto que, para ele, o princípio essencial para a origem de gênero reside na aproximação e no contato entre os diferentes tipos de discursos existentes. Nas palavras do autor,

[...] o que eu chamarei de a lei da lei dos gêneros. É precisamente um princípio de contaminação, uma lei de impureza, uma economia parasitária. No código de teorias estabelecidas, se eu posso usá-lo pelo menos figurativamente, eu falaria em um tipo de participação sem pertencimento – uma participação sem ser parte, sem ter que ser um membro em uma série. [...] <sup>41</sup> (DERRIDA, 2007, p. 59).

Ao defender o processo de fusão entre os gêneros, o estudioso mostra que o percurso traçado sobre a vinculação da obra literária ao sistema linguístico-discursivo não permite, na atualidade, ignorar as várias expressões assumidas pela palavra dentro do conjunto literário. A pluralidade de formas torna inviável a classificação das produções genéricas através de critérios homogêneos, pois, dependendo do formato utilizado pelo escritor para moldar seu discurso, a qualidade artística do texto será revelada a partir de elementos estruturais específicos. Conseqüentemente, a literatura atual é composta por uma variedade de textos que são reunidos em torno de algumas características básicas, como a forma e o linguajar. A presença de um aspecto diferente do padrão não desqualifica o trabalho do autor como literatura, pelo contrário, o manejo distintivo feito por um escritor valoriza a obra, marcando o discurso literário como uma produção heterogênea.

Em razão dos diversos discursos existentes sob a denominação de literatura, observa-se que eles apresentam diferenças em organizar os elementos estruturais e se valem de mecanismos variados para a transmissão de sua mensagem, despertando assim o interesse de estudiosos em mapear estruturalmente os componentes inseridos nesses discursos. Em relação aos fatores que guiam o estudo dos gêneros, entre eles o literário, destaca-se que

---

<sup>41</sup> “[...] what I shall call the law of the law of genre. It is precisely a principle of contamination, a law of impurity, a parasitical economy. In the code of set theories, if I may use it figuratively, I would speak of a sort of participation without belonging – a taking part in without being part of, without having membership in a set”.

A existência *histórica* dos gêneros é assinalada pelo discurso sobre os gêneros; isto não quer todavia dizer que os gêneros sejam só noções metadiscursivas e já não discursivas. [...] Como todos sabem, toda a classe de objectos pode ser convertida por uma passagem da extensão à compreensão numa série de propriedades. O estudo dos gêneros, que tem como ponto de partida os testemunhos sobre a existência dos gêneros, deve ter como objectivo único, precisamente, o estabelecimento destas propriedades (TODOROV, 1981, p. 50).

Considerando o fragmento do autor búlgaro, não é descartada a necessidade de uma ponderação teórica a respeito das propriedades que compõem os gêneros, pois ela justifica o uso e a importância adquirida por uma expressão genérica na sociedade. A partir da explicitação desses atributos surge a possibilidade de elencar aspectos distintivos e semelhantes entre os vários discursos sociais, além de expor suas finalidades. Adiciona-se que Todorov não exclui a vinculação do aparecimento ou a ausência de características discursivas com sua concretização na comunidade, visto que cada produção linguística tem uma existência histórica estabelecida pela necessidade do ser humano em expressar-se, demanda que justifica o surgimento, o resgate e a transformação dos gêneros em uma localidade.

Pensando no papel exercido pelos indivíduos na explanação dos critérios de um gênero, o estudioso afirma:

numa sociedade, institucionaliza-se a recorrência de certas propriedades discursivas e os textos individuais são produzidos e concebidos em relação à norma que constitui essa codificação. O gênero, literário ou não, não é mais do que essa codificação de propriedades discursivas.

[...]

“Propriedade discursiva” é uma expressão que eu tomo em sentido inclusivo. Todos sabem que, mesmo que consideremos apenas os gêneros *literários*, qualquer aspecto do discurso pode ser tornado obrigatório. [...] (TODOROV, 1981, p. 51).

Partindo dessa afirmação, os gêneros existentes são convenções estabelecidas pelos indivíduos que os utilizam. Assim, um discurso só será vinculado a determinado gênero se houver traços que permitam o reconhecimento do produto lido a uma denominação existente. Logo, é a presença ou a ausência das “propriedades discursivas” convencionadas que define a qual gênero pertence uma produção. Dessa maneira, a vinculação de *Bobbi Lee: Indian Rebel* à autobiografia é

possível porque a obra atende aos quesitos necessários que definem esse microgênero. Philippe Lejeune, em *O pacto autobiográfico*, observa vários textos com o intuito de definir as normas que coordenam o funcionamento de seu objeto de estudo, a autobiografia. Tido como texto fundamental para se pensar criticamente essa variante discursiva, Lejeune estabelece quatro categorias distintas que um texto deve contemplar a fim de que seja definido como autobiográfico:

1. Forma da linguagem:
  - a) narrativa;
  - b) em prosa.
2. Assunto tratado: vida individual, história de uma personalidade.
3. Situação do autor: identidade do autor (cujo nome remete a uma pessoa real) e do narrador.
4. Posição do narrador:
  - a) identidade do narrador e do personagem principal;
  - b) perspectiva retrospectiva da narrativa (LEJEUNE, 2008, p. 14).

Embora Lejeune tenha listado as características essenciais da obra autobiográfica, a aparente normatividade é destituída pela maleabilidade do escritor no momento da escrita. Referente à presença dos pontos elencados, ele pondera:

É óbvio que essas categorias não são absolutamente rigorosas: certas condições podem não ser preenchidas totalmente. O texto deve ser *principalmente* uma narrativa, [...]; a perspectiva, *principalmente* retrospectiva [...]; o assunto deve ser *principalmente* a vida individual, a gênese da personalidade: mas a crônica e a história social ou política podem também ocupar um certo espaço. [...] (LEJEUNE, 2008, p. 15).

Nota-se que *Bobbi Lee: Indian Rebel* possui os elementos descritos pelo teórico francês. A escritora privilegiou a narração em prosa a fim de dar forma ao texto; a narrativa expõe um momento particular vivido pela personagem, sendo este importante para a constituição de seu caráter social e pessoal. Adiciona-se que, concomitantemente à trajetória de Bobbi, o texto retrata os primeiros passos realizados pelos povos indígenas rumo à conscientização do lugar ocupado por sua etnia, tanto social quanto politicamente.

No que diz respeito à listagem de Lejeune, a obra chama a atenção para o terceiro aspecto proposto pelo estudioso francês, já que a associação entre a

pessoa do autor e o narrador não é evidente. Em parte, a distância entre o indivíduo físico e o ficcional é consequência dos nomes distintos de cada um. No entanto, é a presença do sobrenome da personagem, Lee, que possibilita associá-la à autora, pois esse é o nome dela. Através desse artifício, evidencia-se que a narrativa pertence a um indivíduo específico que é marcado pelas mesmas experiências da autora, transformando a personagem-narradora fictícia em uma projeção ficcional do sujeito empírico Lee Maracle.

Mesmo com a ficcionalização de seu ser, com o término da narrativa, Maracle decide assumir explicitamente a narração dos acontecimentos no epílogo presente no livro. Ao optar por fazer isso, nota-se uma mudança no enredo, decorrente da troca da voz narrativa, conforme mostra o excerto:

Eu estou em minha sala considerando cuidadosamente o antigo manuscrito do qual Bobbi Lee nasceu. Minha juventude desregrada, a loucura do racismo internalizado, minha própria confusão e os buracos tecidos em minha memória retornaram a mim como cobradores de impostos cruéis querendo suas partes do montante.

[...]

[...] Este epílogo pretende preencher os pedaços ausentes que reviveram em minha memória devido ao longo processo de esclarecimento que começou em 1975 – o ano em que eu compreendi que era muito jovem para escrever o segundo volume com alguma exatidão. Algumas dessas memórias são parcialmente explicadas em *I Am Woman*; o resto está inserido aqui nas páginas finais que eu já escreverei sobre Bobbi<sup>42</sup> (MARACLE, 1990, p.199-201).

A partir da referência ao objeto em posse da narradora e a seu segundo livro, singularidade que se observa na segunda edição de *Bobbi Lee: Indian Rebel*, é evidente que Maracle assume a posição de narradora para interagir com o leitor, função até então exercida pela sua representação fictícia. Nesse momento, ela esclarece a necessidade do acréscimo de outros acontecimentos, com o intuito de fornecer informações que complementassem alguns dos fatos narrados, como a

---

<sup>42</sup> “I am sitting in my room mulling over the ancient manuscript from which *Bobbi Lee* was born. My misspent youth, the craziness of internalized racism, my own confusion and the holes rent in my memory had come back at me like cruel bill collectors wanting their pound of flesh. [...]

[...] This epilogue is intended to fill in the missing pieces that came alive in my memory through the long process of unravelling that began in 1975 – the year I realized I was too young to write *Volume Two* with any accuracy. Some of those memories are partially accounted for in *I Am Woman*, the rest are inserted here on the final pages I will ever write about Bobbi”.

exposição mais detalhada do projeto *Think Indian*, adicionando outras como sua viagem à China e sua experiência como mãe. O fragmento também expõe, implicitamente, sua visão em relação a Bobbi, colocando-a como um indivíduo que tem sua existência somente no universo ficcional, visto que a personagem adquire vida pela palavra.

Embora afirme que discorrerá sobre outros acontecimentos da vida da personagem-narradora, a escritora nativa não abdica de sua posição como a enunciadora que conduzirá as demais narrações, aspecto expresso ao posicionar-se como o ser que produzirá, pela escrita, os discursos complementares da vida de Bobbi. A entrada da voz de Maracle na posição de narradora em primeira pessoa ocorre devido à natureza pronominal. Ao estudar a respeito desse fenômeno, partindo do pronome “eu”, afirma Émile Benveniste:

[...] Cada instância de emprego de um nome refere-se a uma noção constante e “objetiva”, apta a permanecer virtual ou a atualizar-se num objeto singular, e que permanece sempre idêntica na representação que desperta. No entanto, as instâncias de emprego de eu não constituem uma classe de referência, uma vez que não há “objeto” definível como eu ao qual se possam remeter identicamente essas instâncias. Cada eu tem a sua referência própria e corresponde cada vez a um ser único, proposto como tal (1976, p. 278).

Considerando o trecho, percebe-se que o pronome “eu” adquire sentido apenas quando levada em conta sua utilização em uma enunciação real, visto que o vocábulo é usado para expressar diversas individualidades. Logo, é sua inserção no discurso que permite a esse pronome adquirir propriedades referenciais, tornando possível sua identificação pelos demais. Assim, é justificada a existência no texto de duas vozes diferenciadas que assumem o lugar do “eu”, visto que o termo é dotado por uma significação singular cada vez em que é usado e é apenas definido a partir de observações no contexto referido.

Junto a isso, outro aspecto que reforça a presença da autora no epílogo é exposto na narração *Think Indian*. Nela, o leitor se depara com a seguinte oração, emitida por uma figura masculina: “Eu nunca abandonarei você, Lee”<sup>43</sup> (MARACLE, 1990, p. 208). A presença do nome Lee chama a atenção pelo fato de que ele nunca

<sup>43</sup> “[...] I will never desert you, Lee”.

havia sido pronunciado por nenhuma personagem com a finalidade de interagir com a protagonista. No decorrer dos quatorze capítulos, a narradora refere-se a si mesma sempre na posição de “eu”, enquanto as demais personagens tendem a chamá-la ou pelo nome completo ou apenas pelo primeiro nome. Esse aspecto destaca a reciprocidade entre o sujeito ficcional e a autora. Embora o primeiro adquira vida apenas por meio do discurso, ambas integram o mesmo ser.

Em conjunto com as características apontadas por Lejeune que especificam uma obra como pertencente ao campo do autobiográfico, o estudioso francês destaca que “para um autobiógrafo, é natural se perguntar simplesmente: ‘Quem sou eu?’” (2008, p. 19). Nota-se aí que o resgate de momentos anteriores, necessário para a escrita autobiográfica, funciona como um mecanismo que permite ao escritor revisar e reavaliar sua trajetória como indivíduo. O resultado desse ato possibilita-lhe responder sua pergunta norteadora, desencadeando um processo de autoafirmação do indivíduo perante o coletivo. A presença desse questionamento marca o microgênero em questão como um produto centrado em um único sujeito, aspecto que o qualifica como uma produção egocêntrica.

Todavia, da mesma forma que a passagem temporal inflige a transformação estrutural nas formas de interação entre os indivíduos, ela também implica a adesão ou o apagamento de traços em um discurso, aspecto já observado por Todorov. Adiciona-se que não é somente o tempo que é capaz de mudar a estrutura e os objetivos dos gêneros na sociedade. O manejo das diversas formas discursivas por membros integrantes das camadas marginalizadas faz com que os textos produzidos por estes apresentem modos de expressão e tradições que divergem dos padrões centralizadores.

Levando em conta a utilização da autobiografia, especificamente pelas escritoras ameríndias, Beard afirma que as obras “utilizam como recursos a tradição escrita euro-americana e as tradições da oratória nativa”<sup>44</sup> (2000, p. 73). Assim, a presença ideológica de autores marginalizados não é manifestada somente pela exposição de temáticas culturais e sociais, ela também é presente na relevância e

---

<sup>44</sup> “[...] drawing on both the written tradition of Euroamerican autobiography and on the traditions of Native orature. [...]”.

na forma como lida com os componentes estruturais das narrativas, diferenciando-as dos padrões fixados, porém isso não as exclui do cenário literário de seu país.

Portanto, qualquer discurso literário é uma produção mutável, passível de estudo somente quando levada em conta sua significação na sociedade. No caso da obra de Maracle, o leitor não se depara com uma definição totalizante de autobiografia, definida a partir de critérios estabelecidos por Lejeune, visto que o texto apresenta vozes narrativas díspares. A disparidade entre o eu ficcional e o concreto também está ligada à forma pela qual o primeiro foi concebido. Ponderando sobre o narrador que expõe o enredo, a escritora ameríndia afirma:

Existem duas vozes nas páginas deste livro, a minha e a de Donald Barnett. [...] O que começou como uma aula de como contar a vida de outras pessoas, transformou-se em um projeto para contar a minha própria história. Nós tivemos divergências em relação ao que incluir e excluir, divergências sobre palavras, voz. No final, a voz que alcançou o papel era de Don, apenas as informações eram minhas<sup>45</sup> (MARACLE, 1990, p. 19).

A partir do excerto, nota-se que houve a influência de um segundo indivíduo físico na constituição desse elemento, reforçando a incapacidade de associação plena entre Maracle e Bobbi, pois somente as experiências transcritas eram do domínio da autora. Como esclarecido por ela, o formato dado ao discurso decorre do conhecimento linguístico de outro sujeito. Logo, a voz narrativa com a qual o leitor tem contato é resultado das interferências desses dois sujeitos reais. Portanto, é a partir da união dos saberes de Maracle e Barnett que é constituído o narrador e sua fala. A intromissão dessas duas vozes na formação do narrador faz com que ambos os seres reais atuem como seletores do discurso do indivíduo ficcional, visto que ao recontar sua trajetória, Maracle escolhe as experiências que devem ser expostas, ao passo que Barnett interfere na forma pela qual Maracle compõe seu texto.

A presença de um segundo ser na elaboração da voz narrativa não deprecia o valor do conhecimento presente no enredo. Pelo contrário, a existência dessa intervenção possibilita associar o texto escrito com a concepção de estudo indígena,

---

<sup>45</sup> “There are two voices in the pages of this book, mine and Donald Barnett’s. [...] What began as a class to learn how to do other people’s life history, turned into a project to do my own. We had disagreements over what to include and what to exclude, disagreements over wording, voice. In the end, the voice that reached the paper was Don’s, the information alone was mine”.

que define essa ação como “um processo coletivo e colaborativo”, sendo o segundo modificador utilizado devido ao “desejo de alcançar um bom entendimento sobre o que é estimado e escondido”<sup>46</sup> (MARACLE, 1990, p. 57). Logo, as discussões acerca de como seria redigido o texto revelam, em primeiro lugar, o compromisso das pessoas envolvidas com a temática abordada e o desejo de que a produção escrita alcance o maior número de leitores. Junto a isso, esse trabalho em conjunto mostra o desejo dos envolvidos em alcançar uma “verdade” mais representativa.

Acrescenta-se que a escrita de Maracle não modifica apenas a essência do narrador, no que tange às características fundamentais do microgênero analisado. Ao inserir marcas da oratória em sua obra autobiográfica, Maracle atribui a esse discurso um novo significado, ampliando a sua significação social. Ao refletir sobre a essência da oratória, a estudiosa postula que:

[...] Oratória é uma pintura; sobre a liberdade entre os seres e sobre considerar a distância entre eles; é sobre relacionamento, e sendo assim, é a vida. Oratória é feita das complexas relações entre os caracteres dispares em seu encadeamento ou ausência. É a estória de eventos padronizados. Oratória é uma estória humana relacionada com a estória de outros seres, e então é ficção, pois acontece enquanto envolve nossa própria imaginação, em relação ‘com todos os seres. A oratória informa as estórias de nossas nações em relação com todos os seres vivos’<sup>47</sup> (MARACLE, 2007, p. 64).

A conceituação acima mostra a finalidade do processo de criação que reveste o ato da oratória. Ao comparar a contação de estória com uma pintura, Maracle esclarece que ela é uma criação que objetiva expor ao seu ouvinte uma realidade na qual existem diferentes formas de interação entre os homens e como o meio interfere nelas, demonstração feita a partir dos eventos narrados. Ressalta-se que quando é inserida em um texto escrito, a oratória não perde sua essência e seu discurso permanece registrado, fato que amplia o número de indivíduos a terem contato com a narrativa. Em decorrência do retrato contido na narração, nota-se que

---

<sup>46</sup> “[...] Study [...] is a collective and collaborative [...] we all wish to come to a good mind about what is cherished and hidden”.

<sup>47</sup> “[...] Oratory is a painting; it is about the freedom between beings and about cherishing the distance between them; it is about relationship, and as such it is life. Oratory is comprised of the complex relations between disparate characters in their concatenation or lack of it. It is the story of patterned events. Oratory is a human story in relation to the story of other beings, and so it is fiction, for it takes place in, while engaging, the imagination of ourselves in relation to all beings. Oratory informs the stories of our nations in relation to beings of all life”.

ela contém sinais da intencionalidade do orador-escritor. Junto a isso, por ressaltar a exposição da história de nações e indivíduos, é evidenciado seu caráter coletivo, ou seja, as narrativas oriundas dessa prática não focalizam apenas o indivíduo, mas sim como esse ser é o reflexo de uma coletividade. É ao expor tais relações que o conhecimento é perpetuado para os ouvintes, fazendo com que esse ato seja dotado de uma carga sociopedagógica.

A prática da oratória em *Bobbi Lee: Indian Rebel* permite a mudança na função do microgênero ao qual a obra está vinculada. Enquanto para Lejeune o autobiógrafo busca na escrita encontrar critérios que definam o seu “eu” a fim de compreender e diferenciar-se dos demais, a presença da prática nativa opera uma mudança na pergunta norteadora do texto. Dessa maneira, em vez de perguntar “Quem sou eu?”, o autobiógrafo questiona-se sobre a maneira como sua singularidade representa o grupo a que pertence, indagando assim: “Quem somos nós?”.

A mudança no questionamento primordial do microgênero possibilita observar o locutor do enredo por outra perspectiva. Tendo por base o estudo de Stephen Tyler, Arnold Krupat observa que o sujeito da narração presente em muitos produtos autobiográficos ameríndios possui uma natureza distinta do contido nas manifestações discursivas ocidentais. Segundo o autor,

[...] Para Tyler [...] metonímia é voltada a relações parte-parte, enquanto sinédoque é relacionada com relações parte-todo. Aqui quero propor que enquanto a moderna autobiografia ocidental tem sido essencialmente metonímica, a autobiografia dos nativos americanos tem sido e continua a ser persistentemente sinedocal, e a preferência por modelos sinedocais do sujeito tem relações com as técnicas orais de transmissão de informações típicas das culturas nativas americanas. [...] <sup>48</sup> (KRUPAT, 1992, p. 216).

É considerando a oração final presente no relato de Oka, que a característica fundamental da contação de estórias fica presente na autobiografia da autora, transformando Bobbi na representação de um sujeito sinedocal conforme postula

---

<sup>48</sup> “[...] For Tyler [...] metonymy is concerned with part-part relations while synecdoche is concerned with part-whole relations. Here I want to propose that while modern Western autobiography has been essentially metonymic in orientation, Native American autobiography has been and continues to be persistently synecdochic, and that the preference for synecdochic models of the self has relations to the oral techniques of information transmission typical of native American cultures [...]”.

Krupat. Neste trecho da narrativa, a escritora afirma: “A vida de Bobbi Lee é sobre os motivos pelos quais nós devemos falar”<sup>49</sup> (MARACLE, 1990, p. 11). A ênfase ao pronome “nós” possibilita considerar a história da narradora-personagem como o retrato de uma história coletiva, atribuindo ao texto autobiográfico uma nova característica. Essa perspectiva decorre do fato de que, ao contar seu passado, Bobbi não assume uma postura reflexiva, pelo contrário, ela tem certeza de quem é e procura com sua narração encontrar indivíduos com uma trajetória e ponto de vista semelhantes.

Logo, é ao coletivo que sua narrativa é direcionada. Observa-se que, embora a narração tenha como foco somente a etnia indígena, o uso do vocábulo “nós” não é limitado apenas ao grupo étnico da narradora-personagem. A citação a seguir explicita os indivíduos inseridos na nomenclatura “nós” utilizada pela autora: “[...] Nós nos ocupamos durante o verão decidindo quem ‘nosso grupo’ é. Eles são uma série de cores: pretos, vermelhos, marrons, amarelo e branco. E nós podemos reconhecê-los por sua lealdade à justiça, paz e solidariedade”<sup>50</sup> (MARACLE, 1990, p.10-11). Referente à menção do coletivo, Warley observa que “o segundo texto é de certa forma menos focado no indivíduo ‘eu’ e mais no ‘eu’ como um membro de várias comunidades”<sup>51</sup> (1996, p. 71). Logo, esse pronome é usado em sentido unificador, ou seja, ele engloba além do indígena canadense, sujeitos de outras etnias que se encontram marginalizados e que possuem a consciência da necessidade da reivindicação de direitos igualitários.

No que diz respeito à participação política de Bobbi, é a partir do nono capítulo que a protagonista começa a envolver-se conscientemente em movimentos públicos que defendiam a inserção do indígena canadense. No momento em que a narradora expõe ao seu leitor sua participação em tais manifestações, a obra mostra uma perspectiva não estereotipada do índio canadense, pois, nas palavras de Elizabeth Cook-Lynn,

---

<sup>49</sup> “The life of Bobbi Lee is about why we must talk”.

<sup>50</sup> “[...] We have been busy over the past summer deciding who ‘our own’ are. They are a range of colours: black, red, brown, yellow and white. And we can recognize them by their loyalty to justice, peace and solidarity [...]”.

<sup>51</sup> “[...] The second text is somewhat less focused on the individual ‘I’ and more focused on the ‘I’ as a member of various communities [...]”.

a ideia de que os indígenas carecem de habilidades políticas, as quais agora podem ser encontradas nas ficções contemporâneas escritas por índios, é um estereótipo que tem sido usado por historiadores durante um século para rejeitar e distorcer as primeiras relações nativo/branco<sup>52</sup> (1996, p. 85).

Por meio de *Bobbi Lee: Indian Rebel*, Maracle demonstra que não era a aptidão para a política que faltava aos nativos, mas sim o conhecimento de como funcionava uma organização política no contexto canadense ocidental. Somente quando os ameríndios adquirem essa noção é que eles conseguem se impor como sujeitos perante a sociedade canadense. A última unidade, “Confronting White Chauvinism”, apresenta a decisão dos integrantes do NARP em excluir Gordie, indivíduo que convenciu os demais membros do grupo pelos seus argumentos, delegando-se assim o controle do movimento a um membro pertencente à etnia branca. A justificativa dada para a exclusão do branco da organização demonstra a conscientização do indígena de que a transformação da situação social de seu grupo é possível apenas quando ele toma o controle das instâncias sociais, podendo assim discutir e agir a fim de satisfazer os anseios de sua etnia. O fragmento a seguir, uma parte do diálogo travado entre Bobbi, Ray e Gerri, mulher nativa que mantinha um relacionamento estável com Ray, explicita a condição que é imposta pelos dois primeiros sujeitos mencionados para reingressarem ao NARP:

[...] Quando ela veio nos ver – enquanto eu estava no River Queen – dissemos que nos envolveríamos com o NARP novamente, mas somente se Gordie saísse e a organização se tornasse exclusivamente indígena. Dissemos que não pensávamos que índios pudessem discutir as coisas seriamente perto de esquerdistas brancos, que sempre pareciam ter as respostas e as explicações “corretas”. Nós não tínhamos que pensar – apenas fazer o que eles nos diziam<sup>53</sup> (MARACLE, 1990, p. 193).

Ao ponderar sobre a essência de um narrador, Walter Benjamin afirma que “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores” (1996, p. 198). Levando em conta a assertiva, qualquer narração parte

<sup>52</sup> “[...] The idea that Indians lacked political skills, which may now have found its way into contemporary fiction written by Indians, is a stereotype which has been used by historians for a century to dismiss and distort early Indian/white relations [...]”.

<sup>53</sup> “[...] When she came over to see us – while I was at the River Queen – we told her we’d involve ourselves with NARP again, but only if Gordie left and it became an all Indian organization. We said we didn’t think Indians could seriously discuss things around white leftists, who always seemed to have the ‘correct’ answers and explanations. We didn’t have to think at all – just do what they told us”.

das vivências do locutor que as transmite para um determinado público, demarcando toda narrativa como a sucessão de eventos passados que são resgatados para o presente. Ressalta-se que ao utilizar o vocábulo “todos”, Benjamin não restringe seu ponto de vista aos narradores de produções escritas, mas também inclui os de manifestações orais.

Em um segundo momento, Benjamin explicita a qualidade principal dessa instância discursiva: “seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é pode contá-la *inteira*. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida [...]” (1996, p. 221). A passagem estabelece a natureza primordial desse elemento estrutural como sendo a narração dos acontecimentos vividos de forma que eles englobem toda a sua vida e experiência. Por enfatizar o laço entre os fatos do enredo e o contador, nota-se que o segundo tem sua existência apenas enquanto exerce sua função, igualando o término da narração ao extermínio do narrador. Entretanto, ao levar em conta o narrador de histórias orais (narrativas) e escritas (romance) a que ele teve acesso, Benjamin estabelece uma diferenciação a respeito da forma como cada um conduz o enredo. Para o teórico,

numa narrativa, a pergunta – e o que acontece depois? – é plenamente justificada. O romance, ao contrário, não pode dar um único passo além daquele limite em que, escrevendo na parte inferior a palavra fim, convida o leitor a refletir sobre o sentido de uma vida (BENJAMIN, 1996, p. 213).

Refletindo sobre a assertiva, ao passo que a instância narradora vinculada ao produto escrito busca por meio da conclusão esclarecer todos os eventos apresentados no enredo, o narrador oral não se preocupa em concluir plenamente sua narração. Aplicando a visão de Benjamin nas duas narradoras do texto estudado, nota-se que ambas as vozes não fixam uma conclusão definitiva nos eventos apresentados por cada uma, o que as assemelha com os narradores da tradição oral. Esse aspecto fica explícito nos dois últimos parágrafos do epílogo:

Nós, eu, nós, nos empenharemos na luta pela autoafirmação, e ao fazê-lo, colocaremos a fundação, o tijolo no qual vocês possam continuar desfazendo a confusão em que todos nós estamos. [...]

Não espere que eu me pronuncie [...] sempre que o racismo mostrar-se. Vocês precisam ir lá e oporem-se por si próprios. Trabalhamos duro o suficiente para vocês<sup>54</sup> (MARACLE, 1990, p. 241).

A leitura dos trechos resgata resumidamente o enredo da obra, expondo a luta enfrentada, pela narradora-autora e por outras pessoas, pela inclusão de pessoas marginalizadas na sociedade. A última oração ainda destaca o posicionamento assumido pelos indivíduos que não aceitam a marginalização e reivindicam direitos que melhorem a situação de sua coletividade. O leitor encontra ainda a reflexão da autora acerca das atitudes tomadas a fim de influenciar na transformação do pensamento da comunidade em que vive, expondo que esse esforço começou no passado e ainda segue sendo realizado pelos demais.

O desfecho não-tradicional é uma característica presente tanto nas produções escritas pós-modernas, nas quais a incerteza que rodeia as personagens impede o fechamento conclusivo do enredo, quanto nos discursos advindos da oratória. No entanto, a justificativa para a presença desse aspecto na narrativa tradicional indígena é outra. Referente à contação de estória, a escritora indígena comenta que “a estória deve rerepresentar os obstáculos futuros que são inerentes à estória vivenciada pelo ouvinte”<sup>55</sup> (MARACLE, 2007, p. 67). Quando a oratória é incorporada no produto escrito, a abertura presente no texto é justificada pela necessidade de chamar a atenção do leitor para a forma em que a temática abordada, no caso, o preconceito étnico, é tratada no mundo empírico. Dessa maneira, o final aberto da narrativa e o direcionamento ao leitor nos dois últimos parágrafos têm como meta o despertar da consciência de que essa batalha necessita a adesão de outras pessoas, reforçando o caráter sociopedagógico da obra literária estudada.

Em relação a *Bobbi Lee: Indian Rebel*, nota-se que a palavra literária é o artifício com que se expõem os problemas enfrentados pelos membros dessa etnia decorrentes do contato com a tradição europeia. Acrescenta-se que, mesmo

---

<sup>54</sup> “We, I, we, will take on the struggle for self-determination and in so doing, will lay the foundation, the brick that you can build on in undoing the mess we are all in. [...] Don’t wait for me to jump up [...] whenever racism shows itself. You need to get out there and object, all by yourself. We have worked hard enough for you”.

<sup>55</sup> “The story must re-present the obstacles to the future that are inherent in the story experienced by the listener”.

abordando as consequências do contato entre os universos do ameríndio e do colonizador, a produção escrita de Maracle evidencia a maneira como a interação com a cultura do Outro resultou na mudança comportamental da mulher indígena, colocando protagonistas que seguem os padrões ditados pela sociedade canadense, porém, ao questioná-los, encontram na tradição nativa uma forma de entender o mundo em que estão inseridas.

## **A condição social da mulher indígena na visão de Lee Maracle**

### **3.1. Os estudos feministas e a escrita da mulher ameríndia**

É por meio da linguagem utilizada nos diversos gêneros discursivos elaborados pelo ser humano para comunicar-se que um indivíduo consegue expor os seus anseios e desejos perante os membros de sua comunidade. Porém, a estratificação social faz com que certos discursos sejam abafados e permaneçam desconhecidos pelos demais membros da sociedade. Um exemplo desse apagamento de vozes reside no discurso contestatório utilizado pela figura indígena feminina a fim de indagar acerca das condições impostas a sua etnia pelas camadas dominantes, perspectiva essa que vem ganhando espaço com muito esforço no seio da sociedade. No entanto, antes de comentar sobre a singularidade da condição da ameríndia canadense, é necessário observar como a situação feminina se moldou no continente europeu por causa da existência de pontos em comum entre as trajetórias dessas duas figuras femininas distintas.

Através de uma análise crítica, Simone de Beauvoir afirma que é devido à ação da figura masculina que a mulher ficou relegada, durante um grande período, à periferia da história. Em seu texto, a estudiosa utiliza-se dos discursos científico e histórico para assim estudar o impacto das atitudes empreendidas pelo homem e como elas moldaram a concepção do “ser mulher”. Beauvoir parte da noção de que “o sujeito só se põe em se opondo: ele pretende afirmar-se como essencial e fazer do outro o inessencial” (1980, p. 12). Logo, nota-se que a fixação de uma identidade exige a presença de dois seres para que haja a enumeração dos traços peculiares de cada indivíduo, pois é apenas pela oposição que ela é definida.

No que diz respeito à história da humanidade, a partir de um ponto de vista ocidental, observa-se que no início era o homem que ocupava a posição de sujeito, enquanto a mulher ficava relegada ao lugar do Outro. Era ele quem interagia com o

meio a fim de prover o sustento e garantir a proteção de seu aglomerado contra ataques de outros grupos e de animais selvagens, ao passo que questões corporais, como o período menstrual, a gestação e o parto, “condenavam-nas a longos períodos de impotência” (BEAUVOIR, 1980, p. 82). Com o passar do tempo, as primeiras comunidades foram fundadas e, novamente, a ação masculina foi responsável por organizá-las através da formação e criação de instituições públicas, moldando a partir de seus atos o meio em que vivia. Já a mulher, devido aos encargos advindos da maternidade, não conseguia atuar na sociedade de forma significativa porque suas atividades não produziam grande impacto nas relações sociais. Decorrente disso, a autora afirma que

engendrar, aleitar não são *atividades*, são funções naturais; nenhum projeto nelas se empenha. Eis por que nelas a mulher não encontra motivo para uma afirmação ativa de sua existência: ela suporta passivamente seu destino biológico. Os trabalhos domésticos a que está votada, porque só eles são conciliáveis com os encargos da maternidade, encerram-na na repetição e na imanência; reproduzem-se dia após dia sob uma nova forma idêntica que se perpetua quase sem modificação através dos séculos; não produzem nada de novo (BEAUVOIR, 1980, p. 83).

Conseqüentemente, como seu trabalho não resultava no domínio e na transformação da natureza, a identidade feminina fixou-se como o oposto da masculina. Os atos do homem possibilitaram a manutenção da vida, visto que, quando concretizados, a coletividade fazia uso de seus resultados; já as atividades exercidas pela mulher beneficiavam somente a um pequeno número de indivíduos. Por intermédio do benefício gerado através das atitudes masculinas é que o homem justifica-se como sujeito e submete a mulher ao lugar do Outro.

Destaca-se que a fixação do homem à terra transformou o modo como a maternidade era vista. Ao invés de uma ocupação obrigatória exercida pela mulher, ela passou a ser considerada como uma “função sagrada” (BEAUVOIR, 1980, p. 87), ou seja, por engendrar a vida, a mulher tinha uma conexão com as forças místicas envolvidas na criação. Decorrente disso, sua existência ficou relacionada com o mundo mítico, o que a afastou do mundo concreto, colocando-a no plano divino. Por causa das distintas realidades a que cada sexo pertencia, ela continua

sendo classificada como o Outro. Em relação à visão atribuída à mulher, a autora postula que

dizer que a mulher era o *Outro* equivale a dizer que não existia entre os sexos uma relação de reciprocidade: Terra, Mãe, Deusa, não era ela para o homem um semelhante; era *além* do reino humano que seu domínio se afirmava: estava portanto *fora* desse reino. O semelhante, o outro, que é também o mesmo, com quem se estabelecem relações recíprocas, é sempre para o homem um indivíduo do sexo masculino [...] (BEAUVOIR, 1980, p. 91).

Dessa forma, o elemento feminino ficou relegado à posição do Outro, negando qualquer existência de vínculos que assegurassem a reciprocidade da interação entre os indivíduos. A negação da mutualidade entre os sexos limitou as possibilidades de intervenção da mulher na ordem social, fazendo com que ela ficasse “condenada a possuir apenas uma força precária: escrava ou ídolo, nunca é ela que escolhe seu destino” (BEAUVOIR, 1980, p. 97). Logo, nos primórdios, as atividades executadas pela mulher, maternidade e os trabalhos domésticos, não foram suficientes para defini-la de forma igualitária ao homem, marcando-a dessa forma pela sua suposta inferioridade perante a figura masculina.

Para Beauvoir, é a função biológica desempenhada pela mulher que a impossibilitou de posicionar-se como sujeito social e histórico, destinando-a aos cuidados do lar. Sobre isso, ela comenta:

Um dos problemas essenciais que se colocam a respeito da mulher é [...] a conciliação de seu papel como reprodutora com seu trabalho produtor. A razão profunda que, na origem da história, vota a mulher ao trabalho doméstico e a impede de participar da construção do mundo é sua escravização à função geradora [...] (BEAUVOIR, 1980, p. 153)

Portanto, a fim de posicionar-se ativamente perante seu grupo, é exigido da figura feminina o domínio de seu corpo, para assim evadir-se dos encargos da maternidade. Tal feito só é possibilitado por meio do manejo de métodos contraceptivos, o que permitiu à mulher controlar sua função geradora. Tendo adquirido uma maneira de esquivar-se de seu papel gerador, ela pode dedicar-se a outras atividades, aumentando suas chances de atuação na sociedade.

No resgate histórico empreendido pela estudiosa, observa-se que, independente da região, do momento histórico e da classe econômica a que a

mulher ocidental estava vinculada, ela era sempre subjugada socialmente à vontade masculina, sendo tratada como o Outro. Por ocupar essa posição, ela ficou submetida a diversas formas de opressão fundamentadas nas esferas cultural, social e religiosa. Elas impuseram à figura feminina, dependendo da classe a que estava associada, códigos de conduta diferenciados, fazendo com que cada camada social definisse o seu conceito sobre o indivíduo feminino. Dessa maneira, houve a divisão das mulheres em pequenos grupos, impossibilitando um julgamento uno por parte da mulher acerca do feminino. Tal fragmentação do feminino levou Beauvoir a observar que,

[...] enquanto as mulheres que, apesar do sexo, teriam podido participar dos acontecimentos, se viam impedidas de fazê-lo como classe, as da classe atuante eram condenadas a permanecer afastadas, como mulheres. Só quando o poder econômico cair nas mãos do trabalhador é que se tornará possível à trabalhadora conquistar capacidades que a mulher parasita, nobre ou burguesa, nunca obteve (BEAUVOIR, 1980, p. 142).

Pela visão da autora, é apenas na sociedade capitalista, onde o trabalho é valorizado através da remuneração monetária, que a condição feminina começa a transformar-se. Com o advento da Revolução Industrial na Europa, a mulher é incorporada ao mercado de trabalho, passando a exercer uma função fora dos domínios do lar, evento que lhe possibilitou conquistar sua autonomia, já que passou a exercer uma atividade econômica. Através da aquisição de renda por seu trabalho, ela consegue inserir-se no mundo ditado pelas leis masculinas e, aos poucos, começa a intervir no andamento da sociedade em busca de melhores condições para seu grupo.

Por causa disso, a estudiosa francesa conclui, considerando os fatos relatados e o momento vivenciado por ela, que “a história das mulheres foi feita pelos homens” (BEAUVOIR, 1980, 167). Dessa maneira, mesmo quando adquirem destaque na sociedade, através de suas reivindicações, a autora declara que elas “fizeram-no de acordo com os homens e dentro das perspectivas masculinas” (BEAUVOIR, 1980, p. 168), ou seja, suas reclamações sociais não estavam voltadas para a satisfação da necessidade feminina. Por exemplo, ao saírem para reivindicar por melhores salários, não o faziam inicialmente pensando na situação singular da

mulher trabalhadora e sim na do trabalhador, independente de seu sexo. Assim, percebe-se que a figura feminina não ocupava o lugar de sujeito no rumo dos acontecimentos sociais. Somente mais tarde ela passaria a exigir melhorias que atendessem suas próprias necessidades.

Ao mapear a condição feminina na Europa, a autora retratou as circunstâncias que determinaram a desvalorização não apenas da europeia, mas também da figura feminina oriunda de outras localidades, como as mulheres americanas. As similitudes históricas sobre o papel feminino exercido nessas duas regiões distintas são ocasionadas pelo processo de colonização sofrido pelos países americanos, como o Canadá. Com a finalidade de manter a posse da terra, as metrópoles fundaram povoamentos para assim defender o território conquistado e seus recursos de outras nações europeias. Os colonos que vinham para habitar as regiões povoadas mantinham os mesmos costumes da região metropolitana.

O contato com os primeiros habitantes da terra e sua tradição em nada modificou as práticas culturais exercidas pelos colonizadores, fato justificado pela visão eurocêntrica de que somente o conhecimento e as crenças importadas da Europa eram corretos, o que depreciava qualquer prática divergente. Foi o egocentrismo europeu que justificou a devastação de inúmeras aldeias nativas, relegando o nativo a uma posição marginal dentro de sua própria terra. Nem mesmo a independência do domínio colonial e as políticas de incorporação do nativo contribuíram para a transformação social, porque as normas de conduta vigentes na comunidade seguiam os padrões fixados pelos colonizadores europeus. Pelo contrário, a interação com a cultura canadense fez com que o homem nativo incorporasse a visão de mundo do colonizador, evento que desencadeou a negação da ordem tribal e conseqüentemente a depreciação da mulher. Maracle relata que em uma de suas experiências “ficou chocada aos vinte anos de idade por conceitos sexistas vindos da boca de jovens homens nativos; ninguém teria ousado duvidar da inteligência da mulher há dez anos [...]”<sup>56</sup> (1996, p. ix).

É partindo do fato de que o sujeito feminino colonizado é duplamente discriminado, primeiramente por pertencer à etnia colonizada, e segundo por ser

---

<sup>56</sup> “[...] I was shocked as a twenty-year-old by concepts of sexism coming from the mouths of young Native men; no one would have dared doubt the intelligence of women ten years earlier [...]”.

mulher, que os estudos de Gayatri Chakravorty Spivak contribuem para uma visão mais diversificada do movimento feminista. Segundo Stephen Morton, Spivak “tem questionado as alegações universais de algumas feministas ocidentais de falarem por todas as mulheres, independentemente das diferenças culturais”<sup>57</sup> (MORTON, 2003, p. 78). Partindo dessa assertiva, nota-se que as reflexões da estudiosa apontam para a incapacidade do discurso elaborado por Beauvoir em atender as necessidades, de forma satisfatória, de mulheres fora do contexto europeu. Tal aspecto no discurso da estudiosa francesa é justificado pelo fato de que sua perspectiva não é a mesma da mulher oriunda de uma sociedade colonial, diferente da visão de Spivak. As ponderações da estudiosa têm a finalidade de entender o lugar ocupado pelo sujeito feminino dentro da sociedade pós-colonial. Ao comentar a natureza de suas reflexões, Spivak afirma:

[...] Minhas leituras são, mais propriamente, um exame interessado e imperito, de uma mulher pós-colonial, sobre a fabricação da repressão – uma contranarrativa construída da consciência da mulher, e, portanto, do ser mulher, da mulher como um ser bom, do desejo da mulher boa, e assim, do desejo da mulher. Paradoxalmente, ao mesmo tempo, testemunhamos o lugar móvel da mulher como um significante na inscrição do indivíduo social (2010, p. 98).

Nota-se que a elaboração de um discurso nunca é neutra, ou seja, qualquer discurso que se propõe explicar a estrutura interna de uma sociedade apresenta traços da condição de sujeito do intelectual. Dessa forma, Spivak tenta compreender, a partir de seu lugar como sujeito feminino marginalizado, a maneira pela qual a figura feminina indiana comum consegue expressar-se. Em seu ensaio *Pode o subalterno falar?* (2010), ao observar os escritos tradicionais da cultura hindu, referentes ao suicídio voluntário da mulher junto à cremação do corpo de seu marido, e a intervenção do colonizador na tentativa de eliminar tal ato, ela observa que em nenhum dos dois movimentos a mulher indiana expõe sua opinião para discutir tal prática.

Por meio do resgate desse caso, observa-se que a exclusão da opinião demonstra a posição marginal e a falta de poder feminino nesse espaço, ou seja, a

---

<sup>57</sup> “[...] Spivak has questioned the universal claims of some western feminist to speak for all women, regardless of cultural differences [...]”.

mulher nunca age a fim de operar a mudança de sua condição, mesmo evento apontado por Beauvoir ao mapear a história feminina no ocidente. Devido à ausência da voz da mulher nas sociedades modernas, que sofreram com o processo de colonização, a estudiosa conclui que “o subalterno como um sujeito feminino não pode ser ouvido ou lido” (SPIVAK, 2010, p.124). Logo, o silêncio imposto à mulher contempla tanto a oralidade quanto a escrita, fazendo com que o discurso proveniente da figura feminina continue desconhecido dos demais membros da comunidade.

Contudo, mesmo ao concluir acerca da ausência da fala da mulher, a estudiosa aponta um caminho pelo qual será possível que a mulher adquira sua voz na sociedade pós-colonial. De acordo com ela,

O subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à “mulher” como um item respeitoso nas listas de prioridades globais. A representação não definiu. A mulher intelectual como uma intelectual tem uma tarefa circunscrita que ela não deve rejeitar com um floreio (SPIVAK, 2010, p.126).

Ao determinar essa tarefa ao intelectual, a teórica levanta outra perspectiva a fim de definir a função desempenhada por este sujeito na sociedade. Para definir o indivíduo intelectual, Spivak aponta para uma problemática em torno da definição existente sobre esse sujeito, problema que reside na caracterização de tal sujeito, visto que ela indaga a respeito da definição universal do intelectual. Para ela, “o intelectual específico está sendo definido em reação ao intelectual universal que parece não ter nenhum estado-nação de origem”<sup>58</sup> (SPIVAK, 1990, p. 3). Portanto, o discurso produzido nas esferas acadêmicas deve levar em conta o seu contexto de enunciação, ou seja, a realidade que circunda essa instituição. Caso contrário, a universalização do sujeito acadêmico, e conseqüentemente de saber produzido por este, irá impedi-lo de intervir em seu meio.

É por causa disso que Spivak coloca a mulher intelectual, inserida em um contexto social, como a porta-voz para expor as mazelas femininas. É ao considerar o seu lugar, não apenas como mulher, mas também como sujeito que vive numa

---

<sup>58</sup> “[...] the specific intellectual is being defined in reaction to the universal intellectual who seems to have no particular place”.

realidade fruto do processo colonial, que a intelectual feminina, independente de sua etnia, conseguirá expor satisfatoriamente o contexto social feminino. Nota-se também que Spivak evidencia que o universo acadêmico é o primeiro local no qual a mulher conseguirá discutir a sua realidade singular, conseguindo dessa maneira mostrar sua voz e suas reflexões a respeito dos eventos que a cercam em sua comunidade.

É esse movimento da mulher, à procura do seu ponto de vista próprio, referente aos fatos sociais de seu período, que a narrativa contida em *Bobbi Lee: Indian Rebel* expõe ao seu leitor. Embora o produto estudado não coloque a protagonista como uma intelectual, temos na obra a posição de uma mulher que percebe a marginalização de sua classe e busca, por meio do contato com outras pessoas e com textos teóricos, compreender sua posição. A leitura do texto revela o percurso feito pela personagem principal e as diversas interações com inúmeras formas de pensar e vários sujeitos que lhe proporcionaram a obtenção de seu pensamento crítico, visão essa que se reflete em suas demais produções.

No que diz respeito à interação do índio canadense com o pensamento cultural europeu, houve a transformação na relação entre as figuras nativas masculinas e femininas. A justificativa para tal mudança reside na ordem patriarcal sustentada pelas instituições sociais caucasianas no Canadá, que impede a mulher nativa de exercer um papel ativo no andamento de sua comunidade. Com o surgimento desse pensamento na comunidade tribal, a ameríndia passa a ser tida como um sujeito menor em oposição ao homem indígena, que se coloca na posição superior. Assim, vê-se que a situação social da indígena foi imposta e fundamentada através das mesmas justificativas que levaram a europeia e suas descendentes a posicionarem-se como seres inferiores. Decorrente desse fato, observa-se que algumas nativas consentem a inferioridade imposta por seus companheiros, enquanto outras se manifestam a fim de denunciar os problemas trazidos por essa nova realidade. Essa dualidade do comportamento indígena é retratada por Maracle em duas produções literárias distintas. No seu segundo romance, *Ravensong*, essa problemática surge através das ações de Madeline, mulher que se submete às humilhações impostas por seu companheiro, e Stacey, que através de indagações analisa as condições impostas pela sociedade canadense ao cidadão indígena. Já

em *Daughters Are Forever* a autora utiliza o primeiro capítulo para expor o modelo de vida anterior ao contato com o europeu e sua cultura, mostrando a importância da figura feminina na perpetuação da cultura. Tal abordagem da figura feminina contribui para uma desconstrução de noções generalizantes sobre o papel da mulher na sociedade, imposta pelo discurso ocidental.

Do mesmo modo que nos romances referidos, a questão política aparece em sua coletânea *Sojourner's Truth and Other Stories*, no conto "Who is political here?". O enredo apresenta a rotina de Lee, personagem-narradora feminina encarregada da educação e manutenção do lar, e de seu parceiro Tom, homem que é preso por panfletar contra o sistema político vigente. Tendo como ponto de partida a realidade doméstica da mulher nativa, o texto levanta um questionamento a respeito de quem detém a competência de "ser político" no Canadá.

Nessa manifestação discursiva, a indagação expressa duas formas pelas quais um indivíduo adquire um posicionamento político. Inicialmente, um "ser político" é aquele tem sua argumentação validada por um grupo e que partilha das mesmas crenças sociais, desencadeando aceitação do indivíduo em uma comunidade, aspecto observado devido aos ideais compartilhados por Tom, Frankie, Don e Patti. Como Lee não concorda com a perspectiva defendida pelas personagens citadas, ela acaba sendo excluída das discussões a respeito dos motivos que ocasionaram o aprisionamento de seu companheiro. No segundo momento, "ser político" não significa possuir o mesmo pensamento, ou seja, é necessário apenas ser reconhecido como indivíduo, fato que enfatiza a diferença entre os sujeitos. Tal visão é exposta após a narradora refletir a respeito do comentário de Frankie sobre o mau comportamento das filhas durante o jantar, conforme a passagem: "[...] a última coisa que eu me lembro é de ter visto minhas meninas e pensado, sim, elas são selvagens. Selvagens, indomadas, inconquistáveis, e eu iria fazer com que elas permanecessem dessa maneira [...]"<sup>59</sup> (MARACLE, 1999, p. 244-245).

Através dessa experiência, a personagem-narradora encontra uma alternativa para assim inserir-se na sociedade, opção essa que a satisfaz como indivíduo. A

---

<sup>59</sup> [...] the last thing I remember is seeing my girls and thinking, yes, they are wild. Wild, untamed, not conquerable, and I was going to go on making sure they stayed that way. [...]

necessidade de manter em suas filhas e em si mesma uma conduta selvagem mostra o desejo de diferenciar-se do comportamento assumido por muitos nativos. A justificativa encontrada por Lee permite-lhe escapar do estereótipo imposto ao ameríndio canadense que age de acordo com as normas e visões do homem branco, comportamento este assumido por seu companheiro. Da mesma forma, o seu ponto de vista referente ao aspecto selvagem atribui a essa conduta uma qualificação política, servindo como um processo de autoafirmação perante a sociedade, conceito esse diferente do definido a partir dos padrões vigentes na esfera educacional.

Acrescenta-se que a comparação errônea transmitida pelo ensino oficial a respeito dos fundamentos que constituem a comunidade tribal e a branca contribuiu para a opressão do indígena. É na universidade que Maracle conheceu a afirmação de que a distinção entre os dois povos residia no fato de que a população ameríndia “não era um povo político, nós éramos um povo espiritual”<sup>60</sup> (1996, p. 39). A assertiva mostra que os povos nativos compartilham do mesmo lugar relegado à mulher branca, colocando o indígena desde o início do processo de socialização, independente de seu gênero sexual, à parte da esfera política. Com a incorporação da crença europeia o homem indígena coloca-se como superior perante sua companheira, porém, ele permanece um cidadão inferior perante a sociedade.

Entretanto, esse vínculo histórico em comum não contribuiu para a união feminina entre a mulher caucasiana e a indígena e sua atuação como grupo homogêneo, fato explicitado pelo trecho:

Ninguém comete o engano de referir-se a nós como mulheres comuns. Mulheres brancas convidam-nos para falar se o assunto é racismo ou pessoas nativas. Nós estamos lá para ensinar, para sensibilizá-las ou servi-las de alguma forma. Espera-se que mantenhamos posição bem abaixo delas, como suas servas. Nós não somos convidadas como uma parte integral do seu movimento – o movimento feminista<sup>61</sup> (MARACLE, 1996, p.18).

---

<sup>60</sup> “[...] We were not a political people, we were a spiritual people”.

<sup>61</sup> “No one makes the mistake of referring to us as ordinary women. White women invite us to speak if the issue is racism or Native people. We are there to teach, to sensitize them or to serve them in some way. We are expected to retain our position well below them, as their servants. We are not, as a matter of course, invited as an integral part of “their movement” – the women’s movement”.

A leitura do fragmento explicita a forma diferenciada com que a nativa é tratada pelos demais indivíduos sociais que lhe conferem maior destaque na comunidade canadense por ser indígena do que pela sua feminilidade. A ênfase dada à índia pela mulher branca faz com que seja negado à primeira manifestar-se como um ser feminino, demarcando assim uma lacuna entre elas, pois mostra que a mulher branca canadense não considera a nativa como semelhante. Decorrente dessa rejeição é observado que ela atua como uma opressora da figura indígena canadense, mesma esfera ocupada pelo homem branco e nativo.

A recusa em aceitar a cumplicidade indígena expõe que a definição do sujeito feminino deve levar em conta não somente as atitudes empreendidas pela mulher contra a opressão vivida, mas também fatores étnicos e socioeconômicos. A relevância dessas características não decorre de um fenômeno exclusivo da atualidade, Beauvoir já havia notado esse aspecto ao postular que as “burguesas são solidárias dos burgueses e não das mulheres proletárias; brancas dos homens brancos e não das mulheres pretas” (1980, p. 13). Conseqüentemente, não é a união entre as mulheres como classe, independente de sua condição social, que conduzirá à formação de alianças, na tentativa de adquirir melhores condições de vida na comunidade a que pertencem. Isso evidencia que a figura feminina da camada dominante tende a posicionar-se a partir dos interesses oriundos da vontade masculina, mostrando assim seu distanciamento em relação às causas reivindicadas pelas demais mulheres.

Essa evidência vai contra a essência do movimento feminista na visão de Maracle. Para a autora, ele “é sobre a libertação da humanidade da dominação. É acerca da luta contra o racismo e o sexismo e seus efeitos em nossas consciências, não importando de qual cor nós somos”<sup>62</sup> (MARACLE, 1996, p. 138). Essa assertiva enfatiza uma visão de conjunto dos indivíduos a respeito de como deve ocorrer o trabalho do movimento, conceito este diferente do retratado pela teórica nativa acerca das atitudes da mulher branca.

O distanciamento entre os ideais perseguidos por essas mulheres é fruto da falta de interação do movimento com outros grupos étnicos. Enquanto as feministas

---

<sup>62</sup> “[...] The women’s movement is all about the liberation of humanity from the yoke of domination. It is all about the fight against racism and sexism and their effects on our consciousness, no matter what color we are. [...]”.

brancas apresentam uma visão voltada somente para as problemáticas enfrentadas por seu grupo, a demanda presente nas atividades desempenhadas pelas ameríndias é compartilhada por integrantes de outros grupos feministas. Na visão da escritora nativa, o contato com outros grupos fez com que o feminismo ameríndio fosse caracterizado como um movimento que visa ao coletivo, opinião expressa pelo fragmento:

[...] Incorporado na minha verdade está o esplendor de centenas de mulheres nativas que encararam o pior que CanAmerica tinha a oferecer e lidaram com isso. Incorporado no meu esplendor está o grande mar do conhecimento que foi necessário para superar a mente colonizada. Eu não cheguei a este esclarecimento sozinha. Centenas caminharam junto comigo – negras [...] e mulheres nativas cuja onda de saber me foi concedida são a chave para a emancipação de todos CanAmericanos<sup>63</sup> (MARACLE, 1996, p. 139).

A união desses dois grupos é fruto da inferioridade imposta às duas etnias. Como já referido em uma citação de Maracle, é negado à mulher indígena o direito de expressar-se através de sua feminilidade e, conseqüentemente, não é reconhecida como uma pessoa feminina. O mesmo ocorre com a negra, que tem negado pela sociedade o seu papel de mulher, aspecto esse denunciado por Alice Walker. A importância de sua escrita reside na exposição do descaso social com a mulher negra, contribuindo dessa forma para a desmistificação da existência de um movimento feminista uno. Ao relatar a condição social da mulher negra, Walker contribui, da mesma maneira que Maracle, para a formação de um movimento feminista plural. Referente à situação da mulher negra, a autora afirma que “mulheres negras são chamadas, no folclore que tão adequadamente identifica o status de um indivíduo na sociedade, ‘a *mula* do mundo’, porque nós temos carregado os fardos que todos – *todos* – se recusaram a carregar”<sup>64</sup> (WALKER, 1984, p. 237).

---

<sup>63</sup> “[...] Embodied in my truth is the brilliance of hundreds of Native women who faced the worst that CanAmerica had to offer and dealt with it. Embodied in my brilliance is the great sea of knowledge that it took to overcome the paralysis of a colonized mind. I did not come to this clearing alone. Hundreds walked alongside me – Black [...] and Native women whose tide of knowledge was bestowed upon me are the key to every CanAmerican’s emancipation”.

<sup>64</sup> “Black women are called, in the folklore that so aptly identifies one’s status in society, ‘the mule of the world’, because we have been handed the burdens that everyone else – everyone else – refused to carry”.

Apesar da ênfase atribuída ao valor da interação do movimento feminista indígena com membros de outras etnias, a escritora nativa não descarta a importância de a ameríndia conhecer as condições históricas responsáveis pela marginalização de seu grupo. A obtenção desse saber tem como meta direcionar as mulheres nativas na busca de ações objetivas para que elas possam satisfazer suas próprias necessidades. Junto a isso, o conhecimento histórico permite que as causas defendidas pelo feminismo indígena não sejam apagadas em meio às exigências oriundas de mulheres de outros grupos étnicos, ou seja, com posse desse conhecimento, a ameríndia não corre o risco de ser manipulada pelas demais. Nas palavras de Maracle,

sem um entendimento firme do que nossa história era antes de chegarem os colonizadores a esta terra, eu não posso compreender como nós vamos reconquistar nosso direito de nascença como os protetores desta terra e continuar nossa história em direção ao futuro. [...] <sup>65</sup> (1996, p. 40).

Para a escritora ameríndia, o motivo que deve guiar a mulher indígena na luta da preservação de sua cultura reside na defesa dos fundamentos originais de sua etnia. Esse percurso só é possível através da conscientização do próprio nativo de que seu modelo de sociedade não é pautado em valores espirituais, conforme transmitido pelas instituições de ensino, mas sim em critérios políticos. Logo, para a autora canadense, a mulher nativa precisa reconhecer a lógica por trás das leis de seu povo a fim de lutar pela sua valorização como sujeito político. Segundo Maracle,

Aceitar uma interpretação europeia de nossas antigas tradições é impensável. A política emerge da lei. Ser sem política é ser sem lei. Dizer que nossas políticas estão em oposição às políticas europeias seria o correto. A lei europeia legaliza nossa opressão. Nossa lei a proíbe. Mas dizer que nós éramos sem lei é dizer que, de fato, éramos selvagens <sup>66</sup> (1996, p. 39).

---

<sup>65</sup> “Without a firm understanding of what our history was before the settlers came to this land, I cannot understand how we are to regain our birthright as caretakers of this land and continue our history into the future. [...]”.

<sup>66</sup> “To accept a European interpretation of our old ways is fool-hardy. Politics arises from law. To be without politics is to be lawless. To say our politics are in opposition to European politics would be correct. European law legalizes our oppression. Our law forbids it. But to say that we were lawless is to say that, indeed, we were savages”.

A compreensão de um passado comum entre as mulheres branca e nativa e a consciência do lugar ocupado pela indígena antes e após o contato com a cultura europeia são a base para uma mudança na condição da mulher indígena no Canadá. A recuperação da consciência e função femininas tem como objetivo libertá-las das apreciações negativas infligidas pela sociedade. É devido a esse resgate que a mulher adquire a possibilidade de entender sua tradição e história e, com posse desse conhecimento, consegue questionar os padrões culturais e sociais impostos às mulheres indígenas. Susana Bornéo Funck explica que “o discurso também nos fornece a possibilidade de resistir (em oposição ao identificar-se), de intervir na ordem discursiva naturalizada” (2004, p. 150). As intervenções decorrem das indagações produzidas por esses indivíduos com o objetivo de explicitar as diferentes maneiras com que a ideologia da classe detentora do poder influencia os padrões de vida das comunidades tribais.

Levando em consideração o percurso realizado, foi observado que a opressão à nativa decorre da interação do indígena com os padrões culturais europeus. Mesmo sendo oprimida por sua feminilidade, em virtude das concepções ideológicas do colonizador, a ameríndia não encontra na cidadã branca uma aliada para lutar contra a discriminação. A distância entre elas é originada pela influência de fatores sociais no posicionamento feminino, impossibilitando a formulação de uma definição única a respeito do que significa ser mulher. Portanto, a desvalorização da figura feminina não foi concebida pelos indígenas e sim incorporada por eles devido a uma cultura que definiu a mulher como inferior. Para que a ameríndia seja reconhecida como um indivíduo pleno é preciso que ela e a sociedade se conscientizem da importância do papel feminino na preservação dos valores tribais. Da mesma forma, é necessário lutar contra a propagação do preconceito sexista dentro da sua própria nação indígena, luta essa que conta com o uso de ferramentas linguísticas tanto provenientes da cultura ocidental, como a tradição literária, quanto da cultura indígena vinda da prática da oratória.

É com o intuito de denunciar esse quadro geral no qual a mulher nativa se encontra que Maracle faz uso da palavra literária. Essa fixação no universo feminino indígena demonstra sua vontade em tornar pública essa temática, o que atribui ao conjunto de sua obra seu caráter social. Mesmo em sua primeira publicação é

possível perceber a presença dessa temática. Embora ela não seja tratada de forma explícita pela autora como em seus demais trabalhos, *Bobbi Lee: Indian Rebel* permite compreender o percurso que levou Maracle a produzir seus demais trabalhos, tornando seu primeiro texto publicado no alicerce para compreender as motivações de suas demais personagens, conforme demonstram as menções já feitas a algumas de suas obras no decorrer desta dissertação.

### **3.2. O processo de formação do sujeito político em *Bobbi Lee: Indian Rebel***

A ruptura causada pela escrita de *Bobbi Lee: Indian Rebel* com o padrão tradicional do gênero autobiográfico devido à presença de traços oriundos da oratória possibilita outra leitura da obra em questão. Como o olhar do narrador não expõe nenhuma dúvida a respeito da postura assumida por si mesmo no decorrer da narrativa, é possível compreender esse posicionamento como a tentativa de expor ao seu leitor os eventos que motivaram suas crenças políticas, o processo que levou à formação do sujeito político da autora. Por causa disso, o objeto de estudo desta dissertação não apresenta apenas características que a vinculem ao gênero autobiográfico, visto que a obra estudada constitui-se no alicerce no qual a produção em prosa da autora se baseia, pois todas as personagens dos demais romances de Maracle apresentam o mesmo descaso inicial com a cultura nativa e sofrem, por razões distintas, um processo que culmina no retorno e valorização dos valores tribais. Destaca-se que em *Bobbi Lee: Indian Rebel*, a transformação da personagem-título está ligada com a vontade de diferenciar-se de sua irmã e de sua mãe, mudança realizada devido ao seu afastamento do núcleo familiar.

Em decorrência disso, o texto analisado possui aspectos de outra tipologia literária, sendo esta predominantemente masculina, o *Künstlerroman*, o romance de formação do artista. Assim como a obra rompe com noções fixadas por estudiosos a respeito da autobiografia, ela também apresenta fatores que a destacaram do conceito tradicional do *Künstlerroman*. Em seu estudo sobre esse gênero, Eliane Campello explicita algumas definições referentes a essa manifestação discursiva. Entre as características expostas pela estudiosa, esta é a que mais se adapta ao

texto estudado: “impõe a condição *sine qua non* para sua definição a presença do *Bildung*, ou seja, da formação, educação ou aprendizagem do/a protagonista artista, desde sua infância até a idade madura” (CAMPELLO, 2003, p. 25). Aplicando esse conceito ao texto analisado, percebe-se que a narrativa mostra os passos dados pelo eu ficcionalizado da autora, desde a infância até o início da vida adulta, para sua conscientização social. A aquisição desse ponto de vista sociológico é importante para a escrita de Maracle, pois a perspectiva através da qual as protagonistas de seus três romances concebem a sociedade se assemelha com a visão da autora. Essa similitude ocorre porque elas, assim como a autora, apresentavam um comportamento que as distanciava dos valores tribais e, devido a experiências distintas, elas encontram nessa tradição, antes distante, um meio para enfrentar os desafios impostos ao nativo pela comunidade canadense.

Porém, mesmo a obra enquadrando-se em um conceito-padrão acerca do romance de artista, não é possível definir o texto literário analisado através dos conceitos já existentes. Eliane Campello justifica essa impossibilidade tendo em vista os escritores e críticos que mapearam esse gênero. Na visão da estudiosa,

[...] o *Künstlerroman* canônico é um gênero do domínio do masculino tanto em termos de criação quanto no que se refere à sua avaliação pela historiografia e pela crítica literárias. Esse gênero literário, que retrata o protagonista na situação de herói-artista boêmio ou de gênio isolado, quando aplicado à construção de uma heroína-artista, sob a ótica da mulher, oferece outras múltiplas possibilidades de leitura (CAMPELLO, 2003, p. 15).

Conforme o trecho, o romance de artista é definido e praticado, inicialmente, através da escrita de cunho masculino. Mesmo reconhecendo o valor dos registros existentes sobre o *Künstlerroman*, a estudiosa alerta que a compreensão plena de uma produção feminina dentro dos moldes preestabelecidos do romance de artista é inadequada. Para a autora, “nenhum retrato da artista na posição de uma [...] mulher pode se originar das mesmas convenções técnicas e inscrições ideológicas que narram tradicionalmente o eu de um artista” (CAMPELLO, 2003, p. 16).

Assim, uma escrita feminina dentro dos moldes do *Künstlerroman* acarreta a adesão de novos traços na conduta da personagem-artista, pois as condições de produção impostas ao homem e à mulher são distintas. Por retratar um universo

diferente do masculino, o romance de artista sofre modificações internas, adquirindo novas funções na sociedade. Primeiramente, ele passa a ser um instrumento de denúncia da marginalização e preconceito sofridos pela mulher-artista e, em segundo lugar, essa literatura apresenta novas formas de compreensão acerca da diversidade envolvida na criação literária.

Ressalta-se que, da mesma forma que a visão masculina acerca do funcionamento desse gênero não serve para definir *Bobbi Lee: Indian Rebel*, a visão proposta por Campello também não se ajusta perfeitamente à obra estudada. A incompatibilidade da definição do romance de artista elaborada pela autora brasileira reside no fato de que ela baseia suas ponderações a partir de um *corpus* literário constituído somente por obras cujas temáticas são desenvolvidas por escritoras brancas (a canadense Margaret Atwood, a estadunidense Anne Tyler, a brasileira Nélida Pinon e a argentina Luisa Valenzuela) e não em textos de autoras indígenas. Essa ressalva torna-se necessária, pois, como foi visto no capítulo anterior, a realidade vivida por essas mulheres é formada por fatores distintos, já que, conforme visto através dos comentários de Spivak, a mulher nativa é discriminada duplamente, por ser mulher e nativa, tornando-se necessário a adesão do subtítulo, *Indian Rebel*, a fim de marcar o caráter da protagonista.

O aspecto que distingue o romance de artista mencionado por Campello da narrativa de uma escritora ameríndia como Maracle encontra-se pautado no conflito experimentado pela personagem principal. Segundo a teórica brasileira,

[...] O conflito da protagonista vai além do eu dividido entre vida e arte, mais especificamente entre o papel de mulher, que exige o apagamento de seu eu em favor dos desvelos com os outros, e as aspirações enquanto artista, que requer dedicação exclusiva ao trabalho. Ela deve escolher entre a sexualidade e a profissão [...] (CAMPELLO, 2003, p. 43).

Por causa do conceito estabelecido pela teórica sobre a natureza do conflito feminino no romance de artista, inicialmente não seria possível elencar traços que assegurassem uma proximidade entre o discurso autobiográfico de Maracle e o gênero em questão. A leitura da obra não expõe a protagonista como um ser dividido entre o seu desejo de produzir arte e o papel que a sociedade espera que ela exerça em decorrência do seu sexo, já que a narração focaliza o despertar da

consciência social da autora indígena. Junto a isso, os fatos que compõem *Bobbi Lee: Indian Rebel* abrangem um período anterior ao início da produção artística da autora ameríndia.

Todavia, considerando a defesa de Derrida referente ao caráter híbrido da literatura, é impossível a formulação de um conceito absoluto a respeito da natureza de qualquer elemento integrante de um gênero literário. A própria definição do *Künstlerroman* que retrata o processo de formação do/a escritor/a também contém relatos a respeito da vida do/a autor/a, fazendo com que esse gênero adquira traços autobiográficos, já que o desenvolvimento do indivíduo como escritor/a perpassa toda a sua vida e não apenas sua experiência no mundo das letras. Por apresentar a aquisição da perspectiva sociológica de Maracle é que *Bobbi Lee: Indian Rebel* adquire o *status* de texto embrionário da poética da autora, pois alguns temas presentes nessa obra, como a violência da qual mulher indígena é vítima e a falta do poder para intervir socialmente, são abordados em suas produções romanescas posteriores.

Assim, o percurso realizado mostrou que *Bobbi Lee: Indian Rebel* não se enquadra dentro do conceito tradicional de autobiografia e de *Künstlerroman* conforme proposto por teóricos ocidentais, porque essa narrativa é uma produção híbrida formada a partir da tradição literária ocidental e da prática da oratória nativa. Com isso, primeiramente observa-se que a linha imaginária responsável pela segregação dos gêneros literários como produtos distintos é tênue, o que permite com que uma produção literária seja composta por traços de outras formações discursivas provenientes ou não do campo literário, marcando a literatura como um produto heterogêneo. Pelo contrário, por diferenciar-se, ela atribui à produção autobiográfica uma nova significação. Portanto, a biografia estudada não relata apenas uma história individual, visto que a prática nativa faz com que a narrativa simbolize a história de uma coletividade.

A partir dos comentários referentes à natureza sociodiscursiva do produto literário, é impossível negar a reciprocidade entre os universos empírico e ficcional. O primeiro fornece o material que permite ao autor conceber o segundo, tornando-o assim um reflexo do local habitado pelo indivíduo concreto. Por ter sua base fundamentada na realidade, o texto literário é dotado de situações e crenças

presentes no cotidiano. A produção estudada é um exemplo dessa ligação que aborda em sua temática as condições de vida impostas aos nativos canadenses durante um espaço de tempo. O retrato feito pela autora expõe a dura realidade imposta aos índios canadenses, revelada no texto por meio da denúncia do preconceito étnico que circunda as relações entre o cidadão nativo e o caucasiano.

Concomitantemente a essa exposição, a obra mostra o lugar ocupado pela mulher indígena nessa comunidade e como o contato com o preconceito racial influencia seu comportamento. Ao analisar as posturas da mãe, da irmã e de Bobbi, nota-se que elas almejam inserir-se na sociedade canadense. Como as ações são pautadas em diferentes conceituações do que significa pertencer a um grupo, não é possível fixar uma definição una a respeito de uma identidade da ameríndia no referido território. É ao considerar essas ações que se observa o caráter dualístico estritamente ligado à aceitação ou à negação dessas próprias mulheres, quanto ao fato de se considerarem indígenas.

Ao iniciar sua narração, Bobbi introduz ao leitor comentários a respeito da origem de sua mãe, nascida em uma comunidade Métis, filha de pai francês e mãe nativa. Aos vinte e um anos, casa-se com seu parceiro, referido no texto apenas como “pai”, e se muda para Vancouver. Ao considerar as explanações feitas pela voz narrativa, é possível observar que a postura materna sofre uma transformação, sendo esta vinculada com a forma como se portava perante a realidade. O novo comportamento da mãe é notado depois da aquisição da nova residência, conforme as passagens:

Alguns anos mais tarde, quando eu tinha onze, mamãe comprou outra casa. Ela era uma das poucas pessoas na vizinhança que possuía sua própria residência. [...] Eu sempre parecia estar doente naquela casa, sem nenhuma proteção contra o frio, invernos úmidos e o vento [...]. As coisas ficaram muito melhores quando nos mudamos para a casa nova. Tinha uma fornalha e aquecimento central. [...]

Então minha mãe começou a mudar... para pior, eu pensava. Ela largou a bebida, parou de andar com vários homens e tornou-se muito moralista. Mas o que era ruim é que parou de ser a pessoa tranquila que todos nós amávamos e gostávamos de ter por perto. [...] <sup>67</sup> (MARACLE, 1990, p. 32-33).

---

<sup>67</sup> “A couple of years later, when I was eleven, mom bought another house. She was one of the few people in the neighbourhood who owned their own place. [...] I always seemed to be sick in that

Por meio dos trechos destacados, pode-se compreender como era o comportamento materno, entender as implicações da nova postura e evidenciar o aspecto motivador – a compra da nova casa – que ocasionou o surgimento da outra personalidade dessa figura. Comparando as descrições da antiga e da nova moradia, é evidente que a aquisição da segunda aponta para uma melhora na condição financeira desse grupo familiar, o que a torna diferente da maioria de seu grupo étnico, já que, como referido, eram poucos os que detinham o domínio de seu próprio lar, enquanto que os outros moradores da reserva careciam de poder econômico.

É no segundo parágrafo que está retratada a mudança da conduta social da personagem materna, uma mulher que, inicialmente, se permitia ao prazer sexual por meio de relacionamentos com diversos homens. Fica exposto que, antigamente, a mãe de Bobbi concebia a relação sexual como algo humano e natural, e por causa disso, não apresentava julgamentos morais ao sentir atração por alguém e buscar satisfazê-la. Ao terminar com tais contatos e assumir uma postura moralista, torna-se explícito que essa mulher incorporou parte dos valores religiosos cultuados pela camada social dominante. Por aderir a traços do pensamento majoritário, observa-se seu desejo em ser reconhecida como um sujeito perante os outros indivíduos dessa comunidade, processo este estabelecido na tentativa de assemelhar-se aos demais.

Embora compartilhe dos mesmos ideais religiosos dos sujeitos caucasianos, a figura materna ainda permanece contra a ajuda financeira dada pelo governo ao indígena. Esse posicionamento foi adquirido pelo convívio com seus familiares, em momento anterior aos acontecimentos contados, mostrando que a personagem ainda possui uma ligação com a concepção de mundo ameríndia.

Da mesma maneira que a figura materna, Joyce, a irmã de Bobbi Lee, também busca firmar-se perante o Outro a fim de ter valorizado seu papel social, conforme a passagem:

---

house, with no protection against the cold, wet winters and the wind [...]. Things got a lot better when we moved into the new place. It had a furnace and central heating [...]. Then my mother began to change... for the worse, I thought. She quit drinking, stopped running around with men and became very moralistic. But what was bad was that she stopped being the easy-going person we all enjoyed being around. [...]"

[...] Ela se dava bem com todo mundo, mas eu pensava que ela era uma “garota sim”; sempre dizendo “Oh, sim, você é muito mais inteligente do que eu. Sim, claro. Sim, sim”. E sempre caminhava como se sentisse vergonha, perto dos garotos brancos. A mim parecia que ela apenas aceitava ser uma cidadã de segunda classe, mantida no seu lugar e naturalmente, não havia desentendimento. [...] <sup>68</sup> (MARACLE, 1990, p. 49-50).

Na tentativa de atingir seu objetivo, pelo modo como andava e ao concordar sempre com o que lhe era dito, nota-se que a irmã de Bobbi aceitava passivamente o estereótipo presente na sociedade acerca do indígena. Ela consentia que atribuíssem inferioridade ao nativo e procurava ocupar seu lugar social a partir dos termos preestabelecidos. Todavia, essa não é a única atitude tomada pela personagem para inserir-se socialmente. O desejo de receber o terreno paterno como presente de casamento demonstra que a irmã da narradora vê na lógica capitalista a maneira concreta para fazer parte dessa sociedade, seguindo novamente os padrões fixados, aspecto abordado no excerto:

Minha irmã Joyce era realmente uma puta nessa época. Ela estava planejando casar-se com este Brian – que era branco – e o velho lhe tinha prometido uma terra como o presente de casamento. Então, embora minha mãe tivesse câncer, Joyce estava sempre do lado do velho. Eu disse a ela, “Você sabe que ele é doente da cabeça e tem feito porra nenhuma por nós todos esses anos exceto abusos!” Mas ela era egoísta, apenas interessada na terra que ele tinha prometido. Nós outros não significávamos nada para ela <sup>69</sup> (MARACLE, 1990, p. 131).

É decorrente da cobiça pela terra paterna que o lado individualista da personagem aflora, visto que Joyce coloca seus interesses particulares acima do grupo, atitude retratada por ela apoiar o pai incondicionalmente. O individualismo expresso pela personagem faz com que ela simbolize a figura feminina que se submete à visão dominante masculina, representada pelo olhar paterno, a fim de

<sup>68</sup> “[...] She got along with everybody very well, but I thought she was a ‘yes girl’; always saying ‘Oh, yes, you’re much smarter than me. Yes, of course. Yes, yes’. And always walking like she was ashamed, around white guys. It seemed to me she just accepted being a second-class citizen, kept her place and naturally, there was no friction. [...]”.

<sup>69</sup> “My sister Joyce was really a bitch at this time. She was planning to marry this Brian – who was white – and the old man had promised her some land for their wedding present. So, even though my mom had cancer, Joyce was always took the old man’s side. I told her, ‘You know he’s sick in the head and has done bloody nothing for us all these years except give out abuse!’ But she was real selfish, only interested in the land he’d promised her. The rest of us didn’t mean anything to her”.

adquirir benefícios. Logo, observa-se que tanto a mãe quanto a irmã de Bobbi tentam encaixar-se socialmente através da aquisição de comportamentos oriundos da camada dominante. Ressalta-se que, diferentemente da mãe, que ainda possui um comportamento que remete a seu grupo, Joyce posiciona-se dentro da lógica social branca canadense.

As ações dessas personagens, no intuito de conquistar seu espaço social, refletem determinadas condições impostas às mulheres para adentrarem plenamente na comunidade a que pertencem. Ao ponderar a respeito do caráter dessas ações inclusivas, levando em conta as atitudes tomadas pelas protagonistas das manifestações literárias que compõem seu *corpus* de estudo, Campello afirma:

O processo de socialização [...] pode ocorrer por meio da acomodação à sociedade, ou por meio da resistência a esta. Pela acomodação, a heroína ingressa na “casta dos homogêneos” (*insiders*). Esse procedimento é considerado pela sociedade um processo de normalização bem-sucedido: por meio dele, o eu feminino se socializa, fato que acarreta o seu desaparecimento. O segundo procedimento corresponde à “casta dos heterogêneos”, isto é, à manifestação da consciência pária, que se desenvolve com ênfase na caricatura e no grotesco, lidos não sob a forma de distorções, mas sim de retificações. De acordo com esta atitude, a socialização feminina denuncia um processo de aniquilamento. Devido à sua vantajosa condição de *outsider*, a consciência pária funciona qual um espelho distorcido da sociedade. [...] (2003, p. 70).

Considerando os comentários sobre os atos de ambas as ameríndias, observa-se que eles denunciam a homogeneização do indivíduo, ou seja, para estas, incluir-se em uma comunidade significa aderir a pensamentos ideológicos vigentes. Porque seguem as normas preestabelecidas, elas não ocupam nenhum papel relevante no grupo majoritário, nem representam neste a vontade da minoria à qual pertencem. Conseqüentemente, tanto mãe quanto filha sofrem a assimilação, acarretando o desaparecimento de suas vozes enquanto mulheres integrantes da etnia indígena, aspecto presente devido às pequenas aparições dessas personagens no decorrer da trama.

Enquanto a figura materna e Joyce estão enquadradas na “casta homogênea”, dentro dos moldes estabelecidos por Campello, a vinculação de Bobbi à “casta heterogênea” é justificada ao apontar a voz narrativa para eventos que

denunciam o modelo social vigente. Em comum com a definição exposta, tanto o enredo quanto as unidades acrescentadas mostram a conscientização da narradora-personagem como indivíduo pertencente a uma etnia marginalizada pelo padrão social canadense.

Porém, mesmo pertencendo a esse grupo, não há a ligação estrita entre a narradora e as personagens femininas estudadas por Campello que justifique, de forma satisfatória, a presença de Bobbi na denominada casta dos heterogêneos. Essa desunião ocorre porque o estudo realizado pela estudiosa brasileira não abrange a especificidade da escrita elaborada por sujeitos marginais como as mulheres indígenas. O próprio subtítulo da obra, *Indian Rebel* (rebelde indígena), já qualifica um aspecto sobre a voz que detém a narração. Ao caracterizar a essência do rebelde ameríndio, a escritora canadense afirma:

Aqueles que reescreveriam a História a partir dos armários das instituições dos colonizadores ao invés de com seus pés firmemente calcados na resistência não são rebeldes. Rebeldes geralmente não vão à escola. Eles resistem culturalmente, por se evadirem das escolas que “consertariam” suas cabeças. Os rebeldes não brincam de reescrever a História; eles fazem a História, por irem às ruas, algumas vezes pacificamente, outras violentamente, mas sempre em estilo paramilitar, conscientes de que é uma luta até o fim. [...]”<sup>70</sup> (MARACLE, 1996, p. 94).

O fragmento ressalta dois pontos relevantes da realidade do nativo. Primeiramente, expõe o papel desempenhado pelas instituições de ensino na vida do indígena canadense. Ao estabelecer que essas locações tinham como finalidade reparar, no sentido de reformular e agregar a mentalidade do nativo à sociedade caucasiana, a autora mostra que as instituições de ensino eram responsáveis por inserir na população ameríndia os valores e os modelos dessa camada. Em segundo lugar, nota-se como Maracle concebe o comportamento do ameríndio rebelde. Observa-se que a descrição condiz com o posicionamento assumido por Bobbi Lee, um indivíduo que, por não se enquadrar nos moldes já estabelecidos, procura

---

<sup>70</sup> “Those who would re-write history from the closets of settler institutions instead of with their feet firmly rooted in resistance are not rebels. Rebels don’t generally go to school. They resist, culturally, by withdrawing from the schools that would ‘fix’ their heads. Rebels don’t play at re-writing history; they make history by taking to the streets, peacefully at times, violently at times, but always in paramilitary style – conscious that it is a fight to the finish. [...]”.

maneiras para se afirmar autonomamente. Essa procura é refletida inicialmente no texto nos subterfúgios utilizados para evitar a frequência do espaço físico escolar, primeiramente por meio de atividades extracurriculares, depois, com a evasão total das aulas, sendo ambas as ações justificadas por não suportar o preconceito ao qual era exposta naquele ambiente. Além do mais, o enredo também mostra seu envolvimento em protestos contra políticas de guerras e em prol do reconhecimento do lugar do indígena, sendo sua participação marcada tanto por uma postura pacífica quanto violenta.

Considerando os fatos contados pela narradora-personagem, observa-se que ela tem por intenção evidenciar a desarmonia do indígena com o meio social, sentimento oriundo de não ser reconhecido de forma igualitária pelos demais. Junto a isso, o sintagma que compõe o subtítulo da obra esclarece ao leitor que a realidade na qual esta se baseia é o contexto singular do ameríndio, visto que o indivíduo rebelde pertence a esse grupo étnico, relegando o discurso narrado como fruto de uma consciência de *outsider*.

Ressalta-se que existem também dois fatores textuais que impedem a associação do posicionamento de Bobbi ao conceito estabelecido por Campello, referente à casta dos heterogêneos. Em primeiro lugar, a representação mundana contida na obra não é uma visão caricata do contexto social no qual Maracle encontra-se inserida. Pelo contrário, a realidade presente na manifestação literária expõe como o racismo molda as relações entre os membros de diferentes etnias, demonstrando assim as condições de vida das vítimas dessa prática no mundo empírico, com o uso da palavra literária. Destaca-se que o discurso de *Bobbi Lee: Indian Rebel* não possui traços pitorescos ao abordar essa temática e também não busca corrigir as injustiças cometidas contra o nativo pelo racismo, mas sim alertar os leitores a respeito dessas práticas e apontar para a necessidade de mudanças nas interações sociais e no modo como o ameríndio deve portar-se.

Da mesma forma que o universo retratado pela figura feminina difere da descrição presente no fragmento da estudiosa, adiciona-se que o resultado do procedimento da socialização, empreendido por Bobbi, é alterado. Ao invés de ele a conduzir ao extermínio, é ao socializar-se com sujeitos distintos que a protagonista adquire experiências que modificam sua compreensão da realidade. A convivência

com Lorenzo, mexicano residente na Califórnia, mostra o começo da aquisição do conhecimento que permite a ela compreender a realidade, conforme o trecho:

Nós conversávamos um pouco, mas geralmente eu escutava... não sabia muito o que estava acontecendo. Lorenzo estava entrando em algo existencialista, um tipo de pensamento muito individualista, e algumas vezes discutíamos sobre isso. Mas ele tinha lido um pouco e tinha os fatos, enquanto eu nem lia os jornais naquela época. Eu apenas não estava tão preocupada. [...] <sup>71</sup> (MARACLE, 1990, p. 64).

É evidenciado no excerto como Bobbi e Lorenzo interagem um com o outro. O predomínio da voz da personagem masculina sobre a feminina nos diálogos travados e seu conseqüente apagamento demonstram um posicionamento passivo, por parte da narradora, na forma com que recebia as explicações a respeito do funcionamento social. Ao passo que ela não detinha informações sobre os tópicos discutidos, o mexicano, por causa do exercício da leitura, consegue validar seu ponto de vista, fator que justifica a passividade da narradora, ocasionando seu desinteresse. A postura de Bobbi simboliza as mulheres que, por não conhecerem conceitos científicos e não deterem as informações, não conseguem justificar suas visões de mundo perante a figura masculina e, logo, aceitam as concepções expostas pelo homem sem questioná-las.

A ida de Bobbi para Toronto permite-lhe conhecer Doug. Por causa desse envolvimento, a protagonista começa a participar de protestos públicos. Porém, da mesma forma com que concordava com o ponto de vista de Lorenzo, o início do relacionamento é marcado pela ausência de interesse e por um comportamento passivo da narradora frente à presença masculina, segundo o comentário: “Eu não me importava de ir, de forma alguma. Por esta época, eu era realmente passiva – como controlada por alguém. Eu não me opunha a nada e raramente ficava chateada” <sup>72</sup> (MARACLE, 1990, p. 89).

Entretanto, diferentemente de quando interagia com o mexicano, nessa relação a personagem-título começa a indagar seu parceiro sobre a realidade econômica do país, conforme o trecho: “[...] Algumas vezes eu perguntava a Doug e

<sup>71</sup> “We talked a bit, but mostly I listened... not knowing too much about what was going on. Lorenzo was getting into some existentialism, a very individualistic sort of thinking and sometimes we argued about it. But he had read a bit and had the facts while I didn’t even read the newspapers at that time. I just wasn’t that concerned”.

<sup>72</sup> “[...] I didn’t care about going, one way or another. By this time I was really passive – sort of subdued. I didn’t object to anything and rarely got upset. Doug asked me to come along so I did. [...]”.

a outras pessoas, ‘Como está andando a porra da economia?’ Eu aprendi um pouco com Doug [...]”<sup>73</sup> (MARACLE, 1990, p. 107). Em decorrência da ajuda que Bobbi recebe de Doug, fica evidente que a personagem masculina desempenha a mesma função exercida pelo homem nos primeiros passos do movimento feminista, visto que ele lhe oportuniza informações acerca do funcionamento das estruturas sociais. Acrescenta-se que o trecho ainda mostra o conhecimento como um dado coletivo que só é acessado por meio do contato do indivíduo com os demais membros de sua comunidade.

O convívio com outras pessoas possibilita que a protagonista, além de adquirir noções sócio-científicas, supere o vício das drogas e vá em busca do seu lugar como cidadã dentro da sociedade canadense, posição que acompanha sua feminilidade. Por meio do contato com personagens femininas, Bobbi apreende as diferentes estratégias utilizadas pela mulher com a intenção de ter reconhecida sua posição de sujeito. Assim, a protagonista reflete acerca destas e, a partir desse momento, estabelece o padrão adequado para si. A primeira observação da narradora é referente a Toni, que em sua segunda ida a Porterville repara que sua amiga “tinha desenvolvido a mentalidade típica da mulher ‘branca’ – fazendo a comida, a faxina, as compras e tomando conta das crianças”<sup>74</sup> (MARACLE, 1990, p. 117).

Embora não condene sua amiga pela incorporação desses hábitos, as ações da narradora evidenciam que os costumes praticados por Toni não a satisfazem como indivíduo, fato marcado pelo início de leituras de textos que abordavam criticamente o sistema vigente. A insatisfação da narradora com o cotidiano doméstico é expressa também em um diálogo com sua mãe, quando afirma: “Bem, eu apenas não quero passar a minha vida inteira criando filhos”<sup>75</sup> (MARACLE, 1990, p. 139). Nota-se que a protagonista não considera a maternidade a única alternativa para sua realização como sujeito. O desagrado da personagem com essa concepção de universo feminino decorre de serem essas ações de natureza repetitiva e demandarem somente esforço físico, possuindo pouco valor perante a sociedade caucasiana.

---

<sup>73</sup> “Sometimes I’d ask Doug and other people, ‘How is the whole fucking economy run?’ I learned a little from Doug [...]”.

<sup>74</sup> “[...] Toni had developed the typical ‘White’ woman mentality – doing the cooking, cleaning, shopping and taking care of the kids. [...]”.

<sup>75</sup> “[...] Well. I just don’t want to spend my whole life raising kids”.

Decorrente do seu envolvimento com o NARP e do apoio do grupo a diversas reivindicações sociais empreendidas por nativos, Bobbi entra em contato com uma face da mulher indígena até então desconhecida. A ida dos integrantes para Nisqually faz com que ela conheça praticantes da tradição tribal do povo ameríndio e tome contato com uma diferente concepção de mundo. É porque o povo de Nisqually apresenta um conceito divergente do fixado pela sociedade caucasiana que a mulher adquire destaque nessa comunidade, conforme retratado no trecho:

Aquela tarde havia uma demonstração no Capitol em Olympia. [...] Muitos dos militantes eram mulheres e três delas fizeram a maioria das falas – Roxanne, Suzette e Marcy Hall. Eles eram tradicionalistas, então não havia nada incomum de as mulheres atuarem como oradoras para o grupo. De fato, elas me falaram que estavam tendo dificuldade de envolver os homens. O único homem que falou era Hank Adams, que esteve na universidade e não era tradicionalista<sup>76</sup> (MARACLE, 1990, p. 150).

Ao observar a relevância do papel exercido por essas mulheres no movimento, a narradora depara-se com uma ótica social que, diferentemente da visão caucasiana, não restringe as possibilidades de atuação da mulher. Por essa perspectiva, a plenitude da figura feminina não está ligada apenas ao seu confinamento nas atividades do lar e na maternidade. Com isso, ao invés de oferecer uma única opção com a qual a mulher possa se identificar, nota-se que a ótica nativa proporciona várias possibilidades de atuação da figura feminina dentro de sua comunidade. Portanto, o conceito de mundo nativo oferece outra alternativa para a mulher alcançar sua satisfação como sujeito, permitindo-lhe exercer ações que ultrapassem o universo doméstico, adquirindo perante aos demais indivíduos o reconhecimento como uma agente social.

Acrescenta-se ainda que, pela possibilidade de atuação do feminino na esfera pública, a perspectiva ameríndia apresenta uma visão igualitária no que tange ao papel ocupado pelas figuras masculinas e femininas na sociedade. A igualdade

---

<sup>76</sup> “That afternoon there was a demonstration at the Capitol in Olympia. [...] Most of the militants there were women and three of them did most of the speaking – Roxanne, Suzette and Marcy Hall. They were traditionalists so there was nothing unusual about women acting as spokesmen for the group. In fact, they told me they were having trouble getting the men involved. The only man who spoke was Hank Adams, who’d been to university and wasn’t traditional”.

existente dentro desse sistema provém, conforme Tomson Highway, da mitologia do referido povo. Segundo o escritor canadense,

[...] na mitologia nativa, não existe um Deus como na cristã, [...] mas, mais exatamente, o conceito de “Deus em todos” ou “Deus em todas as coisas” – na mitologia nativa, isso significa que falamos não de “monoteísmo” [...] mas de “panteísmo”, a palavra grega “pan” significando todo, como em “panorama” ou em “pan-americano”. Significa que toda a natureza – das folhas para o solo, para a água, para o gato na sua sala de estar, para o coração dentro do seu corpo, para a mulher, ou para o homem, na sua vida – virtualmente pulsa com divindade. [...]”<sup>77</sup> (HIGHWAY, 2003, p. 42).

Levando em conta o trecho, o princípio no qual reside a distinção entre essas duas concepções de mundo é a materialização do divino. Enquanto na visão cristã existe somente um Deus, sendo este um ser “exclusivamente masculino” (HIGHWAY, 2003, p. 30) e distante do mundo concreto, a visão do nativo torna próximos o sujeito mundano, independente de sua sexualidade, e o Criador. Essa aproximação entre o divino e o humano no mito ameríndio decorre de o primeiro elemento encontrar-se presente no segundo, em oposição à ótica cristã através da qual é representado pela figura masculina. A concretização da divindade, tanto no homem quanto na mulher, demonstra primeiramente que as ações de ambos os indivíduos possuem a mesma importância na sociedade. Dessa forma, não é imposta uma falsa hierarquia a fim de justificar a supremacia do masculino em relação ao feminino, pelo contrário, a mitologia nativa retrata a existência de um sistema igualitário no qual os indivíduos possuem as mesmas oportunidades de ação.

A existência implícita dessas duas visões de mundo no texto faz com que *Bobbi Lee: Indian Rebel* retrate a mudança da narradora na forma pela qual concebe seu lugar na comunidade canadense. Junto a isso, a leitura da obra retrata que desde sua infância a autora não conseguia compreender a lógica por trás do pensamento caucasiano. Ao afirmar que desde sua infância considerava

---

<sup>77</sup> “[...] in Aboriginal mythology, there exists not one God as in Christian mythology, [...] but, rather, the concept of ‘God in all’ or ‘God in everything’ – in Aboriginal mythology, that is to say, we speak not of ‘monotheism’ [...] but of ‘pantheism’, the Greek word ‘pan’ meaning all, as in ‘panorama’, or in ‘pan-American’. Meaning that all of nature – from leaves to soil to water to the cat in your living room to the heart inside your body to the woman, or the man, in your life – virtually pulsates with divinity. [...]”

inverossímeis as narrativas bíblicas, “fantasias inacreditáveis”<sup>78</sup> (MARACLE, 1990, p. 33), expõe o descontentamento ante uma das ferramentas usadas para justificar a ordem vigente. Todavia, a descoberta dessa nova visão de mundo só foi possível devido às constantes saídas da narradora-personagem de Vancouver, onde residia com sua família, para outras cidades como Toronto, Porterville, Nisqually e Ashcroft, marcando-a como um ser em movimento.

Independente das localidades visitadas, o deslocamento da protagonista permitiu-lhe vivenciar eventos e interações que lhe proporcionaram outras visões de mundo, aspecto que influenciou na formação de seu conceito a respeito do sujeito feminino. Segundo Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, “a viagem exprime um desejo profundo de mudança interior, uma necessidade de experiências novas, mais do que um deslocamento físico” (2009, p. 952).

Logo, por expor os passos que levaram a protagonista a se conscientizar sobre o lugar do indígena, é que *Bobbi Lee: Indian Rebel* pode ser visto como o relato do processo de cura simbólica dessa mulher. O distúrbio vivido pela narradora tem sua origem no desejo de passar despercebida perante os cidadãos canadenses, sentimento despertado devido às experiências nas quais era vítima de atitudes preconceituosas. De acordo com Maracle, “o resultado de ser colonizado é a internalização da necessidade de permanecer invisível. Os colonizadores matam você [...] com vergonha e brutalidade. Eventualmente você quer ficar assim. [...]”<sup>79</sup> (1996, p. 8). A transição comportamental mostra a passagem da narradora de um comportamento submisso, resultado do anseio por continuar invisível, oriundo da marginalização do ameríndio e da mulher, para um modo de agir no qual o indígena expõe sua voz. Ao ponderar sobre os mecanismos envolvidos nos processos de cura, Donald Sandner observa:

[...] o cerne de todos os métodos culturais e psicológicos de cura, quer ocorram em sociedades letradas ou iletradas, é uma estrutura simbólica que explique ou, pelo menos, ofereça um contexto de significação para o sofrimento de seus membros. Há muito o que tolerar: a exaustiva monotonia da vida diária, o apocalíptico aparecimento de enfermidades e tragédias, e o sofrido resultado da

<sup>78</sup> “[...] It was full of unbelievable fantasies. [...]”.

<sup>79</sup> “[...] The result of being colonized is the internalization of the need to remain invisible. The colonizers erase you [...] with shame and brutality. Eventually you want to be stay that way. [...]”.

ignorância e da maldade humanas. Dentro da estrutura simbólica de sua cultura, o homem tenta criar um sentido satisfatório para esses sofrimentos e um método para curá-los (1997, p. 21).

A partir do comentário do estudioso, observa-se que a cura para uma mazela perpassa a compreensão de como ela afeta o sujeito. No caso da obra em estudo, a enfermidade da ameríndia decorre justamente da ausência da compreensão do ordenamento social e do lugar periférico a que é relegada a sua etnia. Adiciona-se que o racismo desencadeou em Bobbi um sentimento extremo de individualismo, que acarretou a tentativa de fuga da realidade por meio do consumo de entorpecentes. A superação do seu egocentrismo só se realiza por meio de interações sociais, permitindo à protagonista encontrar justificativas que a possibilitem atribuir um sentido aos seus dilemas pessoais.

Nota-se que a narração não retrata apenas os fatos anteriores à conscientização da protagonista a respeito da marginalização do indígena. A narradora comenta em sua história duas possíveis causas que relegaram o ameríndio à periferia social. A primeira é originada pelo preconceito étnico enfrentado pela comunidade nativa, tema recorrente na obra. O segundo motivo é a falta do engajamento político de parte da população nativa, pois a narradora afirma que “era realmente difícil mobilizar os indígenas em torno de assuntos políticos”<sup>80</sup> (MARACLE, 1990, p. 158). Ressalta-se que a ausência de uma força política dura pouco, visto que há descrição de vários movimentos organizados, que contam com a participação de inúmeros nativos, a fim de debater as condições impostas pelo governo a sua etnia.

Acrescenta-se que ao entrar no NARP, Bobbi conhece Ray, com quem terá um relacionamento mais estável. Mesmo sendo ameríndio, ele tenta modificar a protagonista na esperança de enquadrá-la no seu perfil, que acredita corresponder ao de boa mulher. A imagem dele sobre o feminino é exposta no momento em que ele a repreende devido ao uso de palavrões, de acordo com o fragmento: “Em primeiro lugar Ray disse que não era uma atitude feminina. Mas isso só me fez rir”<sup>81</sup> (MARACLE, 1990, p. 159). Percebe-se que o conceito de mulher defendido por ele não é o mesmo que o dela. Ao censurá-la, a personagem masculina demonstra uma

<sup>80</sup> “[...] it was really hard to mobilize Indians around political issues. [...]”.

<sup>81</sup> “[...] At first Ray said it wasn't ladylike. But that just made me laugh. [...]”.

visão estereotipada a respeito dos vocábulos de uso masculino e feminino, enquadrando o segundo em um conceito comportamental já pré-aceito pela comunidade. A atitude de Bobbi mostra que para ela, não é o uso de certas palavras que expressam a sua feminilidade.

Ao conviver com outros integrantes desse movimento, a protagonista começa a compreender certos escritos que abordavam diferentes perspectivas sócio-científicas, como os escritos de Malcolm X, Mao Tsé Tung e Fanon. Embora a personagem feminina compartilhe com Ray a visão referente à necessidade de posicionamento político do nativo, ele tenta, sem sucesso, limitar seu acesso ao conhecimento, conforme o fragmento:

Outra coisa que me incomodava em relação a Ray era que ele não me queria lendo seus livros. Eu não sei por quê. Acho que ele era meio obsessivo com seus livros. Ele me deu uma cópia de *Black Skin, White Masks* do Fanon e disse que eu deveria comprar meus próprios livros se eu quisesse começar a ler. Isso só me irritava e eu pegava um dos livros dele de qualquer maneira, dizendo, “Se você não gosta disto, apenas tente me impedir. Ele ficava bravo e dizia que eu não tinha respeito pela sua propriedade particular<sup>82</sup> (MARACLE, 1990, p. 159).

A leitura do trecho expõe duas perspectivas distintas tomadas pela mulher indígena. Percebe-se que a passagem demonstra o empenho da ameríndia a fim de construir sua própria percepção a respeito do lugar que deve ocupar dentro de sua comunidade. Além disso, o fragmento retrata o medo da figura masculina referente à obtenção do saber pelo sujeito feminino. O temor masculino ocorre porque, ao conhecer diferentes discursos sobre o ordenamento social, a mulher pode recusar a perspectiva escolhida pelo homem como correta e adquirir um ponto de vista diferenciado.

Nota-se que não é por deter o discurso sociopolítico que a concepção dela difere da visão de Ray, mas sim por Bobbi basear sua crença social em suas

---

<sup>82</sup> “Another thing that bugged me about Ray was that he didn’t want me reading his books. I don’t know why. Guess he was a sort of possessive about his books. He gave me a copy of Fanon’s *Black Skin, White Masks* and said I should buy my own books if I wanted to start reading. This just irritated me and I’d pick up one of his books anyway, saying, ‘If you don’t like it, just try and stop me!’ He got mad and said I had no respect for his personal property”.

vivências, conforme se observa no momento em que ela interfere na discussão entre seu parceiro e Ron:

“Estas divisões”, Ray calmamente replicaria, “têm sido trazidas pelo capitalismo”. Mas ele não podia explicar como; tudo parecia ser algum tipo de acidente. Minha experiência apenas não me permitia aceitar esses argumentos fracos a respeito da união proletária e da revolução.

“Olha, você quer que eu acredite que aqueles caras com quem eu tive muitos problemas, que iam constantemente à Reserva procurando mulheres – estuprando e roubando – estão indo fazer uma revolução para nos libertar da opressão? Você deve estar brincando! Não faz muito tempo, pegávamos o telefone e escutávamos estes trabalhadores falando sobre os porcos mestiços Lee – referindo-se a Joan, Joyce, Toni e eu. Nunca um homem branco me chamou para sair em um encontro normal, era sempre “Ei, você quer dar uma volta na montanha?” Nós todos sabíamos o que aquilo significava, então eu nunca tive um encontro com um garoto branco da vizinhança durante todo o meu ensino fundamental”<sup>83</sup> (MARACLE, 1990, p. 146).

Fica evidente que a protagonista não aceita que a união das pessoas em torno da classe social acarrete a transformação social desejada por Ray. O olhar de Bobbi perante o assunto expõe o racismo do branco em relação ao indígena como o elemento que torna inviável essa junção. Com a finalidade de sustentar seu argumento, ela resgata suas experiências com indivíduos caucasianos, relatando eventos nos quais ela era vítima de atitudes preconceituosas. A presença de suas vivências em seu argumento mostra que a questão étnica era um fator desconsiderado por teóricos ao escreverem acerca do funcionamento social. Ao expô-las, a protagonista denuncia uma tendência homogeneizadora dos estudiosos e chama a atenção para a heterogeneidade de cada grupo étnico.

Por compor sua opinião de fatos subjetivos, além de desconsiderar produções escritas anteriores ao seu momento, como as obras de Marx, Ray acusa Bobbi de

---

<sup>83</sup> “‘These divisions’, Ray would calmly reply, ‘have been brought about by capitalism’. But he couldn’t explain how; it all seemed to be some kind of accident. My experience just wouldn’t let me accept these wooden arguments about proletarian unity and revolution.

‘Look, do you want me to believe that those guys I had so much trouble with, who went over to the Reserve looking for Indian women – raping and plundering – are going to make a revolution to free us all from oppression? You gotta be kidding! It wasn’t very long ago when we’d pick up our phone and hear these workers talking about the ‘half breed Lee pigs’ – meaning Joan, Joyce, Toni and me. Not once did a white ask me out on a regular date; it was always, ‘hey you want to go for a ride up the mountain?’ We all knew what that meant, so I never had a single date with a white neighbourhood kid all through junior high school”.

racismo. O desprezo da personagem com relação a essas teorias não é fruto de uma postura racista, mas sim de não reconhecer o lugar ocupado pelo indígena, e conseqüentemente pela figura feminina, nos comentários de alguns autores lidos. O não-reconhecimento ocorre pelo estereótipo sustentado pelo homem branco, conforme exposto no excerto anterior, no qual o indivíduo feminino é tido como somente uma ferramenta de prazer sexual, destituído de outra função na sociedade, além de ter negado qualquer sentimento.

Mesmo tendo algumas posições divergentes, ambas as personagens decidem abandonar o NARP e partem para Ashcroft. A estadia nesse local permitiu com que eles elaborassem manifestações públicas em defesa do nativo, sem a ajuda de Gordie, simbolizando que o nativo não necessita da ajuda do branco para expor-se como sujeito político. Acrescenta-se que, assim como defende sua opinião publicamente, Bobbi começa a impor sua vontade perante seu parceiro, conforme se lê no fragmento:

[...] Eu estava ficando realmente enjoada com isso e disse a Ray que eu estava voltando para Vancouver. Ray apenas falou: “Você pode ir se quiser. Eu não estou certo ainda”. “Você pode vir quando estiver pronto”, eu falei para ele.  
Então no meio de agosto eu parti. [...] <sup>84</sup> (MARACLE, 1990, p. 189).

Considerando a atitude de Bobbi, a partir desse momento o leitor está diante de uma figura feminina que age para satisfazer suas próprias necessidades. Em decorrência disso, inicia-se o processo de individualização da feminilidade da protagonista, que culminará na sua presença no movimento composto por mulheres, no dia nove de setembro, a fim de defender os direitos indígenas.

Através do percurso elaborado observou-se que as três personagens femininas analisadas assemelham-se por nutrirem o anseio de ocupar e ter reconhecido o seu lugar de sujeito na comunidade canadense. Mesmo com essa similitude, os meios usados por elas com a finalidade de atingir seu objetivo diferem, visto que a personagem materna e Joyce tentam ingressar nessa sociedade enquadrando-se nos critérios já existentes. É somente ao afastar-se do ambiente

---

<sup>84</sup> “[...] I was getting really sick of it and told Ray I was going back to Vancouver. Ray just said, ‘You can leave if you want. I’m not sure yet’. ‘You can come when you’re ready’, I told him. So in mid August I left. [...]”.

ocupado por essas duas mulheres, passando a conviver em diferentes localidades e com indivíduos que possuíam outras visões a respeito do funcionamento da ordem social, que a protagonista descobre outra forma de fazer parte da sociedade. Com isso, a subalternidade a que sua mãe e sua irmã se submetem entra em contraste com o comportamento que Bobbi adquire através de suas experiências fora do lar, conduta essa marcada pela busca de uma autoafirmação do sujeito nativo como um ser apto a tomar ações na esfera social a fim de melhorar a condição de seu grupo. Portanto, torna-se inviável estabelecer um conceito uno para definir a figura nativa feminina, visto que ela é marcada por duas faces distintas que são reveladas através das ações realizadas pelas mulheres. Uma é a conformidade feminina com os padrões já fixados pela sociedade, a outra é o questionamento desses padrões a fim de denunciar as mazelas existentes na comunidade canadense para que o nativo consiga afirmar-se como um sujeito autônomo.

## Conclusão

A partir do percurso realizado nesta dissertação, observou-se que as atitudes tomadas pelos colonizadores canadenses a fim de estabelecer o sistema social vigente sempre excluíram a figura do nativo. Sua supressão foi sustentada durante e após o período colonial, por critérios que desqualificavam o ameríndio enquanto sujeito político, colocando-o em uma posição inferior a outros membros da sociedade. A perpetuação dessa visão depreciativa ocorreu através de inúmeras formas de expressão. Conseqüentemente, o nativo não teve direito de participar nos rumos da sociedade criada pelo colonizador, ficando relegado a uma posição periférica.

Mesmo as ações públicas que objetivavam a inserção do indígena na comunidade não foram suficientes para que ele fosse completamente aceito na sociedade. As medidas tomadas pelo governo não o protegiam da violência étnica a que ficou exposto ao frequentar as instituições de ensino. O contato com indivíduos racistas e a deturpação dos valores tribais transmitida pelas instituições de ensino não contribuíram para que o sujeito indígena assumisse um lugar social de importância no Canadá. Ao invés disso, essa interação impôs a muitos ameríndios os padrões da sociedade branca como corretos, destruindo as concepções tradicionais de vida do nativo. Por consequência, o pensamento da suposta inferioridade do índio canadense perante o cidadão branco foi internalizado pelo próprio ameríndio.

Entretanto, o ambiente responsável por validar a marginalização dessa classe proporcionou-lhe a chance de compreender os mecanismos pelos quais as ideologias do grupo majoritário eram transmitidas. Com isso, alguns indígenas visualizaram no domínio da linguagem oral e escrita e das expressões discursivas do colonizador uma forma de denunciar o descaso da sociedade com seu grupo étnico. Mesmo sendo pautado na tradição escrita, observa-se que o discurso literário proveniente da escrita ameríndia apresenta características semelhantes à prática da

oratória. Logo, o gênero literário e suas diversas formas de expressão, entre elas a autobiografia, tornaram-se uma das diversas ferramentas utilizadas pelo sujeito indígena como forma de questionar a realidade na qual está inserido, e com isso expor os conceitos que embasam a cultura nativa.

Conforme apresentado, as similitudes principais entre o texto literário e a oratória residem no seu caráter social, pois estes são instrumentos que perpetuam a ideologia do escritor/contador por meio da palavra narrada. Ainda que possuam esse vínculo em comum, o texto ameríndio não pode ser definido como uma produção vinculada estritamente ao gênero literário escrito. Levando em conta que o produto literário é uma ferramenta de disseminação de ideais na sociedade caucasiana canadense, alguns indígenas, como Lee Maracle, perceberam no universo escrito a oportunidade de contar e registrar a história de seu povo, fato que possibilita a disseminação do conhecimento das narrativas ameríndias. Tendo em vista o objeto de estudo desta dissertação, o texto autobiográfico *Bobbi Lee: Indian Rebel*, foi visto que a escrita ameríndia não apresenta somente as características apontadas pelos críticos literários que definem os gêneros literários. A escrita de Maracle revela que as manifestações provenientes da literatura podem conter traços de distintas culturas, definindo a literatura como um produto híbrido.

As teorias vigentes no cenário acadêmico, como o pós-modernismo, o pós-colonialismo e o feminismo, contribuíram para a ampliação do público leitor dessas obras. Essas perspectivas não as ignoram, pelo contrário, valorizam as manifestações discursivas devido a suas contribuições para a problematização de questões ligadas aos elementos estruturais do discurso, ao gênero e ao processo colonial. No que tange ao campo literário, a singularidade dessas produções reside na presença de traços oriundos de várias formações genéricas pertencentes ao discurso literário. Consequentemente, a escrita nativa rompe com a noção clássica de literatura que limitava a obra a apenas uma categoria.

A ruptura com o padrão fixado pela tradição permite a vinculação das produções literárias a um determinado microgênero, mesmo que a produção escrita não contemple todos os atributos preestabelecidos pela crítica. Assim, os textos nativos contribuem para demonstrar a impossibilidade da defesa do texto literário como uma produção pura, em outras palavras, ele não é um texto vinculado a

somente uma formação discursiva. Levando em conta que o texto estudado foi composto por traços da cultura oral nativa, é impossível julgá-lo apenas tendo em mente os aparatos teóricos proporcionados pelas teorias acadêmicas que abordam a narrativa literária por um viés crítico tradicional. Conforme visto, as noções provenientes do próprio indígena acerca da natureza da contação de estória convergem e divergem em certos pontos com a tradição imposta pelos aparatos institucionais referentes à presença da literariedade em uma obra.

É esse contato entre as duas culturas na composição do texto escrito que enriquece o valor estético da obra, visto que é ele que justifica as alterações no manejo dos elementos estruturais do texto escrito. Com isso, a falta dos traços tidos como essenciais não é uma justificativa plausível para a exclusão da manifestação literária. Por meio da análise de *Bobbi Lee: Indian Rebel*, notou-se que o texto contém os traços necessários para ser considerado como uma autobiografia, mesmo rompendo com uma das características primárias postuladas por Lejeune, a aproximação explícita da figura do narrador com o autor do texto. Acrescenta-se ainda que o rompimento com a estrutura tradicional do gênero autobiográfico possibilita a aproximação da autobiografia estudada com o *Künstlerroman*, fato que permite compreender algumas das temáticas abordadas nos escritos posteriores de Lee Maracle, além das motivações das personagens protagonistas de seus outros romances que, conforme observado através dos enredos das obras, sofrem o mesmo processo, vivido pela autora, a respeito da conscientização acerca da marginalização da mulher nativa.

Conforme visto na análise referente ao gênero literário, a inserção de traços da oratória na escrita autobiográfica provocou duas variações em relação à estrutura do texto autobiográfico elaborada por Lejeune. Em primeiro lugar houve um distanciamento entre a figura do autor e o sujeito narrativo, rompendo com o terceiro critério proposto pelo teórico francês. Essa ruptura é ocasionada pelas intervenções de Maracle e Barnett na forma e no conteúdo do discurso de Bobbi, exaltando assim a necessidade do trabalho em conjunto a fim de criar uma estória. O segundo rompimento causado pela união dessas duas práticas distintas encontra-se no questionamento que coordena a narrativa. Em vez de contar sua história para entender quem o autobiógrafo é, Maracle procura mapear a que grupo social ela

pertence. Com isso, um gênero que contém, originalmente, um posicionamento egocêntrico por parte de seu narrador, torna-se uma tentativa individual para definir primeiramente o seu grupo na sociedade e seus integrantes.

A análise do fragmento “Oka Peace Camp – September 9, 1990” expôs a intencionalidade da escritora que procura, com a publicação do segundo volume, fazer com que seu texto conscientize um número maior de indivíduos. Conforme exposto, a omissão da luta feminina no subtítulo da obra expõe a intencionalidade da autora que, ao editar novamente seu texto, procura chamar a atenção de indivíduos de outras etnias para que reflitam acerca dos processos resultantes de sua marginalização. É partindo do princípio de que a marginalidade imposta ao indígena e também aos demais grupos étnicos no Canadá tem sua origem na tradição dominante, que a escritora defende a unificação dos sujeitos marginalizados em torno da luta pelo reconhecimento social que permitirá com que eles deixem de ocupar posições periféricas e assumam o papel ativo como agentes sociais.

Entretanto, mesmo expressando seu desejo de identificar indivíduos de outras etnias que compartilhem de sua trajetória, a escritora não esconde a importância de que cada pessoa conheça as condições históricas singulares de sua etnia no território canadense. Esse conhecimento permite com que membros de um grupo não sejam manipulados pelos demais. No caso da produção estudada, a abordagem exclusiva do contexto social no qual a personagem protagonista se encontra, por meio de suas interações sociais e de seus passos para sua conscientização política, possibilita retratar faces da feminilidade indígena. Como analisado, observou-se a incapacidade de deduzir uma imagem única que caracterize a mulher indígena, visto que as personagens estudadas apresentam comportamentos diversos, a fim de se posicionarem como sujeitos ativos em seu país.

Destaca-se que, mesmo com a natureza comportamental ímpar de cada personagem feminina analisada, o ponto em comum de suas atitudes está ligado com a forma pela qual elas se percebem como seres integrantes da etnia nativa. A divergência entre o comportamento da protagonista em relação ao de sua mãe e sua irmã tem o propósito de evidenciar o ponto inicial do trajeto percorrido pela narradora-personagem que culmina em sua conscientização política, fazendo com que Bobbi rompa com o pensamento que justifica a marginalização do nativo. Ao

desfazer tal postura, a posicionamento questionador de Lee Maracle é desencadeado e tem sua expressão por meio da palavra literária. O uso do texto literário a fim de dar voz a suas indagações marca a transformação da personagem-título que, ao encontrar as respostas para seus questionamentos acerca da conduta que o ameríndio deve assumir socialmente, assume a personalidade da escritora Lee Maracle, que procura denunciar, com suas produções literárias, a dura realidade enfrentada pela figura feminina ameríndia na sociedade canadense.

Portanto, conclui-se que a imersão do indígena canadense no universo literário permitiu que suas concepções culturais e sociais não ficassem limitadas somente aos membros de sua etnia, atingindo assim um maior número de sujeitos. Ao inserir na tradição literária traços referentes à contação de estória, e com isso assume a voz de sujeito narrador de sua realidade, o índio canadense transforma esse instrumento antes usado para menosprezar sua imagem perante os outros, em ferramenta que o valoriza. Por meio deste trabalho observou-se que a escrita de Maracle utiliza algumas das convenções preestabelecidas a respeito da natureza da autobiografia e rompe com outras, destacando a natureza híbrida deste microgênero narrativo, já que ele contém traços da cultural literária europeia e da oratória nativa. Acrescenta-se que a leitura de outras produções em prosa da autora possibilitou a visão de similaridades na escrita de Maracle, pois foi observado que seus textos apresentam a mesma temática, uma mulher que vive dentro da lógica dominante e, ao vivenciar determinados eventos, passa a questionar os valores da sociedade canadense e a forma pela qual o ameríndio é tratado nela. Essas indagações são os fatores que impulsionam as protagonistas de Maracle a procurarem a lógica existente no pensamento nativo para assim afirmarem-se como sujeitos. Sendo assim, como a temática abordada em *Bobbi Lee: Indian Rebel*, ou seja, a mulher em busca do seu lugar, encontra-se disseminada nos demais romances da autora, seria interessante investigar a forma pela qual a prática da oratória altera os elementos primordiais que compõem o gênero romanesco, tornando-o assim uma ferramenta de disseminação dos valores do ameríndio.

## Referências

ARMSTRONG, Jeanette. Foreword. In: MARACLE, Lee. *Bobbi Lee: Indian Rebel*. Toronto: Women's Press, 1990.

BEARD, Laura J. Giving Voice: Autobiographical/Testimonial Literature by First Nations Women of British Columbia. *Studies in American Indian Literatures*, v. 12, n. 3, p. 64-83, 2000.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BENJAMIN, Walter. O narrador: Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral*. São Paulo: Nacional/EDUSP, 1976.

CAMPELLO, Eliane T. A. *O Künstlerroman de autoria feminina: a poética da artista em Atwood, Tyler, Piñon e Valenzuela*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2003.

CAROLAN-BROZY, Sandra. "You don't concern me now" vs. "Why we must talk": Lee Maracle's biotexts. *Anglophonia: French Journal of English Studies*, v. 1, p. 55-66, 1997.

CHAMBERLIN, J. Edward. From Hand to Mouth: the Postcolonial Politics of Oral and Written Traditions. In: BATTISTE, Marie. *Reclaiming Indigenous Voice and Vision*. Vancouver: University of British Columbia Press, 2000. p. 124-141.

COOK-LYNN, Elizabeth. The American Indian fiction writers: cosmopolitanism, nationalism, Third World and First Nations Sovereignty. In: \_\_\_\_\_. *Why I Can't Read Wallace Stegner and Other Essays: A Tribal Voice*. Madison: University of Wisconsin Press, 1996.

CURRIE, N. E. Natives in Literature. In: NEW, W. H. (Ed.). *Encyclopedia of Literature in Canada*. Toronto: University of Toronto Press, 2002. p. 800-802.

DERRIDA, Jacques; RONELL, Avital. The Law of Genre. *Critical Inquiry*, n. 1, v. 7, p. 55-81, 1980. Disponível em: <<http://www.jstor.org/pss/1343176>>. Acesso em: 23 set. 2008.

DVORAK, Marta. Yes, but is it Literature? *Commonwealth*, v. 18, n.1, p. 22-30, 1995.

FROW, John. Reproducibles, Rubrics, and Everything You Need: Genre Theory Today. *PMLA*, v. 122, n. 5, p. 1626-1634, 2007.

FUNCK, Susana Bornéo. A construção discursiva da mulher como Outro. *Literalis*, Santo Ângelo, v. 3, p. 147-154, 2004.

GONZÁLEZ, Esther Sánchez-Pardo. Rewriting History, Post-Coloniality and Feminism: Lee Maracle's Autobiographical Works. *Revista Canaria de Estudios Ingleses*, n. 28, p. 161-176, 1994.

GRAULLER, Lally. First Nations Literature. In: NEW, W. H. (Ed.). *Encyclopedia of Literature in Canada*. Toronto: University of Toronto Press, 2002, p. 369-376.

HIGHWAY, Tomson. *Comparing Mythologies*. Ottawa: University of Ottawa Press, 2003.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KRUPAT, Arnold. Native American autobiography and the synecdochic. In: \_\_\_\_\_: *Ethnocriticism: Ethnography, History, Literature*. Berkeley: University of California Press, 1992, p. 201- 231.

LACERDA, Maira Primo de Medeiros. *Life and Writing in Works by Lee Maracle: A Native Canadian Woman's Search for Development*. Rio de Janeiro, 2007. Dissertação [Mestrado em Literaturas de Língua Inglesa] – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2007.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico*. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2008.

LUTZ, Hartmut. *Contemporary Challenges: Conversations with Canadian Native Authors*. Saskatoon: Fifth House, 1991.

MARACLE, Lee. *Bobbi Lee: Indian Rebel*. Toronto: Women's Press, 1990.

\_\_\_\_\_. *Daughters Are Forever*. Vancouver: Polestar, 2002.

\_\_\_\_\_. *I Am Woman: A Native Perspective on Sociology and Feminism*. Vancouver: Press Gang, 1996.

\_\_\_\_\_. Oratory on Oratory. In: KAMBOURELI, Smaro; MIKI, Roy (Eds.). *Trans.Can. Lit: Resituating the Study of Canadian Literature*. Waterloo: Wilfrid Laurier, 2007. p. 55-70.

\_\_\_\_\_. *Sojourners and Sundogs*. Vancouver: Press Gang, 1999.

McCALL, Sophie. A Life Has Only One Author: Twice-Told Aboriginal Life Narratives. *Canadian Literature*, n. 172, p. 70-90, 2002.

McFARLANE, Christine. Maracle's First Wives Club Released by Theytus. Disponível em: <<http://www.ammsa.com/publications/ravens-eye/maracle%E2%80%99s-first-wives-club-released-theytus>>. Acesso em: 15 ago. 2012.

MEECH LAKE ACCORD AND ELIJAH HARPER. Disponível em: <<http://www.xtimeline.com/evt/view.aspx?id=449240>>. Acesso em: 12 out 2012.

PETRONE, Penny. Aboriginal Legends. In: BENSON, Eugene; TOYE, William (Eds.). *The Oxford Companion to Canadian Literature*. Toronto: Oxford University Press, 1997. p. 3-17.

\_\_\_\_\_. Maracle, Lee. In: BENSON, Eugene; TOYE, William (Eds.). *The Oxford Companion to Canadian Literature*. Toronto: Oxford University Press, 1997. p. 724-725.

RESIDENTIAL SCHOOL: A History of Residential School in Canada. Disponível em: <<http://www.cbc.ca/news/canada/story/2008/05/16/f-fags-residential-schools.html>>. Acesso em: 29 jan 2012.

SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SANDNER, Donald. *Os navajos e o processo simbólico de cura: uma investigação psicológica dos seus rituais, magia e medicina*. São Paulo: Summus, 1997.

SCHNEIDER, Liane. *Lee Maracle e Eliane Potiguara: escritoras canadenses e brasileiras discutem suas construções identitárias a partir de posições descentradas*. Disponível em: <<http://www.nec.ila.furg.br/eloina2/6.pdf>>. Acesso em: 2 fev 2011.

SOUZA, Lynn Mario T. Menezes. As visões da anaconda: a narrativa escrita indígena no Brasil. *Semear*, n. 7. Disponível em <[http://www.letras.puc-rio.br/catedra/revista/7Sem\\_16.html](http://www.letras.puc-rio.br/catedra/revista/7Sem_16.html)>. Acesso em: 22 abr 2012.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2010.

TYNIA NOV, J. Da evolução literária. In: EIKHENBAUM, B. et al. *Teoria da literatura: formalistas russos*. Porto Alegre: Globo, 1973. p. 105-118.

TODOROV, Tzvetan. *Os gêneros do discurso*. Lisboa: Edições 70, 1981.

VIAGEM. In: CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 24 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009. p. 952.

WALKER, Alice. In Search of Our Mothers' Gardens. In \_\_\_\_\_. *In Search of Our*

*Mothers' Gardens: womanist prose*. Orlando: Mariner Books, 1984. p. 231 – 243.

WARLEY, Linda. Reviewing Past and Future: Postcolonial Canadian Autobiography and Lee Maracle's *Bobbi Lee: Indian Rebel*. *Essays on Canadian Writing*, n. 60, p. 59-77, 1996.